



DEOLINDO AMORIM

ANÁLISES ESPÍRITAS

(Livro compilado por *Celso Martins*, com plena concordância de *Delta dos Santos Amorim* e ajuda prestimosa de *Enéas Pereira Dourado*, *Zilda Alvarenga* e *Yedda Macedo Sampaio*)

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA DEPARTAMENTO EDITORIAL Rua Souza Valente, **17 20941-040** — Rio-RJ — Brasil

ÍNDICE GERAL

Considerações do compilador (Celso Martins)

- 1** — Espiritismo em casa.....
- 2** — Nós e os guias.....■•••.. A- **14**
- 3** — Missão e opção **18**
- 4** — Fé e convicção **22**
- 5** — Lição que não envelhece **26**
- 6** — Reflexão sobre o conhecimento **30**
- 7** — Autodidatismo e reencarnação... **34**
- 8** — Literatura mediúnica **38**
- g — A prece nas experiências mediúnicas **40**
- 10** — Pontos de coincidências doutrinárias **45**
- 11** — Kardec e Richet **52**
- 12** — Passado e presente **59**
- 13** — Biografia e senso crítico **63**
- 14** — Posições críticas..... **70**
- 15** — Reflexos das lições de Allan Kardec **75**
- 16** — A liberdade espiritual e as contenções corporais **82**
- 17** — Assistência espiritual..... **92**

18	— Vida de jornal.....	98
19	— O Espiritismo e a questão social	103
20	— Conhecimento e vivência.....	110
21	— Lei escrita e lei moral	114
22	— Crença e renovação	120
23	— Allan Kardec e a reencarnação	124
5		
ANÁLISES ESPÍRITAS		
24	— Lição da experiência.....	128
25	— Allan Kardec e o espírito científico	132
26	— Filosofia e filosofias	136
27	— Mensagens impessoais.....	140
28	— Aspectos da evolução	147
29	— Reencarnação e ambiente.....	151
30	— Ética e progresso	156
31	— Enriquecimentos e adaptações	163
32	— Problemas inevitáveis.....	167
33	— Condicionamentos e hábitos ...	171
34	— Conhecimento e progresso.....	176
35	— Livros e hábitos.....	180
36	— A Doutrina Espírita e as mudanças históricas	184
37	— Entre os conceitos e a vivência	195
38	— Frustração e reencarnação .	201
39	— Visão espírita do homem	207
40	— Reflexões sobre a prece.....	213

CONSIDERAÇÕES DO COMPILADOR

CELSO MARTINS

Sem favor nenhum foi Deolindo Amorim um produtivo jornalista e lúcido escritor, membro da Academia de Letras do Estado do Rio de Janeiro, da Associação Brasileira de Imprensa e de outras entidades culturais, formado que era em Sociologia pela antiga Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil e, posteriormente, formado também em Serviço Social. Como homem de imprensa, escreveu em diversos jornais do Rio de Janeiro ao tempo em que aqui se situava a Capital Federal e dentre estes jornais estava o venerando Jornal do Com- mercio.

Na seara espírita, onde travou amizades sólidas com inúmeros confrades desde os anos 30, destacou-se como orador seguro, discorrendo de maneira simples porém escorreita, sempre fidelíssimo à orientação das obras de Allan Kardec

tanto em ambientes universitários como em centros modestos desta cidade, de cidades vizinhas e de outros Estados da Federação. Escreveu vários livros, como "Africanismo e Espiritismo", "O Espiritismo à Luz da Crítica", "Espiritismo e Criminologia", "O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas", "O Espiritismo e os Problemas Humanos", além de aparecerem colaborações suas em diversas antologias e anuários espíritas.

Talvez se fez mais conhecido por sua participação à frente do Instituto de Cultura Espírita do Brasil, por ele fundado em 7 de dezembro de 1957 e presidido até sua desencarnação, em abril de 1984.

Deolindo Amorim escreveu em inúmeros periódicos espíritas do Brasil e do Exterior. Sinceramente, após sua volta ao Grande Além, preocupou-me cair no esquecimento as páginas magistrais que ele estampava em órgãos que, em alguns casos, nem mais circulam. Eram artigos, comentários, observações, crônicas, relatos, via de regra citando o tempo todo o nome de Allan Kardec e de Léon Denis (seus autores preferidos em matéria de Espiritismo), e que mais pareciam aulas vivas de Doutrina Espírita, tal a maneira clara e simples, oportuna e objetiva como se expressava, aliás do mesmo modo e jeito como falava na tribuna. Tive o desejo de reunir esta enorme bagagem jornalística do saudoso confrade (com quem só conversei pessoalmente pouquíssimo e trocamos cartas e telefonemas no máximo umas dez vezes) em livros, no que fui prontamente autorizado pela sua companheira, a nossa irmã Delta dos Santos Amorim, que, além de Zilda Alvarenga, de Enéas Pereira Dourado e de Yedda Macedo Sampaio, me entregou farto material neste sentido. Agradeço a ajuda destas pessoas que vão aí citadas.

Foi assim que até agora já saíram os livros "Recordando Deolindo Amorim" (Ed. do Lar/ABC do Interior, de Capivari, SP), "Ponderações Doutrinárias" (Federação Espírita do Paraná) e "A Voz da Experiência" (pela Casa Espírita Cristã, de Vila Velha, ES). Muito material ainda tenho em casa em arquivos especiais para posterior publicação, se isto for possível.

Foi assim também que, com o aval inestimável da Federação Espírita Brasileira, na pessoa do nosso dileto confrade Juvanir Borges de Souza, este livro é oferecido ao público espírita de nosso país.

Cuidadosamente citei a fonte, quer dizer, o periódico, a cidade, o mês e o ano da publicação, só não o fazendo quando o recorte estava incompleto.

Como poderá observar o leitor, em certas análises aqui reunidas, alvitrei por bem suprimir, dos escritos originais, algumas frases repetitivas, reafirmando o que já estava exposto nas linhas anteriores. Assim, tais supressões, na tentativa de tornar a leitura mais atraente nos dias atuais, eu as indiquei usando reticências, postas entre parênteses, conforme nos ensina a gramática nas regras de pontuação.

Para finalizar, devo lealmente confessar que fico muito grato à Federação Espírita Brasileira, em cuja diretoria tenho tantos amigos queridos há anos, pelo

apoio dado na editoração desta obra, desde já parabenizando quem vai lê-lo.
Rio de Janeiro, março de 1993

1 ESPIRITISMO EM CASA

Rara, atualmente, é a casa de espírita onde não se faz o *culto doméstico*. A iniciativa tomou corpo entre nós e já se expandiu muito em todo o país. Entretanto, muita gente procura sessões mediúnicas a todo custo, como se fosse a *salvação*, ainda não pensou seriamente no que significa uma reunião, em família, para estudar a Doutrina, fazer prece e meditar. Sempre que uma família se reúne com propósito de estudar e pensar nos problemas espirituais, sem a preocupação de provocar fenômenos ou fazer consultas particulares aos Espíritos, muitas vezes sobre assuntos terra-a-terra, cria um campo de vibrações renovadoras dentro de casa. Por isso mesmo, uma casa onde se absorve a Mensagem do Cristo, explicada em espírito e verdade, pela Doutrina Espírita, é uma casa bem protegida, não porque haja algum Espírito à disposição "íomando conta da porta", mas porque os bons pensamentos iluminam o ambiente e, por isso, formam invisivelmente uma espécie de sistema de defesa contra influências negativas ou perturbadoras. Muitos problemas já se resolveram e muitas situações difíceis já foram atenuadas ou removidas através do culto familiar da prece, com o pensamento voltado para o Cristo. Fiquemos certos de que o culto doméstico, praticado regularmente, sem pressa, sem desvios nem formalismos, mas com todo o sentimento de amor e caridade no coração, sempre nos dá forças e ainda irradia boas vibrações pela vizinhança.

Há pessoas, no entanto, que gostam de fazer Espiritismo "em casa" sem, pelo menos, as noções básicas da Doutrina. É a curiosidade vulgar que domina, não é o estudo sério. Fazem questão da presença dos guias espirituais. Mas... para quê? Para colher informações, para pedir orientação espiritual? Não. Apenas para "conversar" a dois, cada qual fazendo e desejando "mundos e fundos" para a vida terrena; nada sobre os problemas de ordem espiritual, que são decisivos, mais do que possa parecer. Não se trata propriamente de culto doméstico, mas apenas de sessão particular, e para fins imediatos. Há pessoas que, por inexperiência, querem resolver problemas graves de obsessões dentro de casa, sem a necessária cobertura mediúnica, sem uma corrente espiritual cuidadosamente preparada, sem a assistência de elementos já integrados na prática mediúnica. Há trabalhos que só devem ser tentados ou realizados nos centros que tenham um corpo mediúnico e sejam dirigidos por pessoas capazes de conduzir as sessões desse tipo com o devido equilíbrio. Não se pode improvisar neste terreno.

As sessões familiares devem ser destinadas à preparação doutrinária, ao exercício da caridade espiritual por meio da prece e de uma palavra de conforto. Os casos de perturbação, já em forma obsessiva, exigem condições especiais, não

podem ser tratados no ambiente doméstico, sem elementos de confiança. Devem ser encaminhados aos centros, porque estes naturalmente dispõem de médiuns e ambiente adequado. É bom, é salutar fazer Espiritismo em casa, mas para elucidar, orientar e amparar à luz da Doutrina.

(Revista "Presença Espírita" — Salvador — Bahia — sem data indicada.)

2 NÓS E OS GUIAS...

(...) os Espíritos abstêm-se de revelar o que o homem pode descobrir por si mesmo... Allan Kardec — "A Gênese" — Cap. I, nº 50.

Li, não me lembro em que obra, e já faz muito tempo, o caso de uma pessoa que, tendo-se convertido às ideias espíritas, passou a participar de sessões com frequência e entusiasmo. Parecia empolgada com o Espiritismo. E, por isso mesmo, queria saber de tudo, logo nos primeiros dias, com uma "sede de conhecimentos" realmente insaciável. Cada vez que chegava ao grupo, colocava uma série de questões sobre a mesa a fim de que o Espírito-guia desse as respostas prontas e acabadas. Queria logo o "preto no branco", como se diz no jargão popular. Eram perguntas e mais perguntas, cada qual mais complexa, acerca de dúvidas filosóficas e sutilezas das mais transcendentais. E tanto perguntou, tanto perguntou, que lá um belo dia alguém, ou o próprio Espírito instrutor do grupo lhe teria falado mais ou menos assim:

— Espere aí, companheiro, você também precisa pensar e procurar as respostas pelo seu esforço próprio.

E é assim mesmo. O ilustre e sempre saudoso Carlos Imbassahy, glória realmente autêntica da literatura espírita, com a sua verve riquíssima de homem bem-humorado, que não dava gargalhadas, mas fazia a gente rir a todo momento, falou, certa vez, durante uma conferência, sobre as pessoas que gostam dos "raciocínios feitos", não se dão ao trabalho de pensar e pedem aos outros que leiam, pensem, "mastiguem" tudo direitinho e, depois, digam a que conclusão chegaram... Seria fácil, mas a verdade é que os Espíritos realmente orientadores sabem quando devem revelar as coisas, mas também, em muitos casos, preferem deixar que o homem apreenda por si mesmo, estudando, refletindo e procurando.

Obviamente, se os guias espirituais nos dissessem tudo ou dessem respostas completas e imediatas a todas as nossas perguntas, ficaríamos no hábito do menor esforço, esperando sempre a sabedoria do Alto, sem o mínimo trabalho de nossa parte. Os Espíritos instrutores esclarecem muitas dúvidas, e a experiência bem o demonstra, mas a criatura humana, por sua vez, deve habituar-se a pensar, raciocinar e procurar soluções por si mesma, sem o que nunca se adiantará em conhecimento e experiência. A abdicação da capacidade própria pode correr o risco de cair no círculo vicioso. E não é o que se aprende na Doutrina, pois a lição

espírita nos faz ver claramente, e muito pelo contrário, que os Espíritos não nos liberam da obrigação de estudar e descobrir soluções pela perseverança e pelo desejo de acertar. Claro que as nossas limitações não nos permitem encontrar respostas plenamente satisfatórias a determinadas questões. Há ocasiões em que precisamos realmente recorrer aos Espíritos orientadores, pedindo luzes, quando nos defrontamos com problemas cuja compreensão está muito acima de nossas possibilidades; mas nem por isso devemos ficar no hábito de pedir explicações aos guias espirituais a respeito de tudo ou de qualquer "probleminha" que nos apareça...

Inegavelmente as nossas relações com o plano espiritual são constantes. Consciente ou inconscientemente, somos influenciados por Espíritos, que tanto nos trazem boas ideias como nos induzem a direções e resoluções inconvenientes, senão perigosas. Sim, estamos em relação com o mundo espiritual, não há a menor dúvida, mas isto não quer dizer que tenhamos de viver, em tudo por tudo, na dependência dos Espíritos, como se fôssemos autômatos, sem vontade, sem ideias próprias. Se assim fosse- nunca será demais insistir —, não haveria progresso. Os verdadeiros instrutores espirituais não querem dependência, mas querem, afinal, que aprendamos a procurar o caminho da vida, que nos esforcemos para enriquecer o nosso conhecimento e melhorar o padrão moral de nossa vida. Chegamos, assim, a uma verdade pacífica e elementar para quem estuda a Doutrina Espírita: os Espíritos nos auxiliam (e aí de nós, se não fosse a presença deles, nem sempre percebida!). Mas nós, criaturas humanas, temos de fazer a nossa parte.

Até mesmo em relação a certas questões doutrinárias, que ainda nos causam dúvidas, não podemos ficar esperando que o Alto nos mande a resposta fácil e completa. Não. Claro que não há dificuldade quanto ao pen- samento da Doutrina exatamente nos pontos básicos, sobre os quais todos se entendem sem dificuldade. Mas o desdobramento da Doutrina, às vezes, nos põe diante de umas tantas questões muito complexas e, por isso mesmo, precisamos reler, discutir e meditar com paciência até que encontremos uma *saída*. É um esforço válido e

16

ANÁLISES ESPÍRITASmeritório. Não seria, pois, recomendável abandonar o trabalho e mandar o assunto, displicentemente, para uma consulta ao guia do centro, esperando que a resposta viesse imediatamente, já "prontinha" e acabada. Seria muito cômodo, mas teria o sério inconveniente de nos predispor à indolência intelectual, que é um entrave ao desenvolvimento espiritual. Então, os guias espirituais devem pensar por nós? E o nosso trabalho, as nossas conquistas? Pensar assim ou querer fazer dos Espíritos verdadeiros "tira-teimas" é uma distorção do pensamento espírita. Devemos ter a necessária humildade para reconhecer a nossa ignorância e pedir o auxílio aos mentores espirituais quando nos faltam recursos ou instrumentos. Mas nunca chegar à negligência e confiar somente na palavra que vem do Alto. Seria uma deformação. Se os guias, finalmente, nos apontam o caminho, e já fazem muito, não esperemos que eles

venham caminhar em nosso lugar, pois nós é que temos de caminhar, se quisermos chegar ao objetivo desejado.

Os Espíritos ajudam muito, mas não devemos abusar, justamente para que por força da rotina não venhamos a banalizar as preciosas lições e advertências do Alto.

(Revista "Presença Espírita" — Salvador — Bahia — sem data indicada.)

3 MISSÃO E OPÇÃO

No livro "Fonte Viva", editado pela FEB, da autoria espiritual de Emmanuel através do médium Chico Xavier, lição **72**, encontramos estas palavras: Há méritos celestiais naquele que desce ao pântano sem contaminar-se, na tarefa de salvação e reajustamento.

Estas palavras, naturalmente, nos encaminham, por associação de ideias, à Questão **178** de "O Livro dos Espíritos", onde encontramos, na realidade, um pensamento coincidente, embora através de outras palavras. Diz a questão que pode haver reencamação em mundos inferiores à categoria de certos Espíritos, quando estes estão em missão. Nem sempre, portanto, é prova. O Espírito em missão, como ensina a Doutrina, pode descer ao pântano, muitas vezes, a fim de auxiliar o progresso de uma criatura, de um grupo ou de uma coletividade inteira. Vão aos escombros do pântano moral, mas não se contaminam, no dizer de Emmanuel. Missão difícil, delicadíssima, por causa dos arrastamentos, mas missão nobre.

Quando o médico, no cumprimento de sua missão, entra em ambientes pestilentos, sabendo que há doenças contagiosas, naturalmente já sabe de que recursos precisa para a imunização. O Espírito que reencarna com a missão de trabalhar em ambientes corrompidos moralmente tem necessidade de recursos imunológicos, mas de outra natureza: a vigilância, a prece, o esforço constante para não se deixar contagiar. É missão e experiência ao mesmo tempo. Ensina a Doutrina, ainda mais, que o Espírito, antes de sua volta à Terra, escolhe o gênero de vida (Questão **258** do livro já citado), desde que já esteja em condições de fazer opções, pois há Espíritos tão atrasados que nem sequer têm o discernimento necessário para uma escolha.

Muitos Espíritos, portanto, dentro de sua faixa de livre-arbítrio, embora relativo, preferem certas missões penosas. E uma delas, não há dúvida, é ter que conviver com pessoas de condição espiritual inferior, suportando o desafio de costumes desregrados, convivendo até com a depravação, mas precisam trabalhar em tais ambientes, auxiliando o progresso dos elementos decaídos. Pelos próprios planos de trabalho no processo reencarnatório, há Espíritos que, uma vez reencarnados, são distribuídos naturalmente para determinados campos de ação. E por lá permanecem muito tempo. É a missão escolhida ainda no plano espiritual,

segundo o ensino da Doutrina. Nem todos, porém, aguentam a experiência e, por isso, desertam, ou saem contaminados.

Há um determinismo nessa experiência, inegavelmente, pois o Espírito está condicionado às consequências da missão preferida. Até certo ponto, naturalmente, a missão escolhida condiciona o Espírito, prendendo-o ao meio como se fosse uma situação fatal. Mas não podemos esquecer que houve, antes, a escolha do próprio Espírito, que traçou esse tipo de vida. Ora, se houve escolha, evidentemente o Espírito usou de seu livre-arbítrio. Logo, os dois termos (fatalismo e livre-arbítrio) não podem ser tomados em sentido absoluto.

Não podemos interpretar o ensino ao pé-da-letra, querendo entrar em pormenores que não podemos prever. O fator circunstancial pode influir muito no tempo e no espaço. Todavia, o certo é que, na vida prática, são inúmeros os casos de pessoas que, tendo capacidade e condições para viver em ambientes melhores, ficam muito tempo em regiões atrasadas, ensinando e educando a duras penas, como se diz comumente. Não será o caso de Espíritos em missão? Quantas e quantas pessoas há, por este mundo, que deixam a vida de comodidades nos grandes centros urbanos e, com surpresa para muita gente, se embrenham em recantos obscuros, infiltrando-se entre populações de nível muito baixo, intelectualmente, a fim de fazerem alguma coisa, por meio de iniciativas benéficas no campo da educação, da higiene, etc.? Não estarão essas criaturas em missão?

E quantos outros se dedicam ao trabalho de espi-ritualização, enfrentando todas as resistências e até zombaria, mas terminam deixando semente. Pode parecer à primeira vista um procedimento estranho ou esquisito, no entender de muita gente. Mas verdade é que os missionários se sentem felizes, quando se realizam no gênero de vida a que se dedicam. Claro que não será necessário chegar ao exagero ou sair dos padrões de naturalidade, uma vez que o missionário autêntico, o que tem realmente missão espiritual, não precisa de apresentações exóticas nem tampouco viver em furnas, como se fosse o homem das cavernas. Enfim, há muito o que pensar e observar em relações às lições da Doutrina e à oportuna advertência de Emmanuel.

(Desobsessão — Porto Alegre — RS — fevereiro de 1975.)

Nota do compilador: Claro que o leitor poderia citar muitos exemplos de benfeitores da Humanidade que se enquadram no que Deoindo Amorim expôs de modo tão claro. Todavia, ouse citar a figura de Albert Schweitzer que, embora famoso e aplaudido na Europa como professor universitário, teólogo, entendido em Paulo e na música de Bach, ele mesmo exímio organista, deixou tudo isto e, a duríssimas penas, formou-se em Medicina com mais de 30 anos de idade só para dedicar-se de corpo e alma às criaturas doentes e famintas da África. São criaturas deste quilate que engrandecem a espécie humana, vivenciando os ensinamentos de Jesus, que, aliás, foi o Espírito mais perfeito que viveu na Terra, a mais sublime missão por muito nos amar.

4 FÉ E CONVICÇÃO

Este assunto já foi objeto de muitas palestras no meio espírita. Naturalmente,

cada expositor ou conferencista explana o assunto de acordo com as colocações que lhe pareçam mais adequadas. No fundo, porém, a ideia principal é sempre a mesma: a simples fé, porque apenas acredita na comunicação dos Espíritos, sem exame, sem reflexões sérias, ainda não é convicção. A esta altura, de tanto se falar sobre o assunto, de tanto repassar o tema, a bem dizer não haveria mais o que comentar. Mas o tema ainda é atual. De nossa parte, por exemplo, já fizemos palestras neste sentido pelo menos duas r vezes, na Associação Espírita Estudantes da Verdade, em Volta Redonda — RJ, e no Lar de Teresa, aqui no Rio de Janeiro, além de crônicas jornalísticas, lá uma vez por outra. E por que voltar ao assunto? Justamente porque ainda nos parece necessário.

Antes de tudo, convém considerar que a fé, em muitos casos, é apenas um estado emocional, não é o resultado de uma experiência vivida ou de noções bem esclarecidas. A Doutrina Espírita, como se sabe, sustenta a necessidade da fé raciocinada. Os racionalistas puros certamente não de estranhar a posição espírita, pois alguns deles chegam a dizer que a fé e a razão nunca se identificam, são conceitos incompatíveis. Acham, portanto, um despropósito a fé raciocinada, uma vez que a fé, segundo entendem, é a antítese da razão, pois a fé não admite raciocínio. No entanto, a Doutrina Espírita concilia as duas ideias nos justos termos. A fé raciocinada, justamente a fé inabalável, como diz Allan Kardec, não se confunde com a simples crença, que veio pela tradição, como se fosse uma herança dos antepassados, mas nunca se deteve no exame dos fatos ou em ponderações críticas. É a essa crença comum, crença indefinida e sem base, que geralmente se chama de fé. Muita gente acredita na comunicação dos Espíritos, porque ouviu contar *casos* impressionantes ou porque já foi beneficiada por um médium ou por uma receita mediúnica. Mas a crença, nestes casos, é muito superficial e insegura. O beneficiado passa a ter *fé no Espiritismo*. E o Espiritismo não é uma questão de fé. Tem fé, sim, por causa da receita, do passe, das palavras do médium, mas nunca estudou a Doutrina, não absorveu o ensino espírita, não enriqueceu as suas noções de origem. É um crente, muitas vezes sincero e ardoroso, porém não tão seguro, tão estável em sua fé, como possa parecer. Se, por hipótese, o médium vier a falhar amanhã ou depois, se alguma receita não der mais certo, como se costuma dizer, pois nem sempre as condições são favoráveis e nem sempre merecemos o que esperamos — lá se foi então a fé...

Temós, aí, um exemplo apenas de fé circunstancial, nada mais do que uma *crença*, motivada pela circunstância de um benefício pessoal. Mas não é um estado de convicção. Daí, conseqüentemente, a grande diferença entre fé e convicção. A convicção não se transmite, forma-se com o tempo, através da observação, do estudo, da crítica e da meditação. Quem já é convicto, porque absorveu bem os princípios espíritas e tirou as suas conclusões; quem já sabe em que terreno está pisando; quem já traçou a sua diretriz na vida pela rota do pensamento espírita, não se desencanta nem muito menos se desorienta por causa de pessoas, pois já

sabe o que quer e também sabe que os homens, como as instituições, estão sujeitos a surpresas e altos e baixos do mundo terreno. Seria o caso de perguntar: — Onde está a fé? Nesta ou naquela pessoa ou na mensagem espírita, que é impessoal no tempo e no espaço?

No campo espírita, especificamente, há elementos cuja fé está muito presa a pessoas, e não propriamente às ideias espíritas, pois estas estão fora e acima das criaturas, grupos ou instituições. Mas muita gente ainda não entende assim. A experiência que o diga.

Se determinada pessoa deixar o grupo ou abandonar a seara espírita, certos assistentes também se retiram, como se fossem um rebanho de crentes. Isto significa que o ponto de interesse, para muitos crentes (apenas crentes) não é bem o conhecimento espiritual. Não é o desejo de iluminar-se gradativa e perseverantemente, não. É a influência e, às vezes, o fascínio de um médium ou de alguém que inspire uma simpatia fora do comum. Problema todo pessoal, em suma. Claro que há sinceridade nas atividades e nas afeições, o que, realmente, é muito nobre e apreciável. Contudo, é preciso que, aos poucos, sem imposição nem verberações descaridasas, as próprias sociedades espíritas ministrem o ensino fundamental da Doutrina com eficiência e constância, procurando abrir os caminhos que levam à convicção pelo estudo, pela apreensão do verdadeiro pensamento espírita e pela reflexão pessoal.

Convicção é segurança interior, não é crença vacilante ou condicionada por pessoas ou situações transitórias. Quem é convicto, finalmente, vê o Espiritismo pelo seu conteúdo de princípios, nunca pelas discrepâncias de ordem pessoal, nesta ou naquela parte. É a convicção que sustenta a criatura humana, exatamente nas horas mais difíceis.

(Revista "Presença Espírita" — Salvador — Bahia — sem data indicada.)

5 LIÇÃO QUE NÃO ENVELHECE

Fazer Espiritismo experimental sem estudo é fazer manipulações químicas sem saber Química. Esta assertiva tem mais de cem anos. Aparece na "Revista Espírita", dirigida por Kardec, em seu número de junho de **1863**. No entanto, é ainda inteiramente válida, não está solta, como se fosse uma frase isolada, mas faz parte de um contexto. Dentro dele, Allan Kardec discorre longamente sobre as causas da obsessão e os meios de combatê-la, principalmente por causa da ignorância dos princípios que regem as comunicações entre *vivos e mortos*... A experiência demonstra, e nem seria necessário dizê-lo, que a mediunidade praticada empiricamente, sem qualquer noção fundamental do que seja o intercâmbio entre os dois mundos, corre uns tantos riscos, muitas vezes

gravíssimos. Vejamos a observação de Allan Kardec.

"Jamais dissimulamos os escolhos encontrados na mediunidade, razão por que multiplicamos em "O Livro dos Médiuns" as instruções a tal respeito e não temos cessado de recomendar o seu estudo prévio, antes de se entregarem à prática."

Justamente nesta linha de pensamento é que ele faz a afirmação categórica de que praticar a mediunidade (Espiritismo experimental) sem estudo é fazer manipulações químicas sem saber Química.

Há sociedades espíritas, felizmente numerosas, onde se tem o cuidado de preparar doutrinariamente o médium em desenvolvimento ou sob observação, antes de provocar manifestações. É a regra salutar, ensinada pela experiência e pela própria Doutrina. Há, entretanto, exceções desagradáveis. São os casos em que, com a preocupação exclusiva ou absorvente de fazer médiuns em larga escala, como se a quantidade fosse mais importante do que a qualidade, certos centros e grupos chegam a dispensar o estudo (!) e, por isso, fazem questão de encher a mesa mediúnica (10,15 ou 20, por exemplo) sem um exame prévio, uma entrevista, uma precaução elementar, pelo menos.

E serão todos realmente médiuns?

Todos, afinal, vão para a "mesa de desenvolvimento": curiosos, elementos brincalhões, pessoas doentes, que precisariam antes de tratamento físico; quem quiser, afinal, pode sentar-se à mesa. É o processo mais contraproducente, mais contrário à Doutrina Espírita...

Que é que se pode colher, depois, dessa promiscuidade irresponsável? Naturalmente a confusão ou, noutra hipótese, o prejuízo de médiuns, que poderiam ser bem aproveitados, quando têm faculdades positivas, mas ficam *viciados* pela rotina ou pelo misticismo.

Certa vez, ao passarmos pela porta de um centro espírita (?), no perímetro urbano, vimos logo uma tabuleta, indicando os dias de trabalhos mediúnicos da semana: desenvolvimento, passes, visitas espirituais, etc. Tivemos a curiosidade então de perguntar a um dos elementos do centro qual o dia em que se estudava a Doutrina. A resposta, que não esperávamos tão seca ou ríspida, deixou-nos sem jeito, como se costuma dizer:

— Aqui não se precisa disto...

E agora? Antes não tivéssemos perguntado.

Muitos médiuns, que têm grandes possibilidades e teriam muito o que dar através da mediunidade, ficam seriamente comprometidos com um "desenvolvimento" mal orientado e, por isso, estão sujeitos a "estragar" um potencial mediúnico apreciável, por falta de boa orientação.

É verdade que os centros espíritas, por uma questão de caridade, em última análise, têm que atender a todos, pois são os doentes que precisam de remédios, como ensinou o Cristo. Mas não é somente pelo acesso imediato a sessões mediúnicas que se presta assistência. E não é, ainda mais, perigoso, por exemplo,

desenvolver a mediunidade e “soltar” o médium à vontade, sem noção de responsabilidade, sem o indispensável preparo moral?

Há pessoas que vão para a prática mediúnica sem a mínima ideia do que seja esta prática, justamente porque não são instruídas a respeito. Não receberam qualquer ‘tintura’ de conhecimento doutrinário. Neste particular, a sessão espírita não deve ser “fábrica de médiuns”, mas escola de orientação espiritual, pois é indispensável saber aproveitar os recursos do médium, encaminhá-lo com segurança a fim de que as suas faculdades sejam úteis a todos. Nada disto se pode fazer pelo empirismo ou pelo desenvolvimento, a esmo, sem a seleção prévia daqueles que demonstram a existência de faculdades ostensivas e daqueles que deverão ser estudados no campo do animismo, que é outro campo imenso e complexo.

Não se pode entrar no terreno mediúnico sem preparo, sem a seriedade exigida pelas coisas do Espírito. É a lição de Allan Kardec, ainda oportuna, sem tirar nem pôr!

(Desobsessão — Porto Alegre — RS — sem data indicada.)

Nota do compilador: A Federação Espírita Brasileira, por isso mesmo, à guisa de sugestão com base em experiências bem-sucedidas, editou o manual “Orientação ao Centro Espírita” e insiste em a necessidade de que a Doutrina seja estudada de maneira sistematizada.

6 REFLEXÃO SOBRE O CONHECIMENTO

A cena que vou tomar, aqui, como ponto de referência, passou-se há muitos anos, dentro de uma casa de fazenda. Era uma região das mais atrasadas, onde faltava quase tudo: assistência social e espiritual, instrução, educação, leis, etc. Não existia nem mesmo uma escola de alfabetização!... A cena ocorreu entre um padre e um dos moradores da região. O padre era um homem robusto, muito forte e impulsivo. Era o vigário da freguesia e deixara a cidade para uma visita pastoral aos seus paroquianos, cujo estado de ignorância e abandono realmente causava pena. Mas o padre, por temperamento, não era nada complacente. Pois bem, estavam todos na sala principal da fazenda, a residência do administrador, a família do próprio dono da casa, diversos visitantes, em conversa animada, quando entrou *seu* Clemente, sentou-se ao lado do padre, e começou a puxar conversa.

Clemente era um homem simples, não tinha formação escolar, mas lia muito, principalmente obras de Esoterismo, Magnetismo e assuntos conexos, e creio que também alguma coisa de Espiritismo. Muito extrovertido, não perdia oportunidade para falar e expor as suas ideias. Acontece, porém, que o padre não estava gostando da conversa, pois notou logo que o interlocutor não era lá muito devoto. A certa altura, porém, o *seu* Clemente (coitado!) começou uma frase assim:

— Mas a filosofia...

Aí, com espanto de todos, e a sala estava cheia, o padre não se conteve e cortou logo o assunto com uma exclamação violenta:

— E quem é você para falar em filosofia!...

Clemente ainda tentou insistir; no entanto, a reação do padre foi fulminante:

— Não sei onde estou que não ponho esse ignorante lá para fora!

O padre não estava em sua casa e, no entanto, não respeitou a residência que o acolhia nem as pessoas presentes.

Com a minha inexperiência de jovem, fiquei profundamente decepcionado, em primeiro lugar, porque o procedimento do vigário contrariou normas elementares de boa educação; em segundo lugar, porque um *pastor de almas* (quando verdadeiramente o é) não humilha ninguém, ainda mais naquela circunstância, cercado de visitas.

Passaram-se os anos, recebi muitas lições da vida, mas o episódio do padre nunca mais me saiu da memória. E, hoje, as reflexões espíritas já me fazem considerar o caso à luz de outro prisma. O fato de alguém não ter feito um curso de filosofia não significa que não possa falar em filosofia. Não se trata de uma escola filosófica ou de um programa sistematizado, mas de um conhecimento intuitivo, independente de termos específicos ou linguagem acadêmica. Léon Denis, como sabemos, não frequentou universidade, não fez currículo de filosofia e, apesar disto, é um filósofo espírita, no melhor sentido. Filosofia não é técnica, é um conhecimento mais profundo, com visão global do homem e do Universo. É através dela, partindo de premissas e fazendo deduções, que o espírito humano chega à síntese como expressão maior do saber.

O fato, portanto, de um homem da roça interessar-se por especulação filosófica ou descer a meditações muito sérias acerca da origem da vida e de seu próprio destino segundo a justiça divina nada tem de impostura e muito menos de irreverência. Por que, afinal, *seu* Clemente, com a sede de saber, não poderia ter livros e estudar filosofia como roteiro de orientação para a vida? Como ele, há muitos e muitos neste mundo. O padre não pensou assim e entendeu que era muita pretensão ou talvez até um pouco de atrevimento...

Lembro-me também que, certa vez, no interior, após uma palestra espírita, conversei com um homem aparentemente bronco, mas de uma argúcia impressionante. Era um quitandeiro. Fez comentários sobre "O Livro dos Espíritos" e levantou questões realmente filosóficas. Tinha ele diploma de filosofia? Não, mas sabia pensar filosoficamente.

Não podemos perder de vista o ponto-chave de tudo isto: reencarnação. Onde ficam os conhecimentos acumulados de outras existências? Muitos elementos, por exemplo, nunca frequentaram cursos, mas têm embocadura natural para a filosofia, como para outros assuntos. Se, de fato, nesta existência, não tiveram meios para fazer cultura especializada, naturalmente têm conhecimentos

adquiridos e elaborados na bagagem espiritual através das experiências e meditações. E os conhecimentos adquiridos, não importa em que época, não mais se perdem, ensina a Doutrina Espírita ("O Livro dos Espíritos" — Questão 218).

Em suma, a cena que ocorreu entre o padre e *seu* Clemente, há tantos anos, numa longínqua região, ainda hoje pode ser encarada como motivação de estudos e reflexões, com vistas aos conhecimentos do passado.

O caso é sugestivo, não há dúvida.

("Mundo Espírita" — Curitiba — PR — maio de 1981.)

Nota do compilador: Creio que me será permitido dar também um exemplo do que escreveu Deolindo Amorim. Conheci em Nova Iguaçu, tanto no Colégio Leopoldo, no Lar de Jesus como no Centro Espírita Fé, Esperança e Caridade, nos anos 60, um médium de nome Fidélis Teixeira, de confiança do Prof. Leopoldo Machado. Três de seus filhos foram meus alunos no citado colégio. Pois bem, servidor braçal que mal sabia assinar o nome, Fidélis (hoje desencarnado) quando pegava a palavra na tribuna, sabia discorrer, embora num Português humilde mas sincero, com muita profundidade sobre temas espíritas.

7 AUTODIDATISMO E REENCARNAÇÃO

Autodidata, como ensinam os dicionários, é aquele que aprende por si mesmo, sem mestre e sem escola. Se é verdade que muitos casos de autodidatas são comuns, a bem dizer, também é verdade que existem casos realmente notáveis. No Brasil, especialmente, já tivemos exemplos de autodidatas que se distinguiram na literatura, na filosofia, na história e noutros ramos do saber, e foram verdadeiros mestres. A lista seria longa. Bastaria lembrar, bem de propósito, o episódio ocorrido com um dos maiores autodidatas do Brasil: Capistrano de Abreu, historiador respeitado até hoje e cujas obras foram reeditadas recentemente pelo Instituto Nacional do Livro. Tendo-se inscrito para um concurso de professor do Colégio Pedro II, ainda no tempo da Monarquia (não havia exigência de currículo nem de títulos), começou demonstrando que os examinadores estavam desatualizados. Fez uma prova tão erudita, tão segura, que deixou a banca examinadora sem jeito, como se costuma dizer, e o Imperador, que estava presente, gostou tanto que mandou encerrar logo o exame, com a aprovação do candidato, pois os examinadores estavam embaraçados na arguição.

Há muitos outros exemplos históricos. Vamos considerar, porém, o autodidatismo perante a reencarnação. Há dois tipos de autodidatas: o que estuda sem professor, mas tem método, escolhe boas fontes, faz uma cultura sistematizada e, por isso, vai muito longe; e o outro tipo do autodidata, que lê a esmo, sem método, e não se fixa em qualquer assunto, não tem propriamente uma linha intelectual bem definida. Mas ainda podemos apontar um tipo especial de autodidata, e esse interessa muito ao ponto de vista reencarnacionista. É o caso

das pessoas que se recordam prontamente de assuntos que lhes eram de todo estranhos, nesta existência. A recordação tanto pode ocorrer nas letras como nas matemáticas e até no campo restrito de algumas ciências. O indivíduo abre um tratado pela primeira vez e, sem explicador, sem formação regular, acha tudo fácil, como se já soubesse a matéria. Descobre a sua vocação para o assunto e, em pouco tempo, domina o terreno por si mesmo, sem frequentar escola. É uma forma de autodidatismo com a qual muito tem que ver a reencarnação.

Não nos venham dizer que esses casos se explicam pela influência do ambiente. Se o indivíduo convive com literatos, matemáticos, etc..., pode absorver, até certo ponto, algumas noções gerais. Mas o contacto com sabedores de um assunto não lhe permite, apenas por isso, formar um conhecimento intensivo, sem qualquer iniciação regular, sem a embocadura indispensável. Sabemos de casos, no entanto, em que o indivíduo começa a folhear um livro, de literatura ou de ciência, por exemplo, e entra a fundo na matéria, como se estivesse em seu próprio terreno. Nenhuma novidade, para ele... E muitos casos desta natureza se passam justamente com indivíduos que não têm ambiente intelectual, nunca ouviram falar em certos termos, jamais conviveram com elementos versados no assunto. E formam, daí por diante, uma cultura muito ampla às vezes, impressionante. Isto significa, à luz da reencarnação, que os autodidatas desta categoria trazem conhecimentos do passado, já possuíam bagagem acumulada e, de uma hora para outra, como que se recordam, assim que o espírito seja despertado pelo interesse.

Há muitos anos, na zona do Rio Salsa, na Bahia, um engenheiro, que se confessava cético, pois tive ocasião de conversar com ele, relatou o seguinte fato, que já citei em palestras: tendo sido encarregado de fazer demarcações de fazendas, precisou dos serviços de um auxiliar para trabalhos *pesados*, isto é, carregar ferramentas, abrir picadas na mata, etc... Mas começou a notar que o rapaz, com todo o jeito de caipira ou *tabaréu*, como se diz na Bahia, tinha raciocínios vivos e certos, fazia cálculos com espantosa facilidade. Ele, engenheiro, não compreendia como e por que um rapaz, nascido e criado na roça, filho de lavradores, não tinha frequentado nem a escola primária, sabia formar e resolver operações de matemática, resolvia equações de álgebra, sem o menor esforço.

Espantoso, de fato!

Quando ouvi essa história, naturalmente achei tudo muito curioso, fiquei impressionado com o rapaz, mas estava longe de pensar na "explicação reencarnacionista. Hoje, entretanto, vejo o problema por outro prisma. É um caso bem característico de conhecimentos acumulados. O ambiente era atrasado intelectualmente e, por isso mesmo, não poderia fornecer ao rapaz qualquer rudimento de matemática. De onde, pois, trazia ele tão seguro conhecimento? De outras vidas, é óbvio... Ele próprio esclareceu que começara por uma aritmética primária, mas achou tudo tão simples, tão fácil, que passou logo para a aritmética

secundária e superior, entrou na álgebra e tudo parecia já conhecido. Tornou-se em pouco tempo um autodidata em matemática.

Temos, aí, compreensivelmente, um tipo de autodi-datismo que não encontra outra explicação, a não ser pela reencarnação.

("Mundo Espírita" — Curitiba — PR — julho de 1976.)

Nota do compilador: O saudoso Leopoldo Machado (quer-me parecer) enquadra-se nesta análise, bastando dizer que, em criança, tendo tido uma doença grave, os médicos garantiram que, se se salvasse, ficaria retardado mental. Frequentou apenas oito meses da escola elementar e depois passou a trabalhar em árduas tarefas. Ao desencarnar, já havia lançado inúmeros livros a ponto de ocupar a cadeira n^o 1 da Arcádia Iguazuana de Letras! Portanto...

8 LITERATURA MEDIÚNICA

Comecemos por uma premissa: não devemos aceitar nem rejeitar sistematicamente tudo quanto vem do Alto. A respeito de livros e mensagens do Além, há duas posições que nos parecem muito sistemáticas, senão inconvenientes: há os que absolutamente repelem qualquer mensagem, qualquer trabalho mediúnico quando não conhecem o grupo, o ambiente onde a mensagem foi recebida; e há os que aceitam tudo, sem exame, sem crítica, apenas porque vem do Alto. De um lado e do outro, há, evidentemente, exagero, porque é sempre necessário que prevaleça, antes de tudo, o bom senso. Não devemos aceitar como verdade tudo quanto nos dizem certos Espíritos, ainda que o façam em boa forma literária. O próprio Allan Kardec rejeitou muitas comunicações que não estavam de acordo com o bom senso e com os conhecimentos universais. Sem prejuízo desta orientação, que é mais lógica, mais aconselhável, não devemos re pelir tudo imediatamente, sem exame.

Há ocasiões em que alguns trabalhos mediúnico nos trazem palavras edificantes, palavras que confortar embora não possamos identificar o Espírito comunicante. Tenho, por exemplo, em mãos, um livro mediúnico intitulado "Orai e Vigiai", publicado há pouco nesta Capital. (...) Nele encontro uma comunicação em que a entidade comunicante, falando sobre a imortalidade da alma, diz:

"A alma traz em si paixões e só depois de vencê-las é que começa a sentir a paz da imortalidade." Mais adiante afirma ainda:

"Libertai a vossa alma de tudo que possa fazê-la padecer, porque se pensais que com a morte tudo acaba, é porque ainda não chegastes ao conhecimento da verdade."

Não há, evidentemente, originalidade nestes conceitos. Mas ninguém pode negar a exatidão do pensamento que estas palavras encerram para os que aceitam a imortalidade da alma. Não procuramos saber a identidade do Espírito, mas concordamos com as ideias que ele defende. Queremos dizer com isto que na literatura mediúnica, embora haja muitas ideias que não podemos aceitar imediatamente, há muitos conceitos aceitáveis, muitas páginas que nos dão

coragem, que nos reerguem espiritualmente. Não devemos, portanto, condenar tudo, apenas porque não conhecemos a fonte. Devemos ler tudo e raciocinar.

(Trechos de uma crônica lida no programa Seleções Espiritualistas, dirigido por Néelson Batista de Azevedo, da União dos Discípulos de Jesus, através da Rádio Guanabara, PRC-8, do Rio de Janeiro, nos anos 50.)

Nota do compilador: Deoundo Amorim atuou no rádio colaborando sobretudo com a programação espírita de Geraldo de Aquino através de várias emissoras cariocas, ultimamente pela Rádio Rio de Janeiro, que opera em 1400 kHz/AM.

9 A PRECE NAS EXPERIÊNCIAS MEDIÚNICAS

Na opinião de alguns experimentadores, habituados a lidar com fenômenos objetivos, os trabalhos mediúnicos devem ter um caráter todo científico, sem a interferência de nenhum elemento que possa influir no ânimo ou no procedimento dos circunstantes. De fato, certos estados psicológicos são negativos e, portanto, prejudiciais à condução de determinados trabalhos e à própria avaliação de resultados. Tanto a passividade de simples crente, que aceita tudo piamente, quanto a frieza sistemática do cético, que começa duvidando e termina contaminando os outros, como ainda o arrebatamento dos que ficam deslumbrados com qualquer indício ou movimento, são fatores sensivelmente desfavoráveis em trabalhos mediúnicos que tenham a preocupação de realizar experiências com espírito científico. Até aí não se pode deixar de concordar com os que fazem críticas neste sentido.

Há quem diga, no entanto, que nem a prece se deve admitir, a fim de que não haja a mais leve feição religiosa. Neste ponto, o zelo científico parece mais radicalismo. E o fato de se fazer uma prece, com a intenção de pedir orientação aos mentores espirituais ou preparar o ambiente de recolhimento, por ventura sacrifica o caráter científico, se a sessão tem realmente este caráter?

Slade foi um médium notável (...), um médium que se submeteu a testes científicos até exagerados, um homem que exercitou as suas aptidões mediúnicas em círculos privativos, na Europa, sem nenhuma influência religiosa. No entanto, Slade recorreu à oração no decorrer de suas experiências. Quem o diz é Friedrich Zöllner:

"Na noite de 7, às 8h30min, fomos para o aposento em casa de meu amigo Hofmann para esse fim preparado; levei algumas lousas, coloquei-as sobre a mesa. Apenas sentado, Slade sonambulizou-se e de cabeça erguida e voz alterada recitou tão bela prece que nunca me esquecerei do efeito que em mim causou, não só pela sua beleza como pelo fervor com que foi ela recitada. A prece era uma

petição a Deus, rogando-lhe que abençoasse as nossas experiências e que consentisse na feliz terminação dos nossos trabalhos para felicidade da humanidade." Eis o trecho do livro "Provas Científicas da Sobrevivência", tradução de João Teixeira de Paula, edição da Edicel Ltda., São Paulo (Capital).

Como se vê, o médium orou porque precisou orar com fervor, mas as experiências não perderam o caráter científico.

Quando dizemos oração ou prece, em termos espíritas, obviamente não estamos pensando em reza mecânica ou rotineira. O médium, principalmente, deve *orar e vigiar*, pois está muito sujeito ao assédio de Espíritos perversos ou ignorantes. É verdade que muitos experimentadores no campo mediúnico nunca usaram a prece, mas este fato não significa que a oração seja incompatível com as intenções científicas. A prece, afinal, é um auxílio ao próprio médium. Muitas e muitas vezes se torna necessária à formação do ambiente, porque neutraliza forças discordantes e, por fim, cria condições realmente favoráveis à comunicação dos Espíritos. É a experiência que o demonstra.

Conquanto estudiosos e pesquisadores dos mais ilustres tenham acentuado bem a sua neutralidade religiosa em relação à prática mediúnica, o que, aliás, é muito importante, não podemos dar à prece um sentido puramente devocional. Em determinados momentos, a prece é um impulso íntimo, uma extravasão de energia espiritual, dirigindo-se a Deus ou a entidades superiores. E até mesmo o homem sem a mínima propensão mística pode orar com sinceridade e obter bons resultados.

Por que, pois, deve a prece ser banida dos trabalhos mediúnicos a fim de que não se prejudique o interesse científico? Uma coisa não repele a outra. O medo de serem chamados de místicos ou de não serem levados a sério em seus círculos de relações, às vezes até por causa de procedimento, induziu certos investigadores da fenomenologia psíquica em geral, e da mediunidade em particular, a uma espécie de prevenção contra tudo quanto não esteja dentro dos padrões rigorosos da metodologia científica. Mas a prece, quando bem entendida, não contraria o intuito científico. Antes é um fator predisponente ao desenvolvimento da ação espiritual. Dentro do ensino espírita é o que podemos aprender.

Ensina o Espiritismo, por exemplo, que as sessões mediúnicas necessitam de preparação espiritual. E em que deve consistir esta preparação? Em síntese: muita dignidade, muito recolhimento, muito desinteresse relativo a problemas materiais ou imediatos. Então, a prece inicial é um ato preparatório, justamente porque nos põe, antes de tudo, em condições adequadas à natureza dos trabalhos espirituais. Se, entretanto, o investigador iniciante, mais afeito ao material de laboratório nos domínios da Física, da Eletrônica, e assim por diante, quer aplicar à prática mediúnica o mesmo estilo de procedimento científico, como se estivesse operando com elementos passivos, rigorosamente adestrados a máquinas, números e gráficos, sem a consideração do aspecto espiritual, está sujeito ao insucesso e

pode ter irremediáveis decepções.

O campo é outro, muito diferente, em tudo por tudo. Médiuns e Espíritos são de natureza absolutamente diferente de pilhas, chapas e aparelhos sofisticados. O laboratório mediúnico oferece incalculável interesse científico ao pesquisador que tem *sede de saber*, todavia não depende somente de métodos ou de técnicas, mas também, e decisivamente, da vontade e das possibilidades dos Espíritos que se comunicam.

(...) os trabalhos mediúnicos são muito sensíveis à preparação espiritual, ainda que muita gente até hoje não tenha sequer pensado neste ponto e, por isso, tenta comunicações e materializações de qualquer forma... Preparação espiritual, no caso específico de sessões experimentais de mediunismo sob critério verdadeiramente espírita, não quer dizer submissão a qualquer ato de fé. Absolutamente! Quer dizer, sim, que a elevação de pensamento, a pureza de intenções, o sentimento de humildade, tudo isto pesa muito no intercâmbio com o mundo espiritual. Exatamente aí a prece tem influência saneadora porque modifica a vibração do ambiente com seus efeitos salutares. (...)

Não percamos de vista que o meio vibratório de uma sessão mediúnica não é da mesma natureza do meio vibratório de uma câmara de raios X ou de uma oficina de manipulação de forças artificiais. O médium não é uma peça de laboratório, é uma criatura humana, dotada de sensibilidade especial. Logo, não pode ser visto como se fosse um robô... Se o elemento espiritual não quiser ou não puder responder às nossas formulações ou atender aos nossos desejos, não há força humana, não há sofisticação tecnológica que seja capaz de fazê-lo entrar em contacto com o mundo terreno. Se existem leis que regem os fenômenos físicos, químicos, fisiológicos, etc., também existem leis que regem os fenômenos de ordem espiritual, sejam quais forem as aptidões do médium.

Muitas vezes o próprio círculo da reunião cria dificuldades por falta de unidade ou pela heterogênea e desconcertante massa de pensamentos descontraídos e antagônicos. É o que se chama vulgarmente de *atmosfera pesada*. A prece, exatamente nestas situações, pode exercer ação profilática no mundo mental e abrir caminho para a comunicação. Por mais rígido, finalmente, que seja o *caráter científico* de uma sessão mediúnica, nunca se deve reduzir a significação da prece como fator de *equilíbrio e predisposição espiritual*.

(“Mundo Espírita” — Curitiba — PR — julho de 1978.)

10 PONTOS DE COINCIDÊNCIAS DOCTRINÁRIAS

O critério das coincidências nem sempre é um guia seguro no campo da crítica. Entre doutrinas frontalmente opostas, tanto na urdidura quanto na essência, pode haver coincidências em determinados pontos. O fato, porém, de haver ideias coincidentes ou colocações afins, ainda que acidentalmente, não quer dizer que as doutrinas se identificam. Justamente por isso é que o critério das coincidências, sob este ponto de vista, tem um valor muito relativo. E ainda mais: pode levar a enganos e decepções. Se quiséssemos por exemplo, levar em consideração apenas algumas coincidências, poderíamos dizer que o Espiritismo e o Catolicismo são a *mesma coisa*, uma vez que ambos afirmam a existência de Deus como base de suas construções. E daí por diante...

Não seria absurdo dizer que até mesmo em contextos de fundo nitidamente materialista podemos encontrar proposições também existentes nos contextos espíritas. O Espiritismo afirma a necessidade das provas, dos fatos concretos, não é verdade? E a filosofia materialista, por sua vez, também não se apóia nas evidências imediatas? Claro. Mas acontece que o tipo de provas reclamadas pelo Espiritismo se refere aos fatos de ordem espiritual, através da comunicação mediúnica, ao passo que a concepção materialista, justamente porque despreza o elemento espiritual, somente se preocupa com as provas de ordem material. São posições profundamente divorciadas. Mas o apelo às provas, tomado ao pé-da-letra, dá a impressão de uma coincidência, pelo menos formal. Um passo a mais, e logo se abre o abismo entre as duas concepções de vida.

Quando o Espiritismo recomenda a experiência, com a documentação dos fatos, e sem a parte experimental ou fenomênica tudo seria teoria, naturalmente assume uma posição muito positiva, contrária à ideia de sobrenatural e a sutilezas teológicas. Pois bem, o Positivismo, que teve o seu período de grande influência no século XIX, é uma doutrina contrária ao sobrenatural e à Teologia, mas ostensivamente voltada para os fenômenos objetivos ou, por outras palavras, para a experiência sensível. Há, neste ponto (não queiramos ir mais longe) uma expressão concordante entre Espiritismo e Positivismo. Entretanto, as duas doutrinas partem de premissas divergentes e seguem direções abertamente irreconciliáveis no que diz respeito às primeiras causas e à sobrevivência do Espírito, questões que o Positivismo considera puramente metafísicas e, portanto, sem o mínimo interesse para a discussão científica. Já se vê que, embora existam pontos de coincidências em palavras,, as duas doutrinas não são equivalentes.

Poder-se-ia dizer, ainda mais, que o Positivismo tem afirmações frontalmente concordantes com o Cristianismo. Vejamos. O Positivismo sempre pregou o *amor* por *princípio* e sempre ensinou o lema *viver para outrem*. E não é exatamente o que ensina o Cristianismo? Claro que sim. Toda a doutrina do Evangelho se fundamenta no amor, antes e acima de tudo, e o amor ao próximo vem a ser, na prática, justamente, o viver para outrem, como recomendam os positivistas. Por isso mesmo, eles exaltam o altruísmo e reprovam o egoísmo. Logo, Cristianismo e Positivismo se encontram pacificamente na colocação destes princípios. Mas a identificação seria impossível no cerne de um e do outro, já porque o Positivismo nem cogita da sobrevivência da vida no mundo espiritual, já porque, segundo a sua filosofia, o culto da Humanidade (denominado o Grande Ser) substitui o culto de Deus. Em lugar de Deus, o Positivismo coloca a Humanidade. Como poderiam identificar-se duas concepções tão distanciadas entre si, apesar de ligeiras coincidências externas? Jamais!

Como tantas e tantas vezes já se disse, coincidência não é identificação. As doutrinas não se identificam por simples coincidências, mas pelo fio do pensamento básico, assim como pelo acordo das premissas e pela coerência das conclusões. É no âmago, em suma, que se dá o verdadeiro entrosamento. Na mesma ordem de ideias, vem o caso da Doutrina Espírita perante o racionalismo. Digamos logo que a Doutrina Espírita é racionalista, porque faz um apelo à razão e encarece a necessidade do raciocínio esclarecido. Mais que isso: "A fé inabalável — afirma a Doutrina dos Espíritos — é somente aquela que pode enfrentar a razão face a face em todas as épocas da humanidade." É uma afirmação racionalista das mais explícitas. Podemos descobrir, aí, sem dificuldade, muita coincidência com o modo de pensar dos racionalistas históricos. Mas o racionalismo tomou direções diferentes. Se, por exemplo, havia racionalistas que se opunham aos sistemas religiosos oriundos da revelação, justamente porque não reconheciam a instância da fé, outros grupos de racionalistas já se preocupavam mais com o *empirismo*, e o combatiam pelo fato de pretender reduzir todas as possibilidades do conhecimento à experiência, sem levar em conta os recursos da razão. Logicamente, o racionalismo não poderia aceitar o primado da experiência no problema do conhecimento, uma vez que os racionalistas puros, mais voltados para os conceitos abstratos, defendiam a supremacia da razão. Evidentemente o racionalismo fez escola com Descartes (século XVII), tendo-se projetado até hoje. Deve-se ao cartesianismo a bem dizer a reformulação do pensamento ocidental, então influenciado pela velha Escolástica, pelo menos em determinadas áreas bem ativas. E, por isso mesmo, as obras de Descartes, foram para o *Index* dos livros proibidos pela Igreja. Claro que houve a reparação mais tarde. Seja como for, o racionalismo cartesiano insurgiu-se contra a autoridade da Escolástica, em cujo pontificado intelectual se firmavam duas figuras altamente representativas do pensamento: Aristóteles e Tomás de Aquino. A Escolástica foi

um esforço muito grande para combinar a cultura humana (Aristóteles) com a Teologia (Tomás de Aquino).

E, realmente, a Escolástica formou o espírito da Idade Média, apesar das divergências entre correntes teológicas. Durante muito tempo foi Aristóteles a última palavra. Aristóteles falou e nada mais se diz. O racionalismo cartesiano foi um desafio à preponderância da autoridade aristotélica. Teria de sofrer as consequências dessa "rebeldia" intelectual.

Tiremos daí uma dedução e vejamos a posição da Doutrina Espírita perante o racionalismo em si, independentemente desta ou daquela corrente. Segundo a linha cartesiana, a razão é o caminho natural do espírito em direção à verdade, enquanto os empiristas, que seguiram uma linha paralela, entendiam que a experiência no mundo sensível deve ser prioritária. Em suma: de um lado, a prevalência da razão; do outro lado, a prevalência da operação experimental. Pois bem, a Doutrina Espírita, com propriedade até, pode ser chamada de racionalista, uma vez que proclama a necessidade do raciocínio claro e faz apelo à razão; repele a fé cega e recomenda insistentemente que as comunicações sejam submetidas ao crivo da razão. Neste ponto, sem tirar nem pôr, há coincidência com o racionalismo cartesiano, pois a Doutrina Espírita não aceita o argumento da última palavra, seja de quem for, e valoriza o raciocínio analítico em tudo por tudo. (É certo que, mais tarde, sem que o próprio filósofo racionalista tivesse culpa, não faltou quem quisesse fazer de Descartes um pontífice do conhecimento, o dono da verdade...).

Apesar das coincidências aqui e ali, a Doutrina Espírita não saiu de nenhuma das correntes racionalistas e, por isso mesmo, não é um *decalque* do pensamento já existente no momento em que ela se elaborou sobre outras bases e com organização muito própria. Não faz mal lembrar que, em nome do racionalismo, já se registraram exageros bem graves. Um deles, em momento certamente de delírio coletivo, foi o *culto da razão*. Chegou-se ao despropósito de dizer, com todo o arrebato, que a razão substituíra o próprio Deus!... Daí, a instituição de uma estranha e ostensiva forma de adoração: a Deusa-Razão! Outra tendência discrepante no racionalismo, embora sem o exagero da Deusa-Razão, consiste em colocar a razão acima do sentimento como valor mais importante. Mas o ser humano não pode ser apenas cerebral. A razão tem o seu momento, e sem ela podemos caminhar para o caos. Mas o homem não pode deixar de cultivar o sentimento. O racionalismo frio torna a criatura humana insensível, porém o ensino espírita faz ver que, enquanto não desenvolvemos o sentimento, não se realiza o progresso moral. Como se vê, a Doutrina Espírita não pende para nenhuma dessas conotações, apesar de ter pontos de relação com as posições racionalistas. O pensamento espírita situa-se entre a razão e o sentimento, cada qual com o seu papel na evolução do homem. São valores diferentes, mas ambos integrados no processo de transformação do homem para melhor. Exaltar a razão e desprezar o sentimento seria um contra-senso à luz do ensino espírita, e vice-versa.

Com a mesma flexibilidade e lucidez, a Doutrina Espírita encarece a necessidade da experiência, porque os fatos lhe servem de apoio, mas não absorve o radicalismo dos espíritas ortodoxos, para os quais a experiência, e somente ela, deve ser a fonte de conhecimento. Diferentemente, a Doutrina Espírita mostra aberturas que nos permitem compreender, ao mesmo tempo, a função da experiência, o mecanismo da razão, o valor da intuição também. Se, finalmente, há verdades que nos chegam pela via da razão (conhecimento discursivo), há outras tantas verdades conhecidas no campo dos sentidos (experiência sensível) e há ainda verdades que, situadas noutra plano, muito mais sutil, dependem do desenvolvimento íntimo e, portanto, do amadurecimento espiritual, como nos fala "O Evangelho segundo o Espiritismo" (conhecimento intuitivo). São graus de aquisição que se enriquecem à medida que o Espírito incorpora valores mais elevados. O domínio da alta intuição já se traduz em iluminação espiritual, sobrepondo-se aos instrumentos materiais e à rigidez da lógica e dos conceitos acadêmicos. Mas o processo evolutivo jamais poderia passar da base para o vértice da pirâmide sem os estágios evolutivos, à custa de muito trabalho e disposição. E devemos levar em conta ainda a bagagem das vidas anteriores, aumentada com as vivências da presente.

A visão global da Doutrina Espírita necessariamente nos leva a reconhecer que são válidas as etapas do conhecimento em suas formas de transição, do estágio mais rudimentar ao mais aperfeiçoado, até que o Espírito atinja a plenitude do desenvolvimento, não apenas exterior, mas principalmente interior, pois o Espírito terá de progredir intelectualmente e ainda — moralmente — como condição indispensável, segundo o ensino espírita.

Se quisermos, afinal, fazer comparações externas, naturalmente não será difícil indicar pontos de contacto entre a Doutrina Espírita e diversas doutrinas (filosóficas, religiosas, políticas, sociais, etc.). Mas também, não será difícil verificar que o pensamento espírita, expresso na Doutrina global, não se identifica com nenhum esquema exclusivista ou unilateral.

("Revista Internacional de Espiritismo" — Matão — SP — junho de 1981.)

KARDEC E RICHEL

A obra de Charles Richet, tanto nos domínios da Metapsíquica, que foi uma das suas trincheiras científicas, quanto na literatura espírita, apesar de suas restrições ou reservas, continua sendo, até hoje, uma das mais autorizadas fontes de consulta. Isto, aliás, é público e notório, como se costuma dizer. Os livros de Richet andam por aí, citados com muita frequência, o que prova, pelo menos, que são conhecidos de um público não muito pequeno. Como todo homem notável pelo saber, o grande fisiologista francês não pôde fugir a uma regra inevitável na condição humana: o equívoco. E haverá, ou já teria havido, neste mundo, algum

homem ilustre, sem uma contradição, sem determinados altos e baixos ou sem um momento de obscuridade em suas ideias?... A lanterna de Diógenes teria de ficar sempre acesa, à procura desse homem, que nunca seria encontrado, como nunca se descobriu o homem mais feliz do mundo, segundo a fábula do rei e da camisa.

Seja como for, a despeito de tudo isto, que é simplesmente uma contingência da vida terrena, a obra de Richet se impõe pela sua solidez científica. Não entendo, porém, o juízo de Richet sobre Allan Kardec. É um juízo negativo e positivo ao mesmo tempo. Veja-se por isso mesmo o que está escrito no "Tratado de Metapsíquica", livro clássico de Richet:

É necessário admirar sem reserva a energia intelectual de Allan Kardec. Não obstante, a sua credulidade exagerada tem fé na experimentação. É sempre na experimentação que se apóia, de maneira que a sua obra não é apenas uma teoria grandiosa e homogênea, mas também um imponente repositório de fatos.

Muito Bem! Eis aí no mesmo trecho duas assertivas incompatíveis: em primeiro lugar, Allan Kardec era um homem de CREDULIDADE EXAGERADA; em segundo lugar, o mesmo Allan Kardec se apóia SEMPRE NA EXPERIMENTAÇÃO. Das duas uma: se era um homem que se apoiava sempre na experimentação, isto é, um homem que fazia questão dos fatos e das provas, não poderia ter uma credulidade exagerada... É difícil harmonizar duas características tão díspares dentro da mesma estrutura psicológica. Um homem de credulidade exagerada não tem condições psicológicas para a experimentação e o raciocínio claro. O juízo de Richet apresenta Kardec através de um flagrante contraste, como se fossem dois tipos irreconciliáveis: um Kardec experimentador rigoroso, sempre voltado para os fatos e outro Kardec, francamente oposto, porque levado por uma *credulidade exagerada*. Qual dos dois será, afinal, o verdadeiro Allan Kardec?...

Afirma Richet, no mesmo passo, e sem cortar o fio do pensamento crítico, que a obra de Allan Kardec não é apenas uma teoria grandiosa e homogênea, mas também um repositório imponente de fatos. Conceito inteiramente justo e consistente. Entretanto, o mesmo Richet, na mesma obra, também escreveu isto:

Os espíritas receberam o meu Tratado de Metapsíquica com grande frieza. Compreendo o seu estado de espírito. Em vez de aceitar a sua teoria ingênua e frágil, propus aguardar, para se constituir qualquer teoria defensável, que os fatos fossem classificados, codificados, marcados, acompanhados das necessárias exigências do método experimental.

Foi justamente o que fez Kardec. Está muito certo o pensamento de Richet, no que diz respeito à necessidade do método experimental. Não poderíamos esperar outra atitude intelectual de um homem de sua formação científica, sempre afeito ao trabalho de pesquisa. Nem por isso, infelizmente, se deixa de encontrar um antagonismo, aliás injustificado ou incompreensível, nas opiniões do próprio Richet: chama a teoria espírita de frágil e ingênua, mas declara, lá adiante, que é uma teoria grandiosa e homogênea, um imponente repositório de fatos.

Como se pode conciliar tudo isto no mesmo raciocínio crítico? Como uma teoria grandiosa e homogênea, e homogeneidade pressupõe unidade e coerência, pode ser também ingênua e frágil? Se é frágil é porque não tem homogeneidade nem consistência; se é homogênea, é coerente, tem fundamento lógico, não pode ser ingênua e frágil. Afinal, se uma teoria é ingênua e frágil, não pode ser, ao mesmo tempo, um imenso repositório de fatos. Uma coisa ou outra. Não se pode sair desta dedução. (...)

Disse Richet, e com toda a propriedade, que, pela circunstância de um fenômeno ser raro e inabitual, não tem de forma alguma, o direito de concluir que ele não existe. Por exemplo, em outro livro ("O Sexto Sentido") o grande experimentador acrescenta que *a hipótese espírita é mais cômoda do que qualquer outra e explica mais facilmente os fatos*. Não nega e não afirma. Se assim procede, é natural que o faça por espírito de prudência, bem condizente, aliás, com a mentalidade de autêntico homem de ciência; e ele o foi dos maiores de seu tempo.

É verdade que, depois, em documento que já foi divulgado, isto é, a carta que escreveu a Ernesto Bozzano, Richet como se rende à própria força da experiência:

E agora, abro-me a você, de um modo absolutamente confidencial. O que você supunha é verdade. Aquilo que não alcançaram Myers, Hodgson, Hyslop e Sir Oliver Lodge, obteve-o você por meio de suas magistrais monografias que sempre U com religiosa atenção.

Embora não tenha propriamente sentido de uma profissão de fé espírita (e certamente havia algum motivo íntimo que levou o cientista francês a dar um caráter confidencial a esta correspondência, o que não impediu que se transformassem em documento histórico), — a verdade é que significa uma revisão de opiniões, uma sensata mudança de posição.

Deixando de lado a parte doutrinária do Espiritismo, porque o Professor Charles Richet se ateu à observação dos fenômenos, preocupado com o aspecto experimental, tanto quanto o fizeram outros experimentadores, do mesmo escalão cultural, como Crooks, Barrett, Gibier, para não ir mais longe, o certo é que o "Tratado de Metapsíquica" ainda hoje é uma obra de citação oportuna. Conquanto não possamos invocá-la em abono da Doutrina, justamente no âmago do problema causal com as suas consequências filosóficas, porque já se sabe que Richet não perfilhou a interpretação espírita em todos os seus princípios fundamentais, a sua opinião sobre a chamada fenomenologia supranormal ou inabitual ainda tem peso em qualquer discussão séria.

Acho, no entanto, que Richet não situou bem Allan Kardec no quadro da crítica. O retrato psicológico, que ele fez do Codificador do Espiritismo, não é fácil de se entender, porque não corresponde aos traços marcantes do feitio de Kardec. Há um contraste muito contundente na tessitura da personalidade. Depois de dizer, por exemplo, que "é necessário admirar a energia intelectual de Allan Kardec", aponta-o, como já vimos, com uma credulidade exagerada, embora sempre apoiado

na experimentação. Depois de classificar a teoria de Kardec de grandiosa e homogênea, dois adjetivos inteiramente apropriados à Doutrina Espírita, Richet desfaz tudo isto, dizendo o seguinte:

Essa teoria tem, entretanto, um lado fraco, dolorosamente fraco. Toda a construção do sistema filosófico de Allan Kardec (que é aquela mesma do Espiritismo) tem por base esta brilhante hipótese de que os médiuns, nos quais diz que os Espíritos estão incorporados, não se enganam nunca, e que as escritas automáticas nos revelam verdades que é necessário aceitar, a não ser que se esteja influenciado por maus Espíritos.

Diante disto, vai por água abaixo tudo quanto foi dito pelo próprio Richet sobre a energia intelectual de Kardec, a fé na experimentação, etc. Evidentemente, uma teoria que chega a admitir que os médiuns NÃO SE ENGANAM NUNCA não pode ser levada a sério, não tem lastro de uma teoria grandiosa e homogênea. Vemos, portanto, dentro desta conceituação, que Richet traçou o perfil de Kardec, através de um retrato psicológico muito contraditório.

Quem lê cuidadosamente a Codificação da Doutrina encontra um Kardec muito diferente, em tudo por tudo, um homem incapaz de se deixar dominar por ideias preconcebidas. Allan Kardec era justamente o tipo contrário à figura ingênua que Richet nos apresenta. Justamente por não admitir Espíritos nem médiuns infalíveis nem oniscientes, a Doutrina Espírita nos recomenda, com os maiores cuidados, que submetamos ao crivo da razão todas as comunicações recebidas, ainda que tragam nomes de santos ou de celebridades. Allan Kardec trabalhou com mais de dez médiuns, rejeitou muitas comunicações, como ele próprio nos diz, por não estarem de acordo com o raciocínio claro. Comportou-se, perante os Espíritos, com a mesma frieza e o mesmo rigor com que se comportava perante os homens em seus estudos. Jamais a Doutrina Espírita poderia prescrever a crença na infalibilidade dos médiuns.

Pois bem! Richet viu a obra e a personalidade de Kardec por um prisma completamente negativo, isto é, o prisma de uma hipótese em que os médiuns não se enganam NUNCA! Jamais a Doutrina diria ou admitiria tal!... Kardec foi o primeiro a recomendar a necessidade do método experimental em Espiritismo. Veja-se "A Gênese", Cap. jf nº 14. O Codificador diz textualmente em "O Livro dos Médiuns":

"Enganar-se-iam singularmente acerca do nosso modo de pensar os que supusessem que aconselhamos a abandonar os fatos; é pelos fatos que chegamos à teoria; é verdade que foi preciso para isso trabalho assíduo de muitos anos e milhares de observações."

Que poderíamos querer mais? Um homem que procede assim, com toda a segurança do verdadeiro espírito científico, um homem que sempre fez apelo à razão e à crítica, não poderia enquadrar-se na contextura intelectual de quem se deixasse guiar por uma *credulidade exagerada*. Apesar de alguns elogios, que fez a

Kardec, sem favor, Richet não deu uma ideia real do tipo psicológico do Codificador do Espiritismo. Apesar do mérito de sua obra, apesar de sua grande autoridade científica, Richet não interpretou bem a personalidade de Allan Kardec.

("Revista Internacional de Espiritismo" — Matão — SP — março de 1963.)

12 PASSADO E PRESENTE

Em palestra proferida na Associação Espírita Estudantes da Verdade, de Volta Redonda, a propósito do mês de Kardec, tivemos ocasião de lembrar que, apesar de todo o engenho da inteligência e de todos os artifícios, o homem nunca poderá cortar o fio que liga o passado ao presente. Ninguém seria capaz de se desprender completamente da carga de hábitos, ideias e influência do passado, a não ser através de um processo demorado, quer em relação à História, quer em relação aos compromissos do Espírito reencarnado. E assim mesmo, como bem demonstra a experiência vivida, ainda ficam resíduos inconscientes, sem que o percebamos na maioria das vezes. Por mais que nos concentremos no presente ou por mais absorventes que sejam as nossas preocupações do momento, não podemos voltar as costas definitivamente ao passado. Ainda não se formou até hoje uma geração auto-suficiente em tudo por tudo. Seria ilusão. Há renovação constante de ideias, costumes, conceitos, quadros sociais, etc., etc., pois não haveria progresso se não houvesse renovação. Mas renovação é enriquecimento e melhoramento, não é destruição total de experiências acumuladas por gerações anteriores.

Procuremos a lição da História. O Renascimento, que foi um dos mais fecundos períodos da evolução sócio-cultural do Ocidente, renovou muito, inovou sobre as velhas concepções e assinalou fortemente a transição entre a Idade Média e a nova ordem. Muito bem — e recordamos isto na palestra de Volta Redonda — mas o Renascimento, com toda a riqueza de ideias, não se desligou por completo das elaborações medievais. Alguns valores da Idade Média foram absorvidos pelo movimento renascentista. Ainda sem tradição, sem lastro de realizações duráveis, o Renascimento não poderia, por exemplo, desprezar a herança clássica, que tanto fecundou a cultura humana. Como, pois, fazer tábua rasa dos tesouros do pensamento grego?...

Não podemos dividir o tempo entre passado e presente, entre novo e velho, com a precisão com que balizamos o loteamento de um terreno. O tempo é uno e abstrato, não pode ser configurado entre fronteiras irredutíveis. Justamente por isso, todos os conceitos em função do tempo são relativos. Cada geração recebe frutos da geração anterior, sempre melhorando, do mesmo modo que a geração futura terá de socorrer-se muito do acervo do passado. É da História. Ninguém intentaria contornar as voltas e reviravoltas do tempo. Quantas ideias, que já nos pareciam mortas, ressurgem de uma hora para outra, às vezes com rótulo novo, e

com mais vigor ainda? Não estamos vendo, a cada passo, o reaparecimento de modelos antigos, agora com as honras da moda, em roupas, móveis, ornamentação e assim por diante? No entanto, eram modelos considerados caducos. Agora, porém, estão aí, e mais sofisticados. De quando em quando, se *desarquivam* muitas coisas antigas, que voltam à cena como novidades. Onde ficam então os conceitos de novo e velho, de útil e inútil, de antiquado e moderno?...

Afinal, que tudo isso tem que ver com as comemorações do aniversário de Allan Kardec? Veremos. Faz pouco tempo, em declarações à imprensa, um escritor ou crítico literário (segundo me informaram) teria dito que, apesar da publicação de muitos livros novos, ele nunca deixava de ler os antigos. Em virtude da circulação de tantos livros vulgares ou insignificantes, preferia, sem dúvida, reler as obras de sua imensa biblioteca. No caso do Espiritismo — e agora vem Allan Kardec —, há quem diga que já é tempo de sairmos do passado. Ora, isto significa, sem tirar nem pôr, o abandono das obras mais antigas. Em termos práticos: encostar Kardec.

Consideremos o problema. Inegavelmente há muitos livros publicados nestes últimos tempos, entre eles obras sérias, sob todos os pontos de vista. É uma produção apreciável, sobretudo porque enriquecem a literatura espírita. Resta, porém, uma arguição: e pelo fato de aparecerem livros novos, a Codificação de Allan Kardec já não tem mais consistência? É aí que está o ponto nevrálgico... Ora, a despeito de toda a produção que está chegando, quer de origem humana, quer de origem espiritual, as obras fundamentais da Doutrina continuam a ser a fonte básica. Poder-se-ia negar esta evidência? Claro que não!

Diz-se, às vezes, que Kardec representa o passado, e que nós precisamos viver e sentir o presente. É a mesma suposição de outras épocas: menosprezar o passado e exaltar o presente, como se fossem duas realidades absolutamente distintas ou se o trabalho de hoje pudesse sepultar para sempre o que se fez ontem. Passado, afinal, em que sentido? Apenas no sentido cronológico porque a Codificação é do século XIX. E daí? Passado não quer dizer ultrapassado ou obsoleto. Se assim fosse, a mensagem do Cristo já estaria há muito esquecida nos arquivos da História. E por que não está? Exatamente porque tem seiva espiritual, e o espírito não morre.

Quais os livros novos que poderiam substituir as obras capitais da nossa Doutrina? E o Espiritismo, porventura, não traduz a mensagem do Cristo, à luz de um prisma inegavelmente mais condizente com a realidade humana e os tempos modernos? Os princípios sobre os quais se firma a Doutrina já foram desmentidos ou enfraquecidos em seus pontos cardeais? Não. O caso não é, portanto, de relegar Allan Kardec e os autores históricos do Espiritismo, mas de confrontar, testar, como se diz hoje, o pensamento novo (quando realmente é novo) com as lições que os homens do passado nos legaram.

Não precisamos ser passadistas ou tradicionalistas incondicionais, o que seria muito exagero, mas não podemos abraçar tudo quanto apareça, pelo fato de ser

novo, ou trazer rótulo novo, em detrimento da espinha dorsal da construção espírita: a Codificação de Allan Kardec. Tem ela mais de cem anos, no entanto, o pensamento está bem vivo, não se apagou nem se confundiu na voragem das ideias tumultuárias. Devemos apreciar e estimular os trabalhos novos, mas temos de reconhecer uma realidade — para que possamos compreender, por exemplo, André Luiz, Emmanuel e tantos outros autores, do mundo espiritual, e do mundo terreno também, precisamos conhecer, antes de tudo, a Codificação de Allan Kardec. (“Mundo Espírita” — Curitiba — PR — dezembro de 1977.)

13 BIOGRAFIA E SENSO CRÍTICO

Durante uma das semanas espíritas de Volta Redonda, há pouco tempo, tocou-me falar sobre Allan Kardec, justamente porque estávamos em outubro, chamado entre nós o Mês de Kardec, pois o aniversário do nascimento do Codificador da Doutrina Espírita, como se sabe, cai no dia 3, data muito importante no calendário das comemorações espíritas. Aproveitando aquele ensejo, que nos parecia muito oportuno, como deve sê-lo ainda hoje, desenvolvemos algumas considerações gerais, repetindo certos dados biográficos, aliás indispensáveis, mas procuramos, tanto quanto possível, pôr em foco dois aspectos na vida dos grandes homens: o lugar-comum, inerente à condição humana em qualquer situação, e as passagens realmente meritórias ou decisivas. Não há criatura normal, neste mundo de altos e baixos, tanto faz um João-ninguém, como a maior celebridade de sua época, que não apresente o seu lado cediço, rotineiro, como as outras criaturas, ou não tenha feito aquilo que muitos outros já fizeram: as travessuras da infância, o estudo, a constituição da família, a prosperidade profissional, etc.

Ninguém se torna célebre somente por ter nascido aqui ou ali, nem tampouco pelo fato de pertencer a esta ou àquela escola, se não tiver valor próprio. A celebridade não está nos títulos, nos brasões ou nos triunfos materiais da carreira, mas na obra que o homem realiza, isto é, a obra que fica. Ser *bem-nascido*, estudar nos melhores estabelecimentos, brilhar na profissão, e assim por diante, são condições de êxito para a vida social, no entanto, tudo isso, na realidade, está muito condicionado ao jogo das circunstâncias. Muitas carreiras notáveis chegaram à evidência porque foram favorecidas pelas circunstâncias de época ou de ambiente. Há outras carreiras, porém, e são inúmeras, que se fizeram pela tenacidade, pelo idealismo, contra as contingências mais adversas.

A grandeza dos homens está justamente no lado espiritual de suas realizações, pois as coisas do Espírito são perenes, ao passo que os empreendimentos materiais têm um caráter muito relativo, embora justificáveis e necessários até certo

ponto.

Dentro desta conjuntura geral, podemos considerar tranquilamente, como se diz, a posição de Allan Kardec perante a sua obra. Já se conhece muito, ou até demais, a biografia descritiva, mas existem outros critérios biográficos. Nem sempre a descrição minuciosa, narrando passo a passo, como é frequente, dá uma ideia global e fiel dos feitos que devam engrandecer a vida de um homem. É preciso que haja espírito crítico, às vezes necessário, procurando interpretar e explicar certos episódios. Temos, assim, a biografia puramente narrativa ou cronológica, a biografia interpretativa, a biografia romanceada, a biografia apologética, por fim. Vejamo-las, ainda que por alto, relativamente a Allan Kardec.

A biografia narrativa descreve secamente os fatos, alinha as datas em rigorosa ordem cronológica, como se estivesse fazendo um relatório. Este tipo de biografia, embora usual e valiosa, por ser informativa, nem sempre dá uma ideia exata da verdadeira dimensão do biografado. É o caso de Allan Kardec. Do ponto de vista cronológico, que é o gênero biográfico mais corrente, não se pode deixar de citar o que é básico e essencial: data do nascimento, lugar onde nasceu, seus estudos, sua conversão às ideias espíritas, etc. Mas não se deve ficar somente nisto, pois há sempre o que interpretar.

Um confrade nosso nos disse certa vez que não gostava de biografias justamente porque já estava farto de ouvir contar a vida de Allan Kardec tal qual está em Henri Sausse. Convém, no entanto, não deixar que as asas *da imaginação* se percam em inovações comprometedoras, pois, assim, será uma biografia fantasiada, que ninguém leva a sério. Mas também é necessário evitar a monotonia das repetições, sem o mínimo esforço interpretativo, sem a mais leve contribuição de enriquecimento. É geralmente o que se faz nas comemorações do aniversário de Allan Kardec: nasceu em Lyon em **1804**, foi aluno de Pestalozzi, lançou "O Livro dos Espíritos" em **1857**, etc...

Sabendo-se que nem todos conhecem a vida do Codificador, pois muita gente vai a sessões comemorativas a convite de amigos ou por outros motivos, sem ser espírita, é natural ou mesmo inevitável a frequência desses dados biográficos, que não podem ser omitidos. Contudo, é necessário que a citação de datas e episódios tenha certo espírito crítico. Por exemplo, o fato de Allan Kardec haver sido aluno de Pestalozzi, não é tão relevante por si mesmo de vez que muitos outros moços de seu tempo cursaram a escola do grande mestre. A biografia narrativa apenas conta o fato, mas a biografia interpretativa, que é mais analítica, procura explicar as circunstâncias em que se deu o fato, o que é, realmente, muito mais importante.

Kardec substituiu, certa vez, o seu mestre, episódio que não é comum e, por isso mesmo, comporta algumas especulações... Por quê? Teria sido por mera simpatia pessoal? Qual a razão dessa investidura, tão honrosa para o discípulo, se havia outros tantos alunos inteligentes, alguns deles (quem sabe) até muito bem recomendados? Naturalmente porque Pestalozzi vira em Kardec a capacidade, a

seriedade, um conjunto de qualidades que o habilitavam para substituí-lo. Então, o que é importante, na vida de Kardec, não é apenas o ingresso na Escola de Pestalozzi, mas a distinção justa de haver substituído o criador e diretor da Escola.

A biografia interpretativa preocupa-se com a explicação dos fatos e das atitudes, levando em conta a época, o meio e as circunstâncias. Não se pode compreender e muito menos apreciar o procedimento dos homens à luz da História sem levar em consideração o momento em que viviam.

Diz-se a todo momento, e é natural, que Allan Kardec se serviu de mais de dez médiuns, rejeitou muitas comunicações, o que é exato, pois está na biografia do Codificador. E ele próprio o declara. Mas não basta repetir. Convém realçar um aspecto importantíssimo, sobre o qual se faz muito pouca inquirição nas homenagens anuais ao Codificador. Como procedeu Allan Kardec em relação aos fenômenos mediúnicos que o impressionaram pela primeira vez? Procedeu como simples curioso? Ficou deslumbrado? Não! Tomou atitude condizente com o verdadeiro espírito científico: senso crítico, prudência, paciência, seriedade. E daí partiu para altas indagações filosóficas.

Embora tenha que recordar, necessariamente, os elementos informativos mais correntes, a biografia deve ser mais penetrante, a fim de que não se torne cediça ou vulgar. Se a biografia diz apenas aquilo que é comum (nasceu, cresceu, estudou, casou-se, fez carreira profissional, etc.), naturalmente não desperta interesse. (...) A forma de apresentar a biografia pode nivelar o biografado ao lugar-comum, se não sabe explorar o lado relevante ou interpretar as posições mais significativas.

Lembro-me de que certa vez, por ocasião do centenário de Joaquim Murinho, um dos grandes homens públicos do Brasil republicano, ex-Ministro da Fazenda, tive de preparar um trabalho para uma revista de S. Paulo. Resolvi fazer uma pesquisa em dois sentidos: Murinho era médico e engenheiro. Médico homeopata, muito conceituado em seu tempo. Sobre esta parte de sua vida havia muita coisa, mas faltavam dados sobre sua participação na engenharia. Andei pela antiga Escola Politécnica (mais tarde Faculdade Nacional de Engenharia), li memórias, relatórios, peças de arquivo e, por fim, descobri que Murinho, ainda aluno, havia sido escolhido, pelo então Diretor da Escola, o Visconde de Rio Branco, para professor de uma disciplina há pouco introduzida no currículo. Achei o fato inegavelmente digno de registro especial.

Pois bem, o que me chamou a atenção não foi propriamente o curso de engenharia, que não é motivo de admiração nem glorificação. Ninguém se torna gênio apenas porque faz um curso de nível superior. Mas o que me despertou interesse, e muito interesse, foi a situação do ainda jovem Murinho como professor, ao lado de uma congregação de nomes, ilustres. Não é um caso de rotina.

O valor do homem não estava no fato de ter feito o curso de engenharia nem de ter sido aluno sob a direção do Visconde de Rio Branco, porém de elevar-se tanto, chegando a ser professor, antes de terminar o curso, quando, havia, na Escola, uma constelação de mestres dos mais respeitados da época. É nisto, realmente, que está o ponto de aferição de capacidade.

Se, finalmente, há biografias que prejudicam a visão histórica dos homens, porque não os colocam em sua época e no conjunto de circunstâncias em que se projetaram, uma vez que se comprazem na pura citação de datas e fatos de ordem geral, também há biografias que exaltam demais e, por isso, desfiguram a verdadeira posição dos homens. A biografia em si é um registro histórico. Cabe, então, ao expositor dar *vida* à biografia, procurando despertar atenção justamente para os aspectos que fogem ao trivial, ao cotidiano. A biografia romanceada, por exemplo, pode ser muito agradável ou menos fastidiosa, como às vezes se diz, mas pode exagerar o perfil, transformando um homem de carne e osso em santo de imaginação... O biógrafo não pode *inventar* porque tem o dever de cingir-se aos fatos históricos, devendo ter, ao mesmo tempo, sem deixar de ser fiel aos fatos, a necessária argúcia de análise para sondar a fundo as razões e a importância de procedimentos verdadeiramente decisivos na vida de um homem.

Comumente ouvimos louvores nas homenagens a Allan Kardec, quando não se faz a defesa do Codificador. Mas a esta altura da experiência histórica, Allan Kardec não precisa mais de louvores nem defesa. É a biografia apologética aquela que consiste em defender ou justificar os atos e os acontecimentos. Não há mais necessidade porque Kardec já atravessou a experiência de mais de um século e, por isso, ninguém conseguiria *ocultar* ou empanar a luminosidade da obra que realizou e legou à Humanidade.

Não basta, no entanto, chamá-lo de missionário, ainda que ele o seja na acepção mais autêntica. É mais útil e oportuno descer às condições em que começou a sua missão, interpretar os motivos por que os instrutores espirituais o designaram para a grandiosa obra da Codificação. A qualidade missionária não é formal, não é um título, não é um elogio — é uma expressão real de sua vida daí, pois, o valor da biografia interpretativa ou analítica.

("Revista Internacional de Espiritismo" — Ma tã — SP — junho de 1975.)

Nota do compilador: Deolindo faz referências à antiga Escola Politécnica, posteriormente Escola Nacional de Engenharia da Universidade do Brasil, situada num prédio do Largo de São Francisco, no centro da Cidade do Rio de Janeiro. Pois bem, atualmente (anos 90) ali se encontra o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Os cursos de Engenharia são ministrados no Centro de Tecnologia da mesma U.F.R.J., na cidade Universitária, instalada na Ilha do Fundão.

É passada também a informação, certamente colhida em Henri Sausse, biógrafo do Codificador, de que em rapazola, Hippolyte Léon Denizard Rivall (o futuro Allan Kardec) teria substituído Pestalozzi à frente do Instituto de Yverdon (Suíça). No entanto, não se tem certeza da veracidade deste fato, razão pela qual é recomendável a leitura da obra "Allan Kardec", da lavra de Zêus Wantuil e Francisco Thiesen, Vol. I, páginas 64 e 65 (edição da Federação Espírita

Brasileira).

14 POSIÇÕES CRÍTICAS

Assim como os meios de comunicação, os conceitos e as formas de convivência se modificam, necessariamente, por força de realidades novas, também os argumentos críticos estão sujeitos a novas polarizações, em razão dessas mudanças. Trata-se de um fenômeno inevitável no campo religioso, como no campo político, científico, literário, etc. Vejamos o problema crítico em relação às teses espíritas. No começo, ainda na época de Allan Kardec, usou-se muito a exprobração diabólica, como se fosse realmente um argumento. Quando não se falava em "arte do diabo", chavão do qual se utilizou muito o meio católico de então, era na magia negra ou na superstição que a crítica tacanha de outros tempos ia buscar elementos de comparação para combater o Espiritismo. É fato histórico. A mentalidade religiosa da época aceitava realmente a existência do *demônio* e, por isso, via nas práticas mediúnicas um espetáculo satânico, e nada mais. Temos de compreender as ideias dentro de seu quadro histórico, e não à luz da mentalidade atual.

Com o tempo, entretanto, as posições críticas, quer na área religiosa quer na área médica, por exemplo, passaram a encarar o Espiritismo por outro prisma. E o grande *argumento* (?), de um lado e de outro, era sempre o mesmo: a loucura. A velha e surrada alegação de que o Espiritismo é "fábrica de loucos" caiu em desuso, já é coisa do passado. Convém lembrar, entretanto, que houve uma derivação crítica, na primeira década de nosso século, mas de ordem científica, nada tendo a ver com as prevenções religiosas. Foi justamente quando, por influência da Metapsíquica, novidade fascinante para certos grupos, muita gente chegou a pensar, com incontida sefreguidão, que a "nova ciência", lançada na cátedra de Charles Richet com uma interrogação (?), seria a "pá-de-cal" no túmulo do Espiritismo. A Metapsíquica, com seus termos novos, viria explicar tudo, virar o Espiritismo "pelo avesso". E tudo, no entanto, continuou como dantes. A Metapsíquica formou realmente um escol de pesquisadores ilustres, alguns deles chegaram por admitir o Espiritismo, enquanto a Doutrina Espírita prosseguiu em sua missão, como até hoje, sem pretensões de competir com nenhuma escola ou corrente de pensamento e sem se presumir possuidora de toda a Verdade.

A Metapsíquica teve o seu ciclo, seu ponto alto de projeção, como tantas outras escolas científicas, mas passou a febre de inquietação e curiosidade, depois de algum tempo. Assim também já havia passado a febre de entusiasmo acadêmico pelas ideias positivistas e spencerianas contra a metafísica, justamente na fase em que, a pretexto de repelir o sobrenatural, a bem dizer se votava ostensivo desprezo à própria especulação filosófica. Era o medo aberrante do desconhecido, do misterioso... Foi um ciclo histórico, e um ciclo em que brilhou, sem sombra de

dúvida, uma elite das mais significativas da vida intelectual do Brasil. Mas passou.

Como todas as guerras provocam a ocorrência de fenômenos novos, tanto na ordem econômica e política como na ordem cultural e social, com repercussão intensa na vida emocional, que se agrava profundamente diante da hecatombe e do horror, a Guerra Mundial (1914-18) trouxe um surto de mudanças inevitáveis. A depressão e a incerteza criam, como sempre, um estado de espírito em que cada qual sente a falta de segurança interior e a perda de rumos na vida. As crises de após-guerra geralmente levam muita gente a esse estado. É o "clímax" propício a todos os apelos. A procura de uma solução nova ou de uma explicação do mundo íntimo, conturbado e confuso, quer uma válvula de extravasão a todo custo. A descrença no ensino religioso e o desencanto com as fórmulas tradicionais abriram caminho para o refúgio do espírito na Psicanálise. E a Psicanálise fez, indiscutivelmente, uma revolução científica, ressaltando-se os exageros em que incidiram determinados elementos de proa, como se costuma dizer. Então, com o decorrer do tempo, a Psicanálise passou a ser também um reduto de crítica ao Espiritismo. Não que ela, a Psicanálise, tivesse alguma culpa, assim como a Parapsicologia não tem culpa das atitudes radicais, assumidas, hoje em dia, por certos conferencistas, escritores e expositores. Mas verdade é que as explicações psicanalíticas empolgaram. Dizia-se, por isso mesmo, que a Psicanálise seria a solução de todos os problemas do ser humano e, portanto, não havia mais lugar para o Espiritismo. Foi outro tipo de febre coletiva, que também passou com o decorrer do tempo. A Psicanálise em si continua a ser um campo científico de grande interesse, mas já ninguém, judiciosamente, lhe atribui o saber onímodo ou a chave de todos os enigmas do homem.

De 1930 em diante, com a Parapsicologia, naturalmente se abriu novo campo crítico. É um campo importante. Tempos depois, a expansão da Parapsicologia na América e na Europa viria coincidir com o surto de inovações tecnológicas e sociais da II Guerra Mundial, dando motivo a umas tantas posições, no que diz respeito às afirmações espíritas. Embora a Parapsicologia não tenha criado doutrina propriamente falando, uma vez que se atém aos fenômenos "extra-sensoriais", segundo a sua terminologia, sem discutir os problemas das causas e conseqüências, o certo é que algumas posições críticas se arrimam exageradamente aos esquemas dessa fenomenologia como argumento de refutação das teses espíritas. Não obstante, nenhuma novidade se descobriu até agora em relação ao que o Espiritismo já elucidou. Mas o fenômeno de após-guerra — não percamos de vista esta circunstância — trouxe uma eclosão de inovações em todos os ângulos do conhecimento. A tecnologia desenvolve-se cada vez mais. Criam-se palavras novas a cada passo, substituem-se muitos conceitos, lançam-se fórmulas novas e, às vezes, especiosas sobre verdades velhas, o que leva muita gente a ficar como que deslumbrada, quando não perturbada. Então, nesse ambiente de mudanças constantes, há quem esteja supondo que o Espiritismo parou, encerrou a sua

missão, porque a palavra, agora, está com a Parapsicologia, que veio dar cobertura científica ao que se fazia empiricamente.

Já se pensa, por exemplo, em substituir palavras e alterar conceitos espíritas, substituindo até expressões doutrinárias de sentido inequívoco para que tudo se adapte à nova ordem de coisas no terreno da investigação psíquica ou paranormal. Por quê? Para quê?... Os conceitos espíritas são válidos. Logo, não precisam adaptar-se a nenhum esquema pelo simples fato de adotar fórmulas acadêmicas. Não nos esqueçamos de que muitos movimentos que fizeram escola já passaram, e o Espiritismo não passou. O Espiritismo não é fenômeno de um ciclo histórico, não é reflexo de uma conjuntura social, como não é criação de uma vontade humana; é a expressão da própria realidade do ser humano em sua verdadeira dimensão. Daí o fato de Allan Kardec afirmar que o Espiritismo participa da revelação divina e da revelação científica, ao mesmo tempo. Ambas procuram a verdade com os instrumentos adequados. Justamente por isso, devemos respeitar e estimular, tanto quanto possível, o esforço honesto das pesquisas da Parapsicologia, como de qualquer grupo que estude o psiquismo humano em sua complexidade, pois ninguém é "dono" da verdade, e ninguém sabe tudo a respeito do ser humano, mas não devemos cogitar de modificações e adaptações que não tenham razão de ser. Tenhamos consciência de um fato irrecusável: o conteúdo doutrinário do Espiritismo pode ser *testado* à luz de todas as posições críticas, apesar das inovações de nomenclatura e de técnicas, pois a sua mensagem não se esvaziou e tampouco emudeceu perante as transformações que se operam no mundo atual.
("Obreiros do Bem" — Rio de Janeiro — RJ — junho de

15 REFLEXOS DAS LIÇÕES DE ALLAN KARDEC

Há mais de **20** anos, aproximadamente, fizemos uma palestra sobre o aniversário de Allan Kardec, em determinada cidade, e dissemos, sobre a vida do Codificador do Espiritismo, o que teria dito qualquer expositor naquela circunstância, isto é, aquilo que já se conhece, com base nos dados biográficos. Claro que aduzimos alguns comentários, resumidamente, neste ou naquele ponto. Dias depois, em conversa com o presidente do Centro, um dos assistentes lhe fez ver, sem nenhum intuito depreciativo, que a palestra não trouxera "nenhuma novidade". Evidentemente, não. Que novidade poderíamos levar, se o tema do dia era exatamente a vida de Allan Kardec? E onde colher elementos sobre a vida de Allan Kardec, senão na biografia, já conhecida e divulgada?...

Segundo uma regra de honestidade intelectual, aliás muito antiga, em matéria histórica não se pode *inventar*, principalmente quando se trata da vida de um homem de outra época; se não é lícito inventar, porque é uma distorção da

verdadeira crítica histórica, muito menos seria correto, por exemplo, fazer divagações desnecessárias ou inconsistentes apenas para dar a impressão de "coisa nova". Não. Atenhamo-nos às fontes autorizadas, respeitemos os fatos, e estaremos bem, pelo menos com a nossa consciência. Mas uma coisa — estejamos certos — é a vida de Allan Kardec propriamente dita, o homem, enfim, com as suas lutas e a sua grandiosa missão, e outra coisa são as lições de sua vida, aplicadas à realidade atual. Há sempre uma reflexão nova no curso de nossas experiências, envolvidas cada vez mais na "engrenagem" de uma sociedade complexa, exigente e absorvente. Aí, sim, as lições de Kardec se nos afiguram novas, novíssimas, desde que saibamos descobrir o momento e o lugar certo das aplicações à vida cotidiana.

Uma de suas lições, ainda hoje com todo o "sabor de atualidade", é uma referência de **1854**, justamente quando começou ele a dar os primeiros passos no campo mediúnico, como bem o declara em "Obras Póstumas". No entanto, decorrido um período de **126** anos, quando poderíamos dizer que tudo já ficou no passado, o certo é que o procedimento de Kardec ainda se aplica à realidade dos dias presentes em toda a justeza. Disse ele: "Conduzi-me com os Espíritos, como houvera feito com os homens." Embora tratando as entidades comunicantes com o devido respeito e a necessária humildade, para ele os Espíritos não tinham prerrogativas de *reveladores predestinados*. E não é porventura um critério sensato, ainda válido em nossos dias? A experiência demonstra que sim. É uma lição que perdura no tempo e no espaço. Não precisamos *santificar* os Espíritos nem muito menos colocar o médium no pedestal da idolatria para que possamos receber comunicações proveitosas. Desde que nos mantenhamos com dignidade, não exterior ou formal, mas interior, com elevação de pensamentos; desde que tenhamos propósitos justos; desde que façamos por merecer, enfim, o mundo espiritual saberá avaliar as nossas reais necessidades no momento exato. O simples ambiente de uma reunião espírita bem orientada, preparada com recolhimento e prece sincera, já é um campo propício à projeção de influências salutares, ainda que não haja manifestação ostensiva deste ou daquele Espírito. Muito se pode fazer e obter, portanto, sem ser necessário chegar ao deslumbramento. Neste particular, como se vê, Allan Kardec procedeu de uma forma que nos permite aplicar o seu critério, ainda hoje, a diversas situações do trabalho mediúnico. Mas devemos vê-lo por outros prismas.

Se alguém disser que Allan Kardec pensou, há mais de um século, na aliança da competência com a moralidade como estágio evolutivo capaz de firmar o equilíbrio social, certamente não estará dizendo ou revelando novidade, pois o tema está muito bem explanado em "Obras Póstumas". E o ponto central de suas ideias, neste assunto, se resume no entendimento de uma "aristocracia intelecto-moral". A ideia em si não seria novidade, porém, a conjuntura em que nos encontramos atualmente nos leva a esta pergunta: Será possível, ou seria possível, ajustar, hoje em dia, o pensamento de Allan Kardec à situação do nosso mundo?

A ideia é muito antiga, e ninguém iria apresentá-la como inédita, mas estamos diante de fatos novos. E quais são esses fatos? Em primeiro lugar, as condições de vida, de um modo geral, são muito diferentes das condições em que viveu Allan Kardec. Em segundo lugar, a ideia de *aristocracia*, no mundo de hoje, o mundo da interação, mundo de dependência e competição, jamais poderia ter o sentido de outrora. É uma palavra que muitas vezes causa arrepio!... Em terceiro lugar, o próprio conceito de moralidade, como estamos vendo a cada passo, vem sofrendo restrições muito graves.

Afinal, que estaria imaginando ou desejando Allan Kardec ao preconizar o advento (não se sabe quando) de uma aristocracia intelecto-moral? Claro que ele tomou a palavra aristocracia no sentido original, pois bem conhecia a raiz do vocábulo: "o poder dos melhores". Então, seria uma sociedade em que o poder fosse confiado aos *melhores* cidadãos, mas é preciso entender melhores em moralidade, melhores por serem mais dignos, mais corretos, não pelo sangue nem pela linhagem nobre, como se observava na antiguidade. Hoje, porém, naturalmente por força da semântica, aristocracia é o oposto a democracia, porque tomou um sentido acentuadamente discriminatório. "Aristocrata", hoje, é o indivíduo que se coloca acima dos outros, não se confunde, não se "mistura" com a massa. É um conceito que está perdendo sentido cada vez mais. Fala-se em aristocracia social, aristocracia intelectual, etc. Recorramos de novo ao pensamento de Allan Kardec. Ponhamos, antes, uma questão: pelo fato de estarmos reconhecendo, forçosamente que tanto o conceito de aristocracia, quanto o conceito de moralidade no mundo atual não coincidem inteiramente com o sentido que tinham esses conceitos no tempo de Allan Kardec, seria cabível dizer que suas palavras se perderam no vazio por falta de adequação aos fatos novos? Existem colocações novas em relação ao conceito de moralidade, mas a ideia de Allan Kardec não perdeu a consistência no curso da História, embora se diga, às vezes, que estamos muito longe de uma "aristocracia intelecto-moral", uma vez que os mais espertos, ainda que não sejam capazes, quase sempre passam à frente dos mais dignos e competentes. Neste caso, Allan Kardec seria simplesmente um visionário, por ter lançado uma ideia irrealizável. Não. Apesar das mudanças que se operaram no mundo, a bem dizer em todos os sentidos, o valor intelectual e o valor moral se reclamam e completam, pouco importa que muita gente não se preocupe com problemas desta ordem. Se o indivíduo tem muita capacidade, mas não se recomenda moralmente, será um condutor desastroso, seja no âmbito da coisa pública, seja no âmbito da economia privada; se é realmente honesto, um modelo de moral, mas inexperiente ou inábil, também não está em condições de assumir certas responsabilidades. Em suma, sem a identificação, a verdadeira harmonia da moralidade com a capacidade nunca será possível uma gerência produtiva, sólida e benéfica. É o pensamento de Allan Kardec. E os valores por ele preconizados estão de pé, apesar das novas concepções de vida e dos novos estilos

hoje predominantes neste ou naquele segmento da sociedade. Tentamos, assim, apresentar Allan Kardec pelo prisma de uma visão social guiada pela compreensão de valores insubstituíveis, sejam quais forem as transformações sociais e as alterações semânticas. Tocamos apenas no assunto, sumariamente.

Vamos procurá-lo, agora, por outro prisma, do qual nos ficamos possivelmente as suas maiores lições; o desinteresse pessoal, a humildade natural e franca com que ele fez questão de declarar que a obra não é de sua autoria, é dos Espíritos. Claro que a Codificação da Doutrina teria de trazer o nome de Allan Kardec. Mas o ensino original, o ensino nuclear, o ensino puro, a gama que deu a base da Doutrina é realmente do Alto. Não querendo, portanto, intitular-se *criador* de um pensamento renovador nem muito menos *autor* pessoal de uma ordem de ideias tão luminosas, ideias que viriam abrir o horizonte humano para as mais sérias e mais profundas questões da humanidade, declarou logo cedo, na própria Introdução de "O Livro dos Espíritos": "A verdadeira Doutrina Espírita está no ensino que os Espíritos deram, e os conhecimentos que esse ensino comporta são por demais profundos e extensos para serem adquiridos de qualquer modo, que não por um estudo perseverante, feito no silêncio e no recolhimento." Com referência explícita a "O Livro dos Espíritos", disse ele tranquilamente: "*O mérito que apresenta cabe todo aos Espíritos que a ditaram.*" (O grifo é nosso.) Teve, ele, grande participação pessoal no diálogo que estabeleceu com os Espíritos instrutores, como também nos comentários de ordem pessoal, assim como na elaboração das outras obras, como sabem os espíritas; mas o aspecto relevante, que é uma lição permanente, é a franqueza com que indicou prontamente a autoria espiritual, deixando de lado o seu nome. Somente os homens de vocação missionária têm desprendimento para tanto. E, como missionário, acreditou em suas ideias, sempre orientado pelos mentores espirituais. E essas ideias devem influir, e já estão influenciando na transformação do mundo, ainda que não produzam efeitos maravilhosos ou impressionantes.

Não estamos esperando, finalmente, que as ideias espíritas modifiquem o mundo por inteiro, como se fosse possível mudar os rumos da vida por um passe de mágica, mas estamos certos, por experiência já vivida, de que nas áreas onde penetra a luz do ensino espírita a maneira de ver as coisas já é diferente. Os jovens que têm formação espírita, por exemplo, formação adquirida nas Mocidades e Juventudes, atualmente numerosas no Brasil, quando realmente conservam as sementes recebidas, vão para a Universidade ou ingressam depois na vida pública com um lastro de princípios orientadores. Já sabem, por isso, que a paz duradoura, a paz profunda, inspirada na Mensagem do Cristo, Mensagem que está fora e acima de quaisquer configurações geográficas, políticas, religiosas ou culturais, porque o amor é universal; já sabem os que receberam formação espírita — repetimos — que a verdadeira paz não se constrói por meio de fórmulas e atos solenes, mas na consciência do próprio ser humano, apoiada no poder da inteligência e na força do

sentimento. Tudo isto, em suma, são reflexos das lições de Allan Kardec.

("Reformador" — Órgão da FEB — Rio de Janeiro — RJ — outubro de 1980.)

16 A LIBERDADE ESPIRITUAL E AS CONTENÇÕES CORPORAIS

Começemos com um trecho de "O Livro dos Espíritos", Questão 368: "*O exercício das faculdades depende dos órgãos que lhe servem de instrumento.*" Vejamos o assunto: se a faculdade em si não depende dos órgãos, porque ela, a faculdade, é inerente ao Espírito, o seu exercício, todavia, sofre os inevitáveis condicionamentos do organismo. É o ensino que decorre da questão acima, uma vez que as faculdades são "enfraquecidas pela grosseria da matéria". Temos aí a velha questão do livre-arbítrio versus determinismo. Os órgãos físicos, e não somente eles, mas também certas eventualidades funcionais, condicionam o Espírito encarnado. Daí se segue naturalmente que, enquanto depende da matéria, o Espírito sofre restrição em sua liberdade, o que, aliás, é palmar no entendimento espírita.

O conceito de livre-arbítrio, portanto, não pode ser tomado em sentido muito amplo em todos os casos. O problema, entretanto, tem outra face: a influência que o Espírito, por sua vez, também exerce no corpo, de acordo com o estado de adiantamento, como se sabe. Tudo isto, afinal, é ponto pacífico e correntio na Doutrina Espírita. Nenhum dos dois conceitos (livre-arbítrio e determinismo) teria expressão absoluta.

Na consideração dos condicionamentos a que está sujeito o Espírito em sua experiência terrena, devemos situar necessariamente duas categorias de fatores influentes:

1) de ordem interna:

- a) estados emocionais
- b) estrutura psíquica
- c) sistema glandular
- d) fenômenos biológicos

2) de ordem externa:

- a) condições de vida
- b) ação do meio físico
- c) cultura
- d) meio social

A ação do organismo sobre as faculdades do Espírito pressupõe, como se vê, um conjunto de mecanismos convergentes, a começar pelas disposições do

"equipamento genético". Embora independente da matéria em sua natureza, o Espírito não pode evitar o envolvimento na tessitura biológica enquanto encarnado. É, em último caso, uma contingência do próprio processo reencarnatório. Em virtude das imposições orgânicas, não lhe seria possível, é óbvio, usar todas as potencialidades do livre-arbítrio.

Ao mesmo tempo, a desarmonia do sistema glandular, pela disfunção de uma glândula ou pela hipertrofia de uma dessas válvulas secretivas, tem muito o que ver com as faculdades do Espírito e, por isso mesmo, provoca certos comportamentos oscilantes. O pêndulo do livre-arbítrio tem, portanto, variações e características muito individuais. Então, ao pé da questão inicialmente citada (LE-368), podemos raciocinar: a repercussão dos fenômenos orgânicos não anula o livre-arbítrio, porque é uma faculdade espiritual. Podemos, no entanto, comprimi-lo na medida relativa à situação de cada Espírito, ora em prova, ora em missão, dentro de uma estrutura psíquica amoldada à faixa evolutiva em que encontre.

Dentro deste quadro evolutivo, não podemos pensar em livre-arbítrio em toda a plenitude, tanto mais quanto já sabemos que os estados emocionais *jogam* muito com a nossa vontade, podendo levar-nos, algumas vezes, à decisões precipitadas ou atitudes contundentes. Uma paixão violenta, por exemplo, uma crise emocional muito acentuada já é o bastante para perturbar todo o sistema neuropsíquico e obliterar a própria razão, que se torna impotente diante dos impulsos de cólera ou de ódio. São procedimentos que fogem imediatamente a todo possível *controle* emocional. Quando damos pela "coisa", como se diz vulgarmente, o fato já aconteceu, não há mais remédio. A emoção sobrepujou a razão. E o livre-arbítrio, em última análise, foi traído.

Até mesmo a alegria, quando demasiada ou apaixonada, pode causar extravasamentos agressivos. Quanta gente há, por aí, que se torna às vezes violenta de um momento para outro, ou fica quase desvairada, no campo de futebol, quando está *torcendo* por seu time!...

Livre-arbítrio e emoção quase sempre entram em choque. Psicologicamente, ninguém é livre, na acepção lata, quando tem medo ou quando ama em desespero ou quando se vê compelido pela necessidade implacável. Sob este ponto de vista, antes de qualquer teorização filosófica, mas em termos de vivência, temos de reconhecer que ninguém pode fugir a determinadas conjunturas emocionais ou sociais, muitas vezes contrárias à própria vontade. As reações apaixonadas cegam a inteligência, pois não se pode ter liberdade para discernir ou raciocinar com equilíbrio sem as necessárias condições psicológicas. O determinismo social prepondera no campo externo, enquanto o determinismo biológico pressiona o campo interno. Entre as duas forças concomitantes, obviamente, a liberdade individual é muito variável e relativa.

Se é certo, pois, que o ser humano luta internamente contra os fatores que lhe desafiam a liberdade, também é certo que, no curso da experiência terrena, no

aprendizado cotidiano, o meio físico e o meio social (no- tadamente este último) também *pesam* muito nas decisões e reações individuais. Queiramos ou não, somos inevitavelmente condicionados pela pressão social e, por isso mesmo, às vezes, somos compelidos a fazer o que não queremos ou somos levados, pela força mesma das coisas, a aderir umas tantas práticas que não combinam com as nossas verdadeiras intenções. As convenções e exigências sociais, ou padrões de vida, o *status* intelectual ou econômico, por exemplo, criam para nós, como que uma camisa-de-força, dentro da qual temos necessariamente de nos comunicar com os outros. Tudo isto, afinal, sacrifica um pouco a nossa liberdade, porque nos obriga a viver de acordo com o figurino social que não nos agrada.

Nem sempre vivemos como gostaríamos de viver, mas como as circunstâncias no-lo permitem. São imposições do ambiente em que vivemos ou do grupo a que pertencemos, imposições contra as quais nos insurgimos intimamente, porém os deveres profissionais e a necessidade de conviver nos fazem calar e seguir...

Neste ponto, no entanto, nunca será demais realçar o espírito aberto da Doutrina Espírita, ao advertir que devemos viver *como vivem os homens de nossa época*, transigindo, se necessário, em relação a determinadas frivolidades, contanto que o façamos *com um sentimento de pureza que as possa santificar, pois aquele que se isola, priva-se voluntariamente do mais poderoso meio de aperfeiçoar-se: não tendo de pensar senão em si, sua vida é a de um egoísta*. Palavras de "O Evangelho segundo o Espiritismo", Capítulo XVII, n^o 10.

Ainda mais incisivo é o pensamento da Doutrina nesta afirmação: *Deus fez o homem para viver em sociedade; não lhe deu inutilmente a palavra e outras faculdades necessárias à vida de relação*. Ver "O Livro dos Espíritos", Questões 766 e 778. Cabe, então, ao espírita, na sociedade, discernir entre o que é lícito e o que não o é, segundo os princípios doutrinários, com o necessário senso de responsabilidade. Pelo fato de sermos adeptos do Espiritismo e termos maior preocupação com o lado espiritual da vida, não devemos assumir a postura de um tipo *fechadão*, sistematicamente contra tudo e todos. Cada sociedade e cada época têm seus valores e sua realidade. Nossas contingências de livre-arbítrio e determinismo se enquadram naturalmente na faixa da experiência em que nos encontramos. As faculdades do Espírito, como se lê em "O Livro dos Espíritos", Questão 368, começam a sofrer restrições na própria configuração organo-psíquica e, depois, com o desenvolvimento físico e mental, enfrenta os desafios do meio natural e os testes da vida social, que têm muita ação restritiva.

Se, portanto, o livre-arbítrio é condicional, o determinismo também o é. Pelo que percebe o leitor, até aqui apenas vimos um aspecto da questão, qual seja, o livre-arbítrio no presente. Entretanto, não consideramos o problema diante das experiências do passado e perante o adiantamento moral do Espírito. É o que veremos a seguir.

Prosseguindo, vejamos agora outro trecho das obras de Kardec. Vejamos

exatamente aquele que aparece em "O Evangelho segundo o Espiritismo", Capítulo IX, nº 10, que diz assim: "*O corpo não dá cólera a quem não na tem, do mesmo modo que não dá outros vícios. Todas as virtudes e todos os vícios são inerentes ao Espírito.*"

Temos, al, sem dúvida, outra face do problema. Se, de fato, o corpo exerce influência sobre o Espírito, também este, por sua vez, influi na matéria. Tudo depende, porém, do grau de atraso ou desenvolvimento do Espírito encarnado. Claro que, uma vez integrado na composição corpo-perispírito, sem os quais não poderia desempenhar suas tarefas e cumprir as provas na Terra, o Espírito não pode remover as leis biológicas que o envolvem, em função do organismo. Mas pode, até certo ponto, superar certas imposições. Os defeitos e as virtudes são do Espírito, pois o corpo é mero instrumento, como ensina a Doutrina Espírita. Não podemos, justamente por isso, considerar a questão do livre-arbítrio e determinismo sem levar em conta a ação do Espírito.

O caso do Aleijadinho, por exemplo, é bem ilustrativo. Doente, contido dolorosamente nas deformações do corpo, já sem mãos a bem dizer, realizou as obras de arte que o glorificam através dos tempos. Havia, nele, um determinismo tremendo, impossibilitando-lhe os próprios membros. Contudo, havia nele ao mesmo tempo uma disposição invencível, um idealismo artístico insuperável! Embora sob uma prova dolorosa, o Aleijadinho venceu as contenções da matéria e fez o que quis: as obras de arte, que lá estão, em Congonhas (MG), como afirmação grandiosa de força espiritual. O livre-arbítrio ultrapassou a faixa do determinismo.

Procuremos o pensamento da Doutrina: dentro do círculo de uma prova, por mais restritiva ou impositiva que seja, há sempre uma *saída* para o Espírito em luta contra as contenções físicas e sociais. À margem do livre-arbítrio, porém, depende a situação do Espírito. Há Espíritos que estão em provas, e provas crueis, mas não são primários, uma vez que já trazem experiência do passado, acumulando cultura, recursos artísticos e habilidades através da reencarnação. A matéria, realmente, pode estancar as faculdades até certo ponto; entretanto, as potencialidades do Espírito reagem e terminam projetando-se, tanto quanto possível.

Hellen Keller é outro exemplo, e dos mais impressionantes de todos os tempos! A reencarnação é uma experiência, que a sabedoria divina proporciona ao ser humano, como é ensino doutrinário. Ora, Hellen Keller, que escreveu um livro, intitulado "Minha Religião", tornou-se uma figura universal, justamente pelo testemunho de sua vida. Um dos Espíritos mais notáveis entre tantos quantos passaram pela Terra! Cega, surda, muda, conseguiu superar as deficiências do corpo pelo poder do Espírito. Pelo método Braille, que é o sistema alfabético dos cegos, e outros meios didáticos, estudou e formou cultura básica, deu expansão à inteligência e, na realidade, criou o seu próprio mundo íntimo, um mundo real e feliz.

Quem poderia imaginar que aquela criança "marcada" por tamanha prova, menina que não possuía senão o sentido do tato para comunicar-se com o mundo exterior, ainda seria capaz de acumular tantos conhecimentos e vir a ser uma das maiores expressões de mulher pelo valor espiritual?

O caso de Keller — diz Gerard Harry — prova que, por trás dos órgãos momentaneamente atrofiados, existe uma consciência desde muito familiarizada com as noções do mundo exterior. Há, aí, ao mesmo tempo, uma demonstração das vidas anteriores da alma e da existência dos seus próprios sentidos, independentes da matéria, dominando-a e sobrevivendo a toda a desagregação corporal. (Citado por Léon Denis na obra "O Problema do Ser, do Destino e da Dor" — edição da FEB.)

Houve, sobre ela, como se vê, a ação de um determinismo tremendo, mas o livre-arbítrio foi mais forte, pois aí se conjugaram dois fatores decisivos: em primeiro lugar, a força de vontade indomável; em segundo lugar, as experiências, os conhecimentos, os compromissos trazidos de existências passadas. O organismo era defeituoso, não ajudava, mas o Espírito reencarnado já possuía aptidões, que não se perdem, como não se perdem os conhecimentos adquiridos. ("O Livro dos Espíritos", Questão 218.)

Quando o Espírito faz a opção pelo gênero de vida que deverá ter na Terra (obra citada, Questão 258), naturalmente já se sabe que a sua prova ou a sua missão (há reencarnações de provas e há reencarnações de missão) irá exigir determinado modelo de corpo, ao qual se adaptam as modelações do Espírito. O corpo comprime ou dificulta a manifestação das faculdades, mas o pensamento do Espírito pode influenciar até as próprias células. Lembra Emmanuel, e vem a propósito, que o pensamento claro e correto, com ação edificante, interfere nas funções celulares. Veja-se o que pode fazer o Espírito, sobrepujando-se às contenções da matéria, como é o caso de Hellen Keller. Gabriel Delanne refere-se ao modelamento do perispírito, sob a "ideia diretriz" ("A Evolução Anímica" — Capítulo I). Boa ilustração do assunto nos traz André Luiz (psicografia de Francisco Cândido Xavier) em "Missionários da Luz", Cap. XII. Então, o Espírito reencarna ajustado ao tipo de corpo que terá de servir de instrumento à prova ou à missão.

Unido a este corpo, que poderá ser defeituoso e até mesmo monstruoso, para efeito de experiência ou de resgate de delitos passados, o Espírito sofre diretamente a grosseria da matéria, no entanto, não perde as suas reservas de energia, de vontade e aptidões e conhecimentos, oriundos de outras experiências reencarnatórias, se é, na realidade, um Espírito já muito vivido ou detentor de talentos de que fizera mau uso no passado.

Já podemos, agora, voltar ao ponto de partida, terminando os nossos raciocínios.

Por mais sutis que sejam as indagações e deduções filosóficas, por mais

transcendentais que sejam as discussões, por mais conflitantes que sejam, enfim, as opiniões, em matéria de livre-arbítrio e determinismo ou fatalidade, poderemos dar muitas voltas, levar o pensamento a divagações muito altas, todavia, teremos de chegar à Doutrina Espírita, no final de tudo, concluindo basicamente que são duas realidades que coexistem, mas não são conceitos absolutos. É o resumo de toda a tese, embora comporte diversos ângulos de debate.

O livre-arbítrio aumenta à medida que o Espírito se adianta — não apenas em conhecimentos, mas principalmente em moralidade. Contrariamente, o determinismo é mais forte quando o Espírito é mais ignorante ou grosseiro.

Há Espíritos que cedem à matéria quase que totalmente, ou vivem a bem dizer, em função da mesma matéria; enquanto há outros que, embora sujeitos aos órgãos físicos, lutam constantemente e chegam a neutralizar umas tantas necessidades pelo idealismo, pela pureza de pensamento, pela fé, pelo desejo ardente de se melhorarem. É o jogo do determinismo versus livre-arbítrio. Vence o mais espiritualizado. Aí, justamente, entra a Doutrina Espírita com mais uma lição: o corpo não é responsável pelos nossos desatinos, pelas nossas paixões. Não, ele é apenas instrumento, já que o poder pensante é o Espírito.

Seria muito cômodo justificar atitudes negativas apenas com a seguinte alegação: "Procedo assim, faço isto ou aquilo porque nasci assim. Não tenho culpa, pois."

A paixão, a animalidade, a cólera são do Espírito; não podem ser atribuídas ao corpo, não! Por mais obscurecido pelo determinismo corporal, tem o Espírito — sempre — uma centelha de luz para pensar e decidir segundo o seu arbítrio. E se assim não fosse — arremata a Doutrina dos Espíritos — não haveria responsabilidade nem progresso espiritual.

("Desobsessão" — Porto Alegre — RS — sem data Indicada.)

17 ASSISTÊNCIA ESPIRITUAL

Uma questão ainda muito discutida na seara espírita é a da intervenção dos Espíritos nos interesses humanos. Embora os ensinamentos da Doutrina sejam claros e compreensíveis, as interpretações a este respeito, às vezes, são desiguais, inevitavelmente.

O bom senso com as luzes da doutrina, seria suficiente para colocar a questão em seu verdadeiro lugar sem conflito de opiniões. Há certas questões doutrinárias, em cuja análise deve entrar indispensavelmente o bom senso de cada um.

É o caso, por exemplo, da assistência dos Espíritos, quando se trata de necessidade material.

Os Espíritos amigos, os protetores, afinal, não são indiferentes às dificuldades materiais de cada um de nós, segundo os fatos constantemente

observados.

Exagera-se, porém, a concepção do verdadeiro papel dos Espíritos nos atos humanos. Quase sempre a questão vai para um extremo ou para outro, ou dificilmente fica no meio termo. Algumas pessoas admitem que os Espíritos devem intervir em tudo, dirigindo os nossos passos, acompanhando os nossos pensamentos, ao passo que outros sustentam que os Espíritos devem ficar absolutamente à margem de qualquer assunto deste mundo. Mas, segundo a Doutrina Espírita, o mundo espiritual não é uma continuação do mundo material? As vibrações deste mundo não têm repercussão no Além? De um lado ou de outro ao que parece, há pouco equilíbrio entre o pensamento da Doutrina e a realidade. Os Espíritos não nos auxiliam, é certo, como nós prevemos, porque a assistência espiritual, em qualquer situação, está condicionada ao merecimento de cada um, isto é, assistência na aceção de auxílio. Entretanto, de acordo com a própria palavra do Cristo — *"batei, e abrir-se-vos-á"*, podemos receber o socorro do Além, da Bondade Divina por intermédio de um "sopro de inspiração", de uma ideia feliz, em momentos difíceis, em situações aflitivas. Os Espíritos, de fato, não podem revogar a lei a que estamos sujeitos, como não podem modificar o curso de um ciclo de provas, nem destruir, em nossa existência presente, situações oriundas de encarnações anteriores. Ainda assim não estão eles de todo privados de nos prestarem assistência em certas ocasiões. Sem que tal ou qual forma de auxílio possa ferir a lei de causa e efeito, ponto de apoio da filosofia reencarnacionista, os guias espirituais, os Espíritos familiares, principalmente, dispõem de meios para atender aos nossos apelos, não de uma forma ostensiva espetacular, mas dentro dos limites de nosso merecimento e de acordo com a sinceridade de nossas intenções. No Capítulo XXVI, de "O Livro dos Médiuns" (Das perguntas que se podem fazer aos Espíritos), há esta interpelação, entre outras da mesma natureza:

93

ANÁLISES ESPÍRITAS

"Podem os Espíritos familiares favorecer os interesses materiais por meio de revelações?"

Eis a resposta:

"Podem e algumas vezes o fazem, de acordo com as circunstâncias; mas ficai certos de que os bons Espíritos NUNCA SE PRESTAM A SERVIR A CUPIDEZ."

As perguntas honestas não deixam de merecer a atenção dos Espíritos protetores, embora nem sempre, *conforme as circunstâncias*, está dito acima, possam elas ser satisfeitas plena e imediatamente. Há, porém, necessidades que, no fundo, não passam de cupidez e extravagância. E nestes casos os Espíritos não podem proceder como se fora um pedido justo, criterioso. O indivíduo, suponhamos, que pede a seu Espírito protetor que lhe dê um meio de ganhar muito dinheiro para gastar no cassino, evidentemente não faz jus ao carinho, à bondade de um Espírito elevado. Os Espíritos de Luz não auxiliam o vício, a ganância, a

licenciosidade, porque isto seria o mesmo que retardar a evolução. Um pedido insensato não pode encontrar guarida na inteligência de um Espírito sensato. E se tal fosse possível, a intervenção dos Espíritos nas coisas do mundo material teria as mais desastrosas consequências sociais.

Se qualquer um de nós sempre que pedisse algum auxílio do Alto, fosse atendido imediatamente, adviria disto a maior ociosidade, por força do hábito em detrimento do "esforço próprio", que é o caminho da evolução. Entretanto, não podemos dizer, de um modo sistemático, que os Espíritos não nos ajudam, quando é possível, em nossas necessidades materiais. O próprio Allan Kardec, comentando as respostas que recebera a propósito do assunto, diz o seguinte:

"Os nossos Espíritos protetores podem, em muitas circunstâncias, indicar-nos o melhor caminho sem, entretanto, nos conduzirem pela mão, porque se 'assim fizessem, perderíamos o mérito da iniciativa e não ousaríamos dar um passo sem a eles recorrermos, com prejuízo de nosso aperfeiçoamento." ("O Livro dos Médiuns", Cap. XXVI.)

É verdade que os Espíritos não nos revelam "tesouros enterrados", nem o "dia da sorte grande", por exemplo, mas nos dão ideias felizes, nos trazem alento e esperança, nos momentos de maior incerteza.

Os Espíritos, enfim, não vão bater de porta em porta para nos dar meios de vida, mas nos apontam o caminho, nos dão coragem, e nós que trabalhemos, que nos movimentemos. Quando estamos em sérias dificuldades, às vezes atônitos com alguns problemas inadiáveis, e nos aparece, inesperadamente, um amigo, um conhecido, um companheiro de ideal que nos ajuda naquela emergência, nem sempre queremos ver em tudo isso a providência, a mão invisível de um amigo espiritual, que desce até nós, para nos trazer auxílio, aproximando-nos de alguém que serve de instrumento de nosso benefício.

Os Espíritos nos auxiliam, é verdade, mas precisamos agir também por iniciativa própria.

Muita gente de boa-fé excessiva deseja intervenção dos Espíritos até nos assuntos vulgares. É o outro extremo da questão. Devemos pedir auxílio aos Espíritos justamente quando nos defrontamos com situações que estão acima de nossa capacidade, de nossos recursos, poupando, porém, os nossos guias sempre que precisarmos resolver coisas simples, que dependem exclusivamente de nossa inteligência. Os Espíritos amigos nos inspiram, nos orientam, nos transmitem a indicação de um rumo certo, mas não tomam o nosso lugar, o nosso posto de ação no conjunto em que vivemos. É ainda de Allan Kardec esta ponderada advertência:

"Fora abusar da condescendência dos Espíritos familiares e equivocarse quanto à missão que lhes cabem o interrogá-los a cada instante sobre as coisas mais vulgares, COMO O FAZEM CERTOS MÉDIUNS. Alguns há que, por um sim, ou por um não, tomam do lápis e pedem conselho para o ato mais simples. Esta mania denota pequenez nas ideias, ao mesmo tempo que a presunção de supor, quem quer que seja, que tem sempre um espírito servidor às suas ordens, sem

outra coisa mais a fazer senão cuidar dele e dos seus mínimos interesses."

O bom senso, portanto, à luz da elucidação do Codificador da Doutrina, é que, nas ocasiões necessárias, saberá distinguir as ideias vulgares das elevadas. Nem tudo se deve perguntar aos Espíritos. Nenhum ponto da Doutrina deve ser interpretado com radicalismo. O raciocínio individual não pode ser dispensado no exame de qualquer tema ou questão, sob pena de prejuízo para a própria compreensão dos assuntos e do pensamento do Codificador. Não constitui sacrilégio nem profanação uma súplica sincera a um Espírito para determinado auxílio de ordem natural. Tais auxílios são prestados de forma indireta, velada, mas não deixam de ser uma prova, e prova eloquente, de que todo aquele que sabe pedir recebe o salário a que tem direito. É a lei da justiça. Não devemos, porém, vulgarizar a assistência espiritual, chamando os Espíritos para resolverem problemas insignificantes ou removerem dificuldades que nós mesmos criamos pela nossa imprudência. Ai de nós, finalmente, neste planeta de tanta incerteza, se não contássemos com a orientação, o auxílio, a bondade dos Espíritos amigos...

("Mundo Espírita" —Curitiba —PR — fevereiro de 1945.)

Nota do compilador: Corroborando em toda a linha esta oportuna análise de Deolindo Amorim, eu me lembro de que, nos anos 60, quando era ainda membro da Mocidade Espírita de Nova Iguaçu, fui procurado por um senhor desejoso de obter uma comunicação mediúnica. Curioso, quis saber dele o que é que ele queria conversar com os Espíritos. E espantado fiquei com a resposta: aquele senhor desejava comprar uma chácara para criar aves e queria saber das "entidades do Centro" se poderia ou não fazer uma certa transação imobiliária! É por estas e por outras semelhantes que Deolindo Amorim deixou esta página que de modo algum poderia ficar esquecida num recorte de jornal.

18 VIDA DE JORNAL

No decorrer de minha experiência profissional, como jornalista, vivi alguns dramas, mas também aprendi muito com o mundo e os homens. Deixei de ser jornalista profissional, jornalista de tarimba, como se diz, e há muito tempo, tendo-me desligado do sindicato, por isso mesmo, porém, assumi, na imprensa espírita, encargos até maiores, senão mais absorventes, pois tenho muitas amizades, felizmente, e os confrades me pedem colaborações para diversos órgãos doutrinários. Hoje, para dizer a verdade, escrevo muito mais do que no tempo em que era profissional e vivia de jornal. Seja como for, apesar de muitos desencantos há momentos inesquecíveis na vida de jornal. A experiência é válida. O jornalista conhece a sociedade por dentro, sabe muito bem que os falsos ídolos, à força de tanto artifício, de tanta simulação, muitas vezes sobrepõem os valores reais; mas estes não precisam de máscaras. É preciso viver o dia-a-dia da profissão, em contato com todas as camadas sociais, para que se conheça o que existe por detrás das aparências e do formalismo. O jornalismo é, de fato, uma escola de vida prática, escola em que se aprende psicologia através das reações individuais e coletivas.

Há ocasiões em que a imaginação supre a falta de assunto. E o jornalista não pode deixar de ser criador; se não tem imaginação para criar ou descobrir filões novos, cai na rotina, porque se contenta na reprodução pura e simples do que já foi explorado. No jornalismo profissional, que é muito diferente do jornalismo que fazemos no meio espírita, o redator escreve o que lhe mandam escrever. Justamente por isso, muitas e muitas vezes, diz o que não sente, por força do ofício. Ganha para isso... Claro que existem exceções. Quando certos redatores têm influência na orientação do jornal, evidentemente escrevem com relativa autonomia e podem, às vezes, tomar posições que não conferem com a posição do órgão a que servem. Não é regra, porém. Poucos jornais permitem que redatores assinem seus artigos, suas crônicas. O redator anônimo recebe ordem e deixa de lado os seus próprios pontos de vista. Há episódios que discrepam desse costume, lá uma vez por outra, pois há certa margem de opção. Mas as conveniências do jornal têm de prevalecer, não há dúvida, de vez que cada jornal tem a sua *linha* característica, seu padrão de procedimento, seus critérios de apreciação e crítica, o mesmo ocorrendo com os jornais religiosos, doutrinários, etc.

Veamos, por exemplo, no meio espírita, em que todos os órgãos de nossa imprensa doutrinária (jornais, revistas, boletins, etc.) defendem os mesmos princípios, sustentam as mesmas teses, e assim por diante, mas cada um tem o seu feito, as suas colocações próprias, o seu modo especial de ventilar e apreciar uns tantos problemas. Lá fora, como se diz, no âmbito da imprensa diária ou da grande imprensa, o jornalista profissional adapta-se naturalmente à bitola do jornal, ainda que, particularmente, não concorde com algumas posições. Mas é preciso saber, antes de tudo, como é que a direção do jornal pensa. Quando ocorre um acontecimento, por exemplo, toda a imprensa se ocupa do assunto, porém cada jornal dá a sua versão, vê o fato por um prisma, segundo a sua linha de orientação. A notícia em si é geral, a bem dizer, pois o fato não muda de natureza, e, por isso, a principal função do jornal é comunicar a informação. Entretanto, a parte crítica, a apreciação do fato, dando-lhe relevo ou diminuindo-lhe a importância, é inerente ao critério de cada jornal. Tudo isso se aprende na tarimba jornalística.

No meio espírita, como é óbvio, a situação muda inteiramente de figura. Ninguém faz profissão na imprensa espírita, ninguém recebe *ordem* para escrever desta ou daquela maneira. Tudo é espontâneo e desinteressado. A responsabilidade, por isso mesmo, torna-se muito maior ou mais grave. O jornalista profissional pode alegar em último caso: É a política do jornal e eu nada tenho com isto! O mesmo não se dá no meio espírita. O jornalista espírita, aquele que escreve pela e para a Doutrina, evidentemente não o faz por mero prazer intelectual, mas por um compromisso com a causa. Sente-se mais à vontade nesse campo de trabalho e procura ser útil, pois a seara espírita oferece muitas áreas de oportunidade. É um jornalismo de responsabilidade pessoal, acima de tudo, pois quem escreve para qualquer publicação espírita naturalmente pensa nas

consequências de um artigo ou de um comentário, de vez que uma frase menos clara, uma afirmação nebulosa podem causar muita confusão. E quantas e quantas vezes se faz a matéria e, depois de tudo pronto, logo se verifica que alguma coisa não está certa, algum ponto talvez não seja bem compreendido. Rasga-se o artigo, faz-se tudo de novo. Que significa isto? Consciência de responsabilidade.

Vê-se, pois, que o jornalista espírita, embora não seja profissional e, portanto, não tenha interesse material no que escreve, vive os seus dramas íntimos por causa da posição que assume perante a coletividade que lê o jornal espírita.

O jornalismo espírita é, na maioria dos nossos órgãos, um tipo de jornalismo dileitante, mas nem por isso deixa de ser muito responsável. O fato de escrever relativamente fácil, quando se tem gosto e oportunidade, não quer dizer seja igualmente fácil explicar matéria doutrinária com o necessário cuidado de *dosar* bem as ideias, a fim de que não fique a menor confusão entre os leitores. É verdade que o nosso público espírita é homogêneo nos aspectos fundamentais, mas é bastante diversificado em suas preferências, reações e tendências. Então, o jornalista deve ter a necessária flexibilidade para transmitir o ensino da Doutrina ou relatar os fatos de um modo capaz de ser entendido tanto quanto possível pelo maior número de leitores. Tudo nos leva, afinal, a reconhecer, pela vivência constante, que não é fácil, não é simples fazer jornalismo espírita, principal mente porque não é um jornalismo de meio de vida: é um jornalismo de ideal!

Quando escrevemos — é sempre bom acentuar este ponto —, não respondemos somente perante a nossa comunidade, que nos conhece, que nos estimula, mas respondemos antes de tudo, perante a nossa consciência e perante o mundo espiritual, que nos observa nas intenções e nos atos.

Claro que não somos autômatos. Temos livre-arbítrio até certo ponto e, conseqüentemente, somos responsáveis pelo que escrevemos. **Não vamos atribuir esta responsabilidade, que é nossa, ao mundo espiritual. Todavia, a ética de consciência nos adverte, nas mínimas como nas grandes coisas, para o *bom uso dos talentos, de que fala a mensagem evangélica.***

(“Correio Fraternal” — S. Bernardo do Campo — SP — agosto de 1980.)

19 O E A QUESTÃO ESPIRITISMO SOCIAL

Embora se preocupe diretamente com a vida futura ou extraterrena, não deixa o Espiritismo, todavia, de cogitar do bem-estar humano, discutindo os aspectos fundamentais da questão social. Não se pense, pois, que a Doutrina Espírita seja omissa nos pontos essenciais da vida terrena. E tanto é verdade, que o Espiritismo encara a questão social com realismo, situando-a racionalmente no ângulo em que ela se encontra. Neste ponto, conquanto não concorde com a solução puramente

científica, divergindo assim, da dialética materialista de Engels e de Marx, o Espiritismo é objetivo, é muito objetivo até, porque não é nas regiões etéreas nem pela prática de penitências, mas no mundo material, pelo aperfeiçoamento das próprias instituições sociais, que procura a solução da luta entre o capital e o trabalho. Embora o conflito social, que não é deste século, mas um fenômeno peculiar ao desenvolvimento da civilização, tenha a sua origem nas relações humanas, não pode ser resolvido exclusivamente por meios materiais. Coerente com este princípio, o Espiritismo não esposa a tese materialista, e analisa a questão à luz de outra ordem de ideias. Neste momento de confusão universal, talvez nem todos os estudiosos dos problemas sociais, incluindo-se possivelmente alguns espíritas, tenham procurado conhecer o pensamento da Doutrina a respeito da questão social.

O materialismo admite o nivelamento geral enquanto que a Doutrina Espírita explica as desigualdades à luz da reencarnação valendo recordar que a dialética materialista considere o assunto como sendo problema fundamental da sociedade e tendo natureza econômica.

Ora, a questão social existe, sim. Os problemas são evidentes. Mas o Espiritismo e o materialismo histórico encaram a questão por prismas diferentes. O Espiritismo não nega a existência da questão social, uma vez que a má distribuição da riqueza, produzindo a opulência de uns e a miséria de outros, é um fato notório e incontestável. A Igreja Católica Romana também reconhece que a riqueza não está sendo distribuída com equidade, pois não é outro o pensamento da encíclica Rerum Novarum.

A questão social existe porque há desarmonia entre o capital e o trabalho, determinando o conflito de classes. Mas as soluções propostas são desiguais, de acordo com as divergências filosóficas.

Tomando-se por premissa a negação da existência da alma, está claro que o materialismo não pode chegar à conclusão espiritualista, dentro de cuja concepção o problema do homem não é exclusivamente econômico. O Espiritismo neste particular não diverge da Igreja, porque ambos admitem, sem qualquer atrito filosófico, três pontos primordiais: a) existência de Deus; b) imortalidade da alma; c) preponderância do princípio moral. Até aí não há divergência. A discordância entre o Espiritismo e a Igreja, em matéria filosófica, começa quando se abre a questão reencarnacionista. Embora seja também espiritualista e tenha, como o Espiritismo, aqueles três pontos de coincidência, a igreja não admite a reencarnação e, por isso mesmo, não pode apreciar as desigualdades sociais com a mesma visão da Doutrina Espírita.

Não aceitando o princípio da igualdade absoluta, justamente porque a concepção igualitária entra em conflito com a teoria da reencarnação, o Espiritismo prescreve, todavia, solução pacífica, condicionada ao progresso moral. Pouca gente, porém, sabe o que diz a Doutrina Espírita acerca do debatido e

complexo problema social. É o aspecto menos estudado no Espiritismo. Entretanto, não conheço orientação mais segura, mais equilibrada, do que esta, que encontramos em "Obras Póstumas", de Kardec, 9ª edição, página 361: "Por melhor que seja uma instituição social, sendo maus os homens, eles a falsearão e lhes desfigurarão o espírito para a explorarem em proveito próprio."

Como se vê, a reforma social exige, antes de tudo, a reforma do indivíduo. Nenhuma transformação violenta resolve o problema do equilíbrio social sem obter, primeiramente, o progresso moral pela educação do espírito. A chave da questão social não está na subversão radical das instituições, porque ainda que se substitua a estrutura da sociedade ou se dê nova organização ao Estado, sem elevar o nível moral das massas, haverá os mesmos choques, uma vez que o egoísmo humano subsiste em qualquer situação. Só se poderá aperfeiçoar o mecanismo social com o gradativo aperfeiçoamento individual. A tese espírita, portanto, é realista, senão talvez a que menos se aproxima da utopia, porque se baseia no conhecimento da natureza humana.

Temos aqui, neste pequeno trecho, a interpretação da luta entre o capital e o trabalho, à luz da Doutrina Espírita: "A questão social não tem pois, por ponto de partida a forma de tal ou qual instituição; ela está toda no MELHORAMENTO MORAL dos indivíduos e das massas. Aí é que se acha o princípio, a verdadeira chave da felicidade do gênero humano, porque então os homens não mais cogitarão de se prejudicarem reciprocamente." (Allan Kardec em "Obras Póstumas", já citadas.)

Não aceito a tese comunista porque não vejo traço de afinidade entre Comunismo e Espiritismo. Não creio que a questão social possa ser resolvida satisfatoriamente por meio da solução econômica, quando é certo que as necessidades do homem não são apenas as de ordem material. O problema econômico não contém em si mesmo toda a extensão e complexidade da questão social. Portanto, a problemática das desigualdades sociais não se subordina, exclusivamente, ao desajustamento econômico. Ela reclama indagações de maior transcendência, acima do plano material, embora prevaleçam, é bem verdade, até certo limite, as causas de ordem biológica.

De acordo, pois, com a Doutrina Espírita, não creio na solução materialista. Não encontro semelhança de concepções entre a doutrina materialista e a Doutrina Espírita, porque reconheço a prevalência de três razões que considero substanciais:

- a) — O Espiritismo, dada a vocação de sua doutrina, está em desacordo com o materialismo, e, portanto, encara a questão social sob ponto de vista diferente; .
- b) — em face da reencarnação, a pedra *filosofal do Espiritismo*, a igualdade absoluta é impossível, sob pena de derrogação da Justiça Divina;
- c) — o problema da felicidade humana, tendo raízes profundas no

Espírito, e não exclusivamente na matéria, está condicionado à reforma moral do indivíduo, porque na sociedade composta de indivíduos desorganizados e corrompidos, não pode gozar-se a plenitude de paz e de justiça.

Quando pois, o indivíduo é mau, nenhum regime consegue convertê-lo em homem de bem, sem que ele se reforme interiormente. A Doutrina Espírita prescreve, exatamente por isto, a reforma do indivíduo para que se possa reformar o grupo. E sem a reforma individual, sem a observância do fator moral com base na existência do Espírito, não se destrói o antagonismo social provocado pela luta de classe e pela desproporção dos bens materiais.

Se, sob o aspecto filosófico, vejo profunda divergência entre o Espiritismo e o comunismo, porque aquele apóia toda a sua filosofia na existência e sobrevivência do Espírito, enquanto este se baseia no materialismo histórico, não é menor a discordância, sob o ponto de vista político. Ora, politicamente o Comunismo admite o direito do Estado sobre a propriedade privada, o que está em desacordo com os princípios espíritas. Veja-se Allan Kardec em "O Livro dos Espíritos", Parte Terceira, Cap. XI. O regime que melhor corresponde à índole da Doutrina Espírita é a *democracia*, porque a estrutura filosófica do Espiritismo não se adapta a nenhuma forma de poder totalitário. O nacionalismo estreito é tão contraproducente quanto o internacionalismo incondicional. A democracia é regime de conciliação, de equilíbrio, porque repele instintivamente qualquer hegemonia e permite a participação do TODOS no progresso comum, sem distinção de classes.

O sistema democrático, embora sujeito a deformações humanas, também evolui, marchando para o reinado pacífico da grande *democracia cristã*. Os exclusivismos são prejudiciais à ordem social, porque o progresso da sociedade depende da cooperação de todas as classes e não apenas de uma só classe.

A *democracia cristã* não comporta a precedência de nenhuma classe social sobre as outras, mas, ao contrário, oferece oportunidade para o bem-estar coletivo, o entendimento, a solidariedade, dentro da Justiça Social iluminada pelo Evangelho. Qualquer ditadura, seja de um indivíduo ou de uma classe, de um partido ou do Estado; seja do capitalismo ou do proletariado, da cruz ou da espada, da ciência ou da fé, não oferece ambiente propício à livre manifestação do pensamento porque é sempre unilateral. Dentro de um regime democrático não pode subsistir qualquer exceção de classe em detrimento da liberdade humana.

A questão social deixará de ser o pesadelo da civilização quando cessar a exploração do homem pelo homem com a socialização do capitalismo. O Estado é entidade abstrata. Logo, não é o Estado que traz a felicidade geral. O Estado é bom quando os homens são bons. O maior problema, portanto, é melhorar os homens. Creio, nesse caso, que a Democracia Cristã, sem o predomínio de uma classe ou de outra, mas pela união de todas as classes, realizará a maior missão social da História, resolvendo o conflito entre o capital e o trabalho, para o bem-estar geral. Por todas estas razões é que à luz da Doutrina Espírita não aceito

a tese materialista nem qualquer doutrina que reconheça a supremacia do *deus Estado*. Creio, finalmente, que a questão social, segundo a concepção da Doutrina Espírita, será resolvida, cedo ou tarde, mas pelo processo normal de evolução.

A desarmonia entre as classes (patrões e empregados, ricos e pobres, chefes e subordinados, governantes e governados) não será destruída pelo providencialismo de uma fórmula ou de um sistema, e sim pela compreensão recíproca, pela exatidão de consciência, pelo sentimento de tolerância, quando cada um, em qualquer circunstância ou posição em que se encontre, sem que se faça necessária a fiscalização ou a rigidez da lei, souber viver e agir dentro da sabedoria universal do DEVER.

("Mundo Espírita" — Curitiba — PR — dezembro de 1945.)

Nota do compilador: Esta análise Deolindo Amorim a escreveu no final da II Guerra Mundial, seguida da chamada "guerra fria", com o mundo dividido entre as nações democráticas lideradas pelos Estados Unidos da América e as nações socialistas, em volta da União Soviética. Os países mais pobres vieram a constituir o chamado Terceiro Mundo.

Diante das dificuldades econômicas e das desigualdades sociais, muitos conflitos ocorreram de lá até os dias atuais. Ocorre que, no começo dos anos 90 a União Soviética se desfez, depois da política de Gorbachev de modo que os países do Leste Europeu procuraram aproximar-se da chamada Economia de Mercado, do mundo ocidental. Por isso mesmo, a análise de Deolindo Amorim ainda é atual porque dá a visão espírita das questões sociais.

20 CONHECIMENTO E VIVÊNCIA

É uma dessas histórias que a gente ouve ocasionalmente e não esquece mais. A cena se passou no interior, dentro da mata, entre um engenheiro, aliás muito ilustrado, e um homem rude, trabalhador braçal, contratado para carregar as ferramentas e os apetrechos de levantamentos. O engenheiro, com interesse de naturalista, fora do ofício, tomava nota de tudo, queria saber tudo sobre plantas nativas, fauna e outros aspectos da região. Enquanto perguntava e anotava, ia fazendo balizamento e demarcando terras com o atento e prestimoso auxiliar. Falava sobre Botânica, fazia comentários sobre estudos de gabinete, e, às vezes, usava termos científicos que deixavam o pobre ajudante completamente no ar, como se diz, sem saber o que era "aquilo"...

De quando em quando, no entanto, o carregador do material, embasbacado com tanta ciência, voltava-se para o engenheiro e exclamava: — Mas, doutor, como o senhor sabe coisa! E as medições de terras continuavam sem problemas. Volta e meia, lá vinha nova manifestação de deslumbramento do ajudante do engenheiro: — Mas como é que o senhor pode botar tanta sabedoria na cabeça, doutor!

Lá uma hora, porém, quando atravessavam um córrego, o engenheiro viu uma fruta, realmente apetitosa por fora, e quis saboreá-la imediatamente; ao levá-la,

porém, à boca, teve uma surpresa desconcertante pois a fruta estava intragável, *amargando* demais! Ele não sabia que não era época da colheita pois era como que um estrangeiro naquele ambiente. Como o chefe nada lhe havia perguntado, o ajudante nada disse, deixando que ele adquirisse a sua própria experiência. Frustrado no apetite, reclamou do ajudante, apesar de toda a sua ciência de naturalista: — E por que você não me avisou? A resposta, obviamente não poderia ser outra: — E por que o senhor não me perguntou? Afinal, depois de algumas observações de homem vivido, errtoora sem leituras, homem que nascera ali mesmo e conhecia praticamente tudo quanto era *pé-de-pau e pedaço de chão*, o roceiro rematou a conversa com esta expressão incisiva: — Moço, aqui neste lugar eu sou o doutor!

Eis, em suma, a história que me contaram. Agora, as aplicações. A filosofia da vida, muito diferente da filosofia puramente acadêmica, sempre nos ensinou a tirar lições da experiência cotidiana, às vezes até de coisas muito simples ou aparentemente destituídas de importância. A lição do roceiro, diante do engenheiro muito culto, naturalmente nos faz pensar na diferença entre o saber teórico e o saber prático, justamente o saber *de experiência feita*, como sentenciou o glorioso vate lusitano Luiz Vaz de Camões.

(...) Podemos fixar, aí, mais uma vez, a velha lição que os nossos antepassados nos legaram: se o conhecimento prático, por ser muito limitado, não pode concorrer em tudo com o conhecimento científico ou filosófico, por sua vez não se pode desprezar o saber adquirido na vivência do dia-a-dia. Há um momento em que a palavra é do homem de ciência, porque somente ele fala *de cadeira* em seu domínio; mas também há um momento em que a palavra do homem prático ou experimentado na vida tem o seu *peso* nas avaliações. Não tenhamos dúvida. Nunca o homem de gabinete, por mais erudito que seja, deve fazer pouco caso das observações ou advertências do homem que não tem estudos mas tem muita vivência.

Levemos, então, as nossas reflexões ao campo espírita, onde há muito o que observar e aprender neste sentido. Embora já tenhamos, na leitura espírita, um acervo riquíssimo de depoimentos científicos e de profundas interpretações filosóficas, a cada passo nos defrontamos com informações oriundas de pessoas sem lastro intelectual, mas muito sensatas e às vezes argutas em suas deduções. São pessoas que já viveram experiências válidas no trabalho mediúnico ou no silencioso exercício da meditação e, por isso, têm muita luz para oferecer aos estudiosos. Quanta gente aparentemente grosseira, por aí, tem alma burilada...

Quem estuda seriamente o Espiritismo, não apenas por um prisma, mas em conjunto, toma nota de tudo: registra, examina e depois vai pensar a respeito, não importa que o médium seja completamente ignorante do ponto de vista das letras, pois o que importa, o que mais interessa é o fato. Há médiuns realmente analfabetos, desconhecidos nos ermos dos velhos sertões, médiuns que nunca

ouviram falar em Doutrina Espírita, porém são honestos, praticam o Bem instintivamente; não sabem definir o que seja Amor, porém a verdade é que amam, dão amor mesmo, sentem o que fazem desinteressadamente. Através de um médium deste tipo, podemos receber elementos muito significativos sobre o conhecimento espiritual. Ensina a Doutrina que o bom médium não é o que se comunica facilmente, mas o que é simpático aos bons Espíritos. Se o médium é humilde e entrega-se, de coração, ao trabalho mediúnico, para servir abnegadamente, há de receber boa assistência espiritual, ainda que seja visivelmente bisonho.

A conciliação da teoria com a prática ou da erudição com a experiência da vida ainda nos permite algumas considerações fora da esfera restrita da mediunidade. Uma premissa indispensável: há uma diferença entre o *conhecer* e o *viver*. Conhecer a Doutrina nem sempre significa vivê-la. A situação tanto pode ocorrer no meio espírita quanto no meio católico, protestante, etc. O ato público de *profissão de fé*, se não há o desejo sincero de viver a crença, é apenas formal, porque não tem repercussão no mundo interior da criatura que faz juramento.

(...) Quantas criaturas há, no meio espírita, que não têm condições de fazer amplos estudos da Doutrina, talvez até desconheçam os mais credenciados autores de nossa leitura e, no entanto, vivem a Doutrina pelo exemplo... Pode ser que não tenham estrutura intelectual para dissertar sobre uma tese espírita, mas absorvem o pensamento da Doutrina às vezes muito mais do que gente intelectualizada. E entre elas, não poderá haver Espíritos que já trazem muito conhecimento de outras vidas? Parece que sim.

Tudo nos conduz afinal o raciocínio a um ponto de remate: também na seara espírita, como em qualquer seara do conhecimento, o saber da erudição e da pesquisa é necessário, tem o seu inegável valor. Mas o saber daqueles que não são cultos perante os valores intelectuais e, no entanto, vivem a Doutrina através da experiência cotidiana, é claro que têm muita autoridade pelo exemplo!

(Revista "Estudos Psíquicos" — Lisboa — agosto/setembro de 1982.)

21 LEI ESCRITA E LEI MORAL

Se é verdade que "nada existe de novo sob o sol", segundo a sabedoria de Salomão, como constantemente se diz, também é verdade que as ideias se renovam ou se enriquecem pelas contingências do tempo. Como poderia haver progresso se o pensamento ficasse parado no tempo? Não haveria criatividade. As inovações e retificações fazem parte do curso natural da experiência humana, em todos os sentidos. Em cada época, como em cada conjuntura social ou cultural, hão de surgir novas técnicas, novos meios de ação, e assim por diante.

E onde haverá originalidade absoluta?... Ainda que o pensamento seja

antiquíssimo, digamos assim, sempre aparecem, todavia, novas luzes, outros ângulos, diferentes formas de apresentação e discussão. Praticamente, afinal, o que se verifica é o seguinte: muitas ideias antigas, ideias contidas nas sutilezas dos contextos recuados dos séculos, não importa de quem seja a primazia, tomam expressões novas, porque revestidas de outras formas de dizer ou colocadas em esquemas atuais. No fundo, porém, o fio central do pensamento já vem de longe. Se, portanto, devemos reconhecer que a originalidade é relativa, não podemos, entretanto, deixar de acreditar na capacidade criadora da inteligência humana.

Há ensinamentos que perduram no tempo e no espaço, atravessam os séculos e nunca ficaram desatualizados, a despeito de todas as inovações provocadas pelas necessidades humanas. O pensamento dos grandes vultos da Humanidade não morreu nos "arquivos do passado". Alguns deles, antes de Jesus, tiveram a antevisão do futuro e deixaram sentenças realmente imortais. Por seu turno, a mensagem cristã continua a ser, há dois milênios, a grande resposta, nos momentos mais decisivos, apesar do surto renovador que nos envolve na "engrenagem tecnológica" dos dias atuais.

A Doutrina Espírita, justamente neste ponto, nos oferece motivos para reflexões especiais. Temos, por exemplo, uma afirmativa bem característica encontrada em "O Livro dos Espíritos" (Questão 621): Onde está escrita a lei de Deus? — Na consciência.

Pela leitura de todo o contexto, logo se vê que a Doutrina quer acentuar bem a preponderância da lei moral, que não se confunde com os conceitos de moral, sujeito às mudanças periódicas. Lei moral, no entendimento espírita, é a que preside aos atos de nossa consciência. É uma colocação subjetiva, poderão objetar. Mas a lei moral, diferentemente da lei escrita, não se subordina às limitações de tempo e de espaço. É, como se sabe, uma das ideias fundamentais da Doutrina.

A lei escrita tem um sentido histórico e, por isso mesmo, sofre alterações de época para época, na medida em que se alteram os costumes, as concepções de vida, os padrões sociais, etc., ao passo que a lei moral persiste, justamente porque sua instância não é visível. Não se configura no espaço social ou geográfico, está no foro íntimo, é inerente à responsabilidade intransferível.

Quando lemos, por exemplo, "O Evangelho segundo o Espiritismo", no Capítulo V, nº 5, deparamos novamente a mesma questão, já agora até mais desenvolvida. Diz a Doutrina no livro mencionado: "A lei humana atinge certas falhas e as pune. Pode então o condenado reconhecer que sofre a consequência do que fez. Mas a lei não atinge, nem pode atingir, todas as faltas; incide especialmente sobre as que trazem prejuízo à sociedade e não sobre as que só prejudicam os que as cometem. Daí se segue — continua o ensino espírita — que nas pequeninas coisas, como nas grandes, o homem é SEMPRE punido por aquilo em que pecou." (Achamos justo

destacar, dando realce em caixa alta à palavra SEMPRE, isto é, deixar bem claro que ninguém foge à lei, mais cedo ou mais tarde sofrerá as consequências de seus atos, ainda que ocultos.)

A lei escrita produz efeitos exteriores e, por isso, a Doutrina adverte que "não atinge, nem pode atingir todas as faltas". Há faltas realmente que prejudicam o grupo ou são danosas a uma sociedade inteira. A lei escrita alcança o indivíduo justamente nesta faixa de culpabilidade, mas não tem meios de chegar ao mundo íntimo, não pode penetrar na consciência. Se a lei humana pune o indivíduo pelo que pratica ou pelo prejuízo que causa a terceiros, o que naturalmente lhe delimita o âmbito corretivo, a lei moral incide profundamente no campo das intenções.

É certo que a lei humana, reflexo das necessidades sociais, tem argúcia para identificar uma intenção dolosa em atitudes contraditórias ou até mesmo nos disfarces denunciadores da má-fé. Mas os seus mecanismos de discernimento não lhe permitem chegar à raiz de certos propósitos velados. Já o infrator das leis morais condena-se pela consciência.

Vamos dar um exemplo concreto para esclarecer mais a questão em foco.

Enquanto o indivíduo apenas *pensa* em matar alguém, ou cometer outra espécie de delito, mas não leva a efeito este seu intento, como ninguém sabe o que ele estava pensando, é claro que não poderá sofrer qualquer punição. Isto porque a lei escrita funciona em razão do fato concreto. O indivíduo *queria* matar, mas não mata. Certamente que estará a salvo de implicações penais, pois ninguém pode desvendar todas as tramas da alma. Pois muito bem, a lei moral responsabilizará este indivíduo, sim, por suas intenções, ainda que ocultas. O fato de ele não matar não o isenta de culpa perante a lei moral porque houve o desejo, a pretensão do crime. Assim sendo, no momento em que se pensa em praticar um delito, em fazer o mal, já se está sob a sanção da lei moral. Justamente por isso é que a Doutrina adverte de maneira muito clara: Somos responsáveis pelos nossos pensamentos perante Deus, que os conhece.

Por artifícios ou suborno, o indivíduo faltoso pode sair-se bem no julgamento dos homens, no entanto, não escapa da lei moral, esteja onde estiver, faça o que fizer: a consciência não dorme! Eis aí, enfim, uma questão muito mais antiga do que parece.,

A ideia da prevalência da lei moral, discutida até hoje, vem provar que existem princípios resistentes a todas as situações; princípios que não envelhecem; princípios que não se apagam... Já no século XVIII, entre os cultores da Filosofia e do Direito, muito se debateu o problema Ética e Direito. "Os deveres morais — dizia um jurista-filósofo — pertencem à esfera do foro íntimo, à intenção, em última análise, enquanto os deveres jurídicos correspondem exclusivamente à exterioridade das ações." É a mesma ideia que a Doutrina Espírita sustenta, embora os contextos sejam diferentes.

O pensamento espírita visa exatamente à consciência de responsabilidade, que

tem repercussões incalculáveis no curso da vida, pois em cada nova experiência reencarnatória, o ser humano traz um acervo do passado. Assim, muitos problemas atuais, como estados de angústia, ou depressão, quem sabe não são consequências de envenenamentos mentais (e o termo não é outro) causados por pensamentos de ódio ou pelo desejo de destruir alguém, embora tais pensamentos não tenham sido revelados a ninguém! Todavia, ficam nas Telas do espírito”, formam como que *clichês*, que só desaparecem através de renovação íntima e, às vezes, necessitam de mais de uma encarnação, até que o ódio seja substituído por amor.

O indivíduo poderá dizer que nunca fez mal a ninguém, nunca prejudicou nem nunca feriu. Sim, não chegou a praticar o ato, no entanto, desejou destruir, feriu pelo pensamento, projetando vibrações doentias. E não se arrependeu. Levou, portanto, para o *outro lado da vida* toda a carga negativa que o acompanhava. Habilmente, às vezes até com aparência piedosa, soube ocultar as suas perigosas intenções. Mas tudo *se gravou*, nada se perdeu. Mais tarde, nas experiências reencarnatórias, começam os processos de doenças não diagnosticadas ou problemas inexplicáveis, com verdadeiras torturas no mundo interior. São reflexos inevitáveis.

Muitos casos de repulsão ou de inimizade aparentemente sem motivo devem ser encarados à luz deste prisma. Felizmente, a Sabedoria Divina, em sua misericórdia e justiça, oferece oportunidades de convivência e reajuste, pela reencarnação, a fim de que se apaguem os resíduos de vingança, inveja, orgulho, afinal.

(...) as luzes da Doutrina Espírita, que nos dá uma visão global do homem perante o mundo e perante a Justiça Divina, têm pontos de incidência no campo jurídico!... Do ensino espírita, no fim de tudo, nos fica uma lição viva: a lição de que o respeito aos códigos humanos é um dever cívico, além de ser uma necessidade social, mas o respeito à suprema Lei Moral, que se grava na consciência, é uma afirmação de respeito ao próprio Deus, o Criador da Vida.

(Jornal "Caminho" — Salvador — BA — sem indicação de data.)

22 CRENÇA E RENOVAÇÃO

O verdadeiro espírita não é o que crê nas comunicações, mas o que aproveita os ensinamentos dos Espíritos. Eis aí um pensamento válido, inteiramente válido, ainda que possa dar a impressão de ser um tanto ortodoxo. Faz parte de uma série de máximas transmitidas por Espíritos e consta do livro "O Espiritismo em sua expressão mais simples". Completando o pensamento, vem ainda este reforço: De nada adianta crer, se sua crença não o faz dar sequer um passo na senda do progresso, e não o torna melhor para o seu próximo.

A bem dizer, a experiência comum, essa experiência que todos nós adquirimos pela vida cotidiana, já é suficiente para nos demonstrar que realmente a simples

crença nas manifestações dos Espíritos, sem a necessária compreensão, sem tirar a mínima lição, pode criar o hábito, a rotina, mas não exerce influência transformadora.

Felizmente, pelo esforço que já se faz em todas as latitudes de nosso país, apesar das dificuldades ainda existentes, o Espiritismo está sendo compreendido como filosofia de vida, e não como simples ponto de curiosidade vulgar. É o resultado da divulgação doutrinária pelo livro, pela imprensa, pelo rádio, como também é o resultado de conferências e cursos, desenvolvidos de Norte a Sul, de Leste a Oeste. A mentalidade predominante, em grande parte, já é muito mais lúcida, já apreende o Espiritismo pelo seu ensino básico, com o seu sólido conteúdo de lições para a Vida em todas as circunstâncias.

De minha parte, que faço algumas viagens, sempre que me é possível, posso dizer que senti os reflexos dessa mentalidade esclarecida em diversas localidades, tanto em debates como em conversas e apreciações pessoais. Mas ainda existe, de certo modo, alguma fixação nos fenômenos, com exagero, como se o Espiritismo estivesse todo ele na mediunidade.

Ainda se observa, felizmente em escala já bastante reduzida, a preocupação do *chamariz*, isto é, *sessões práticas* com a casa cheia, como se o Espiritismo fizesse questão de quantidade, endeusamento de um médium ou de um *guia*, sem estudo da Doutrina, sem orientação clara, sem qualquer interesse pelo desenvolvimento dos próprios assistentes ou frequentadores, sob o ponto de vista espiritual.

Sei de um caso, entre vários outros, em que o presidente de um centro convidou determinado confrade para fazer uma palestra, mas foi logo dizendo:

— Olhe, não passe de **10** minutos, porque a nossa assistência está mais interessada na sessão mediúnica e não suporta conferência, a não ser uma "*coisinha*" muito ligeira, de uns minutos. Veja-se bem: sair de casa, à noite, enfrentar uma fila de ônibus (poucos são os que têm automóvel), levar uma hora de viagem, esquematizar uma palestra, e falar somente uns **10** minutos porque a assistência gosta mais de manifestações... Questão de hábito... Mas a assistência, convenhamos, deve ser educada para "suportar" conferências sim!...

Não resta a menor dúvida de que as comunicações dos Espíritos são um veículo precioso de informações. Mas tudo isto quando se tem embocadura para tirar proveito (no bom sentido da expressão). Muita gente acredita piamente nas manifestações, pede auxílio aos guias dos centros, no entanto, não tem a mínima noção do que seja Espiritismo e do que representa o ensino espírita na renovação íntima da criatura humana. Justamente porque o *seu* centro não faz doutrinação, quer dizer, não se interessa pelo estudo doutrinário. Felizmente, repetimos, são relativamente poucos, hoje em dia, os centros onde ainda predomina essa mentalidade.

Por mais simples ou até grosseiro que seja um fenômeno, aparentemente, podemos partir dele para uma série de reflexões sérias acerca da sobrevivência

do Espírito, assim como a respeito da Justiça Divina e do próprio destino humano. O fenômeno pode abrir horizontes novos, mas precisa ser estudado e bem compreendido.

É bom lembrar sempre o exemplo de Allan Kardec, e não haveria exemplo mais edificante. Enquanto alguns observadores se impressionaram com a parte mediúnica (as mesas girantes, por exemplo, as materializações também) dando-se por satisfeitos com o que viram e anotaram, Kardec, que tinha aguda visão filosófica — devemos repetir isto insistentemente — logo que reconheceu a evidência dos fenômenos, através de suas experiências, com mais de dez médiuns, procurou tirar deduções sobre as causas e conseqüências. Qual a origem, a verdadeira causa das comunicações, se não decorrem do médium? Que conseqüências terão esses fenômenos na ordem intelectual e na ordem moral? Poder-se-á inferir daí o ensino capaz de modificar o homem?...

É assim, nas pegadas do Codificador, que se deve proceder ainda hoje, pois não adianta crer nas comunicações dos Espíritos, se a crença muitas vezes decorrente do deslumbramento (!) não torna o homem melhor, não o liberta de velhas tendências viciosas, não lhe amplia o horizonte intelectual, não lhe modifica o sentimento, não o renova moralmente.

("Desobsessão" — Porto Alegre — RS — sem data Indicada.)

23 ALLAN KARDEC E A REENCARNAÇÃO

Um dos pontos fundamentais, senão o verdadeiro alicerce do Espiritismo, como já se sabe, é a reencarnação. É bastante ler-se "O Livro dos Espíritos", pedra angular da Doutrina, para que logo se verifique esta verdade, aliás notória. Teria, porém, Allan Kardec, sustentado a tese reencarnacionista até à hora do seu desenlace? Claro que sim, e se tal não ocorresse, todo o edifício doutrinário do Espiritismo teria de ser modificado. Apesar disto, pouco depois da desencarnação do Codificador, circulou uma notícia, na Europa, insinuando que ele próprio renegara as ideias reencarnacionistas. Dizia-se então: Allan Kardec, antes de morrer, renegou a reencarnação.

Qual a prova disto? Quando e a quem teria ele feito esta espantosa confissão?

Nenhum documento, nenhum testemunho, nenhuma prova até hoje! São numerosas, aliás, e cada qual mais bem arranjada, as velhas "histórias" de conversões e abjurações na "hora da morte". Naturalmente, como não seria possível *criar* uma história para fazer crer que um homem convicto e sereno, como Allan Kardec, abandonara o Espiritismo, no fim de sua existência terrena, depois de haver dado os mais eloquentes testemunhos de convicção, espalhou-se o *boato* de que o Codificador da Doutrina Espírita repudiara a crença na reencarnação,

exatamente no momento da separação do seu Espírito.

A "história" da renegação ou retratação de Kardec apareceu em 1871, na Europa, e, no ano seguinte, "La Revue Spirite", de fevereiro de 1872, transcrevia e comentava, com alto espírito crítico, uma comunicação publicada no jornal austríaco "Licht des Jenseits", na qual ficara bem patente a reafirmação da tese reencarnacionista. Kardec continuava, portanto, no outro plano, a manter as suas ideias reencarnacionistas, sem qualquer dúvida ou reserva.

Se realmente Allan Kardec houvesse feito, na hora da morte, ou depois dela, qualquer declaração desfavorável à reencarnação, os íntimos ou familiares, pelo menos, deveriam saber disto, cedo ou tarde. A viúva, aquela dedicada companheira de lutas, que se chamava Amélie Boudet, ainda ficou encarnada por algum tempo, apesar de ser mais idosa do que ele, e nunca se soube sequer de um momento de recuo de Allan Kardec, em relação à tese da reencarnação.

A direção da "Revista Espírita" pôs as coisas nos devidos termos, tendo invocado até uma circunstância muito significativa no caso: poucos dias antes de sua morte, no ano de 1869, ele fizera a revisão de nova edição de "O Livro dos Espíritos", ainda publicado sob sua responsabilidade pessoal. Se, portanto, nessa oportunidade, ele não estivesse mais seguro quanto à validade da tese reencarnacionista, teria introduzido modificações no texto doutrinário da sua obra.

Na mesma ordem de ideias, levantou-se outra questão, também posterior à desencarnação do Codificador: se as palavras, para Allan Kardec, nada significavam, poder-se-ia substituir a palavra *Espiritismo* por outra mais adequada. Uma revista italiana, já depois de 1870, propôs a sua substituição, chegando a tachá-la de ilógica ou antiquada. O argumento mais corrente, na época, era apenas este: Allan Kardec dissera de uma feita que as palavras nada significavam e poderíamos dar às coisas os nomes que quiséssemos, contanto que houvesse entendimento. No entanto, havemos de convir que é preciso ver em que circunstâncias se pode tomar uma frase de quem quer que seja, para servir de bandeira a certos movimentos reformistas.

Para provar que Kardec prezava muito o valor exato das palavras, e foi por isso mesmo que ele criou a palavra *Espiritismo*, sabendo muito bem o que estava fazendo, "La Revue Spirite" transcreve, no mesmo número, com toda fidelidade, uma parte da Introdução de "O Livro dos Espíritos", precisamente a edição revista de 1869, na qual se vê a mesma expressão inicial: *Pour les choses nouvelles il faut de mots nouveaux —, ainsi le veut la clarté du langage, pour éviter la confusion inséparable du sens multiple des mêmes termes. Ora, se Kardec não fazia questão de palavras, como então se propalou, como é que ele próprio, ao fazer a última revisão de "O Livro dos Espíritos", manteve as mesmas expressões iniciais: Para se designarem coisas novas são precisos termos novos. Assim o exige a clareza da linguagem, para evitar a confusão inerente à variedade*

*de sentidos das mesmas palavras? Reafirmou inicialmente que os adeptos do Espiritismo serão os *espíritas* ou, se quiserem, os *espiritistas*. Já se vê que a questão das palavras não é tão simples, tão destituída de importância como se pensa.*

Já em **1939**, quando se realizou o Primeiro Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas, ventilou-se a ideia de adotar a palavra *Espiritologia* em lugar de Espiritismo, por ser, esta última, de uso muito popular. A lembrança nem chegou a ser convertida em proposta para o plenário. Já se falou, também, na velha forma de *Neo-Espiritualismo*, como se pensou até em *Es-piritosofia*, etc., etc., mas a verdade é que a palavra ESPIRITISMO é a que corresponde inteiramente ao caráter da doutrina codificada por Allan Kardec.

De tudo isso se conclui que Kardec: em primeiro lugar — manteve a palavra *Espiritismo*, com todo o cabimento:

em segundo lugar — sustentou inteiramente o princípio da reencarnação, como fundamento filosófico do Espiritismo.

("Revista Estudos Psíquicos" — Lisboa—julho de **1958**.)

24 LIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

"O Céu e o Inferno", de Allan Kardec, é um livro que trata da Justiça Divina segundo o Espiritismo, como se sabe. Há nesse livro, aliás não muito citado entre nós, diversas comunicações de Espíritos, em situações muito variadas. Uma delas é de abril de **1862** e foi dada pelo Espírito de um boêmio, um desses tipos humanos que, se nunca fizeram mal a ninguém, nunca lesaram o patrimônio material dos outros, também nunca fizeram o bem. E passam pela vida em *brancas nuvens*, como disse um poeta. Pois bem, tempos depois de haver passado para o outro plano, veio o Espírito, que se chamara Lisbeth, quando encarnado, comunicou-se por um médium, lamentando amargamente a vida inútil que levava na Terra. Teve o mérito de arrepender-se, assim que caiu em si, mas ainda precisava de tempo para que pudesse necessariamente encetar nova jornada, depois de uma experiência a bem dizer perdida em extravagâncias.

Sofrendo muito, porque não soubera ou não quisera tirar proveito da existência terrena em benefício de seu melhoramento espiritual, assim falou o deprimido Espírito:

— Estou livre, enfim, mas ainda não expiei, é preciso que repare o tempo perdido se não quiser prolongar os sofrimentos. Espero que Deus, tendo em conta a sinceridade do arrependimento, me conceda a graça de seu perdão. Homens, meus irmãos, eu vivi só para mim, e agora, expio e sofro. Conceda-vos Deus a graça de evitardes os espinhos que ora me laceram.

Veja-se bem o que é uma existência fechada no egoísmo, sem tomar conhecimento de mais nada, como se não pertencesse à Humanidade. Grande era,

realmente, o sofrimento desse Espírito pelo remorso de haver sido apenas um gozador da vida, sem ter jamais tomado interesse pela dor alheia. Assim vive muita gente. Mas quando o Espírito se defronta com a realidade nua e crua, fora da matéria, sente uma decepção incalculável, uma depressão tremenda (!) porque nada fez de útil, cuidou apenas de si mesmo, gozou a vida com todos os excessos e depois viu claramente o quadro de sua própria realidade. É o que nos ensinam, do mundo espiritual, as lições dos mentores.

Depois de haver o Espírito comunicante chorado a sua amargura, veio o guia da sessão e deu esclarecimento, fazendo uma advertência, ainda hoje oportuna, sobre as pessoas que vivem a seu modo, rendendo culto à matéria, comendo e bebendo demasiadamente, sem nunca terem procurado o alimento espiritual. Eis aí uma lição válida, apesar de a comunicação ter mais de um século.

É assim mesmo.

Pessoas há que só pensam em seus interesses, exageram a medida dos prazeres da vida e nunca têm, pelo menos, um minuto para a meditação acerca dos problemas espirituais. A vida dessas pessoas é um corre-corre constante, como se o mundo estivesse para se acabar de uma vez ou daí a um minuto!... E, por isso mesmo, o tempo não chega para as coisas inerentes ao Espírito. Nas situações difíceis, porém, apelam para tudo, em estado de desespero, e querem que as soluções venham logo, prontas e acabadas. Quando chega a hora do desenlace, estão completamente despreparadas do ponto de vista espiritual e, depois, vão enfrentar a situação que enfrentou o Espírito do boêmio na sessão mencionada em "O Céu e o Inferno": muita perturbação e desolação, porque sentiu a vida desregrada e vazia, dolorosamente vazia!

O ensino espírita é de equilíbrio em tudo por tudo. Nem o exagero no sentido da abstenção sistemática, pois a pretensão de santidade muitas vezes é uma violência à ordem natural da vida, nem o exagero oposto, que é justamente o da extravagância, do bem-estar físico sem limites. Diz a Doutrina que o homem deve viver segundo as necessidades e as leis de seu próprio mundo. Não quer, portanto, que o homem saia do mundo ou viva em penitência, pois é um tipo de vida improdutivo. Mas também adverte, claramente, que o homem deve aproveitar bem as oportunidades da existência terrena para o seu melhoramento, não apenas do ponto de vista material, mas sobretudo do ponto de vista espiritual.

O Espiritismo não condena as satisfações do mundo, desde que em termos justos, como não proíbe as expansões de alegria nem mesmo certas futilidades inofensivas. Se o homem está no mundo, deve ser do mundo. Mas é preciso saber estar no mundo e não se deixar escravizar por umas tantas coisas. É aí que está o senso de equilíbrio. As vantagens materiais, que não são ilícitas, uma vez conquistadas pelo trabalho honesto, devem ser instrumento do bem, nunca o ópio que embriaga e cega o espírito.

Pela experiência trazida por tantos Espíritos, que já viveram seus dramas,

naturalmente devemos nós, de nossa parte, procurar desde cedo encaminhar a vida para o lado espiritual, sem ser necessário viver fora das leis naturais ou repelir as satisfações que o mundo oferece. O perigo não está no uso dos bens da vida, mas nos abusos, porque todo procedimento abusivo compromete a situação do Espírito.

A comunicação colhida em "O Céu e o Inferno" faz pensar muito...

("Mundo Espírita" — Curitiba — PR — abril de 1978.)

25 ALLAN KARDEC E O ESPÍRITO CIENTÍFICO

Cultura científica e espírito científico são expressões distintas. Embora se tenha a impressão de que seja apenas sutileza verbal, o certo é que nem sempre a cultura científica em determinadas pessoas demonstra reações compatíveis com o verdadeiro espírito científico. Cultura científica é a que se adquire através de uma formação sistematizada, nos livros e na experiência. Já o espírito científico é uma atitude inerente a predisposições naturais e muito íntimas. Na prática, por exemplo, há pessoas que têm cursos regulares, feitos em universidades, têm boa cultura científica, são capazes de sustentar teses de grande envergadura cultural, mas o modo de proceder em determinadas situações não se combina com a legítima formação de quem faz ciência profissionalmente! São elementos, por exemplo, que discutem profundamente as forças da natureza, dão explicações convincentes, mas têm medo de muita coisa e revelam até um fundo psicológico um tanto supersticioso. Têm muita ciência como conhecimento acumulado, mas não têm espírito científico, porque chegam até ao misticismo comum com relação às *coisas do outro mundo*, como dizem.

Há elementos, por exemplo, que não tiveram uma formação regular, do ponto de vista científico, mas têm muita racionalidade e objetividade nos raciocínios e, por isso mesmo, não se impressionam facilmente nem se precipitam em seus julgamentos. A prudência e a reação moderada são características do espírito científico, que é muito individual, muito próprio da estrutura psíquica, não é fruto puro e simples de currículo acadêmico.

Claro que os conhecimentos adquiridos metodicamente levam a condições predisponentes ao espírito científico, mas os dois conceitos não se confundem. Se quisermos observar bem, há muito autodidata que tem mais espírito científico em suas reações do que certos homens regularmente preparados, mas impressionáveis por temperamento, sujeitos a afirmações momentâneas e inconsistentes.

Vejamos o caso de Allan Kardec.

Não era ele, a rigor, um cientista na acepção profissional ou no sentido de homem especializado neste ou naquele ramo da ciência. Mas tinha cultura científica, e bem o demonstra o lastro de seus conhecimentos básicos, além da

cultura filosófica, linguística, etc. Deixando de lado, agora o problema da formação especificamente científica, acessível a todos quantos podem estudar e fazer cursos regulares, Allan Kardec revela-se, em tudo por tudo, um homem de espírito científico pela sua própria natureza... Todas as condições indispensáveis ao espírito científico nele estão, sem tirar nem pôr, como diz o jargão habitual: em primeiro lugar, a serenidade com que encarou os fatos mediúnicos, com equilíbrio imperturbável, sem *negar* nem afirmar aprioristicamente; em segundo lugar, o domínio próprio a fim de não se entusiasmar com os primeiros resultados; em terceiro lugar, o cuidado na seleção das comunicações; em quarto lugar, a prudência nas declarações, sempre com a preocupação de evitar divulgação precipitada de fatos ainda não de todo examinados e comprovados; em quinto lugar, finalmente, a humildade, que é também uma condição do espírito científico, interessado na procura da verdade, antes e acima de tudo.

Vem a propósito, a franqueza com que Kardec reprovou as *publicações intempestivas e excêntricas* acerca das comunicações mediúnicas. Na "Revista Espírita" de março de **1863**, chamava a atenção para os espíritas de seu tempo em termos muito significativos. São palavras suas as seguintes:

"Nenhum espírita ignora que os Espíritos estão longe de possuir a ciência suprema; muitos dentre eles sabem menos do que certos homens, e, como certos homens, também têm a pretensão de saber tudo. (...) é um grave erro crer-se obrigado a publicar tudo quanto ditam os Espíritos, pois, se há bons e esclarecidos, também há maus e ignorantes."

Há publicações que bem poderiam deixar de ser lançadas no campo da divulgação. A lição serve também para hoje. Tudo isto, afinal, retrata a mentalidade do Codificador da Doutrina Espírita. Tudo, nele, realmente identifica o verdadeiro espírito científico: senso de observação, segurança interior, raciocínio analítico, prudência nas publicações. Nunca se deixou levar pela emoção, mas todo o seu trabalho se dirigia pela razão. Nem por isso deixou de ser humanitário, tanto assim que, em tudo quanto fez, ensinou o amor ao próximo, na linha mestra do ensino evangélico.

Podem dizer que Kardec não era cientista de laboratório, não é citado em obras de Física, Química ou Astronomia. Pouco importa. O que não se pode negar em Allan Kardec, sob todos os pontos de vista, é uma qualidade intrínseca, demonstrada em suas atitudes: o espírito científico, porque sempre procedeu com isenção de preconceitos, sobriedade, interesse pela verdade, critério rigoroso nos julgamentos, independentemente de ter ou não ter formação especializada.

("Espiritismo e Ciência" — Juiz de Fora — MG — janeiro de **1981**.)

26 FILOSOFIA E FILOSOFIAS

Existe a filosofia em si, a filosofia livre, assim como existem *filosofias*

diversas, segundo as escolas e as teorias pessoais. O que se pode chamar de filosofia livre é justamente a indagação natural, a reflexão profunda acerca das causas primárias, sem subordinação a qualquer esquema rígido. É a filosofia entendida no sentido realmente substantivo, porque não comporta adjetivações condicionantes. Quando se diz, por exemplo, filosofia to- mista, filosofia espiritualista ou filosofia positivista, etc., etc., implicitamente se restringe a ideia a determinados ângulos. O tomismo, portanto, é UMA filosofia, tanto quanto o Espiritualismo, o Positivismo, e assim por diante. (...) São muito diferentes as filosofias, cada qual com o seu campo de pensamento.

Independentemente da existência de tantas filosofias (...) devemos considerar a filosofia no seu conceito amplo, a filosofia perene, como diziam os antigos, acima das classificações acadêmicas. É a filosofia com visão global do Universo, preocupada com a razão última das coisas, como necessidade do espírito inquiridor, o espírito que tem sede de saber mais. Sob este ponto de vista (...) o homem começou a filosofar desde o momento em que se impressionou com o desconhecido. Ao tomar consciência de si mesmo, como ser inteligente, que não é mera máquina ou simples sistema de carne e osso, quis o homem saber a sua origem, a razão de sua presença na Terra, o seu destino final, embora não dispusesse de instrumentos eficientes na chamada *infância da Humanidade*. Mas indagava, filosofava em última análise.

Ainda sem embocadura adequada ao raciocínio filosófico nos moldes modernos, mas impulsionado pelo desejo de *saber*, o homem de outras épocas fez tentativas para encontrar a causa responsável pelos fenômenos na Natureza e pela sua própria existência. Pouco importa que tenha feito apelo a forças mágicas ou recorrido à intervenção de poderes sagrados para desvendar o tremendo enigma. Filosofia e religião teriam de confundir-se inevitavelmente nesse longínquo estágio evolutivo da espécie humana. Fosse como fosse, o certo é que a inteligência humana, de todos os tempos, sempre se voltou para a filosofia espontânea, aquela que nasce da necessidade do conhecimento, sobrepondo-se aos balizamentos de escolas e seitas, limitadas aos seus redutos. Temos aí a filosofia na acepção lata de saber pelo saber, *o amor à sabedoria*, como ensinavam os velhos mestres.

Há pessoas, por exemplo, que não aprenderam filosofia através de compêndios e tratados, nunca assistiram sequer a uma preleção nem aula de filosofia, mas têm um senso filosófico muito agudo e equilibrado. É o caso, semelhantemente, de pessoas que nunca estudaram lógica em curso regular e, no entanto, têm uma lógica muito lúcida e bem segura em seu modo de pensar e raciocinar. (...) claro que a experiência do passado, via reencarnação, tem influência nesses exemplos. Ao reencarnar, como prega o Espiritismo, já traz o Espírito a sua *armação*, a sua estrutura psíquica para determinado tipo de conhecimento em razão do lastro adquirido anteriormente. Justamente por isso, às vezes encontramos no seio da massa humana elementos que não têm ilustração acadêmica, mas têm profundos

raciocínios filosóficos. São espíritos bem vividos, já afeitos aos processos de especulação e crítica.

Em cada encarnação estas criaturas enriquecem o patrimônio de experiências e aprendizado. Os conceitos filosóficos aprendem-se nos livros, a metodologia naturalmente se exercita no estudo sistemático. Mas a filosofia em si está no espírito: é a elaboração do conhecimento superior, através de mecanismos que permitem à criatura chegar à compreensão da vida e das coisas pela luz da razão bem trabalhada ou pela alta intuição.

Estamos, pois, entrando naturalmente no contexto espírita, uma vez que nos referimos à anterioridade do Espírito. Pois bem, qual a contribuição do Espiritismo à filosofia?

Em primeiro lugar — nunca devemos perder de vista que a comunicação dos Espíritos, pelo fato de demonstrar a sobrevivência *além da morte*, já é um ponto de apoio, uma vez que fundamenta o princípio da continuidade da vida no tempo e no espaço. Como poderia a filosofia afirmar a independência e a sobrevivência do princípio espiritual sem a prova dos fatos, prova esta oferecida pelo Espiritismo experimental? Como seria possível encontrar a verdadeira dimensão do ser humano sem a convicção (conferida pelo Espiritismo) de que a vida ultrapassa o plano restrito da matéria? A tese da sobrevivência abre, pois, as maiores perspectivas filosóficas.

Em segundo lugar — seria difícil, e cada vez mais difícil, explicar filosoficamente o problema do bem e do mal, assim como discutir a respeito da Justiça Divina, sem a ideia básica de experiências sucessivas do Espírito. Assim, pelo fio da reencarnação, a filosofia penetra no cerne dos problemas: a origem de muitas aberrações e de muitos dramas que atormentam a existência humana.

("Mundo Espírita*" — Curitiba — PR — janeiro de 1979.)

27 MENSAGENS IMPESSOAIS

No grande e cada vez mais denso acervo de mensagens mediúnicas que enriquecem a literatura espírita, muitas delas são de referências pessoais; porém, a maioria, se examinarmos bem, preocupa-se mais com ensinamentos ou previsões de ordem geral. Há muitos casos específicos de conselhos ou advertências pessoais, naturalmente quando os Espíritos sentem que precisam aproveitar o momento psicológico, como se diz, para uma palavra inadiável. O próprio Allan Kardec, como sabemos, recebeu muitas comunicações de ordem pessoal, mais de uma vez a respeito de sua saúde, pois ele se excedia no trabalho de preparação da Doutrina. É bom transcrever o que lhe disse o Espírito instrutor, em linguagem incisiva de uma reprimenda amorosa:

"Estando a enfraquecer-se dia para dia a tua saúde, em consequência de trabalhos excessivos, demasiados para as tuas forças, vejo-me na necessidade de

repetir o que já te disse muitas vezes: Precisas de repouso; as forças humanas têm limites que o desejo de que o ensino progrida te leva muitas vezes a ultrapassar. Estás errado, porquanto, procedendo assim, não apressarás a marcha da Doutrina, mas arruinarás a tua saúde e te colocarás na impossibilidade material de acabar a tarefa que vieste desempenhar neste mundo."

Muitas vezes, o amor se expressa através de uma franqueza rude, mas necessária. O mentor espiritual de Kardec, por amor à causa e a ele, falou de uma forma direta e forte: *estás errado*. E Allan Kardec foi o lutador do bom combate, o idealista que tombou em franca atividade. A comunicação é de **26** de abril de **1866** e Kardec desencarnou a **31** de março de **1869**.

Outra intervenção do mundo espiritual no trabalho de Kardec, intervenção que não podia ser protelada nem mais um dia, já havia sido registrada muito antes, a propósito de um médium que não merecia confiança. Hahnemann, um dos mentores da Espiritualidade, chamou-lhe a atenção para o desvirtuamento a que se entregara o médium, cuja ambição iria comprometer toda a obra, em pouco tempo. Enfim, as comunicações que o Codificador da Doutrina selecionou e deixou em "Obras Póstumas" e ainda no livro "O Céu e o Inferno", oferecem valioso material de estudos e reflexões concernentes à participação dos Espíritos desencarnados em tarefas humanas.

Convém notar, entretanto, exatamente nos diálogos de Kardec com os mentores espirituais, que as observações e recomendações do Alto não tratavam de problemas particulares ou de economia doméstica, salvo a preocupação insistente com a saúde, que era um problema pessoal, mas conjugado à situação da Doutrina, pois o estado físico do Codificador, àquela altura bastante desgastado pelo esforço ininterrupto, poderia causar embaraço ao prosseguimento da obra. Neste ponto, é inegável a vigilância dos Espíritos que trabalharam com Allan Kardec, conquanto não pudessem modificar as disposições do livre-arbítrio.

Com a ressalva natural dos casos em que as mensagens têm o sentido de recados, ou trazem advertências especiais, o que se nota, em grande parte das comunicações, é que os guias espirituais preferem falar em tese,, não citam nomes, não individualizam problemas nem gostam de vasculhar a vida íntima de quem quer que seja. Muitas e muitas vezes, por exemplo, até mesmo em círculos particulares de três a quatro pessoas, as entidades comunicantes aproveitam as oportunidades para dissertações gerais, ora sobre temas filosóficos, quando lhes parecem cabíveis, ora sobre questões morais ou crítica de ideias. Geralmente não descem a pormenores. Nem todos, no entanto, ou somente poucos participantes dessas reuniões, percebem que os instrutores espirituais se voltam mais para as causas do que para os casos em si. É uma sutileza que escapa à compreensão de muita gente.

O raciocínio deles é diferente do raciocínio comum, isto é, de um raciocínio muito pragmático, às vezes muito terra-a-terra, porque condicionado sistematicamente à solução de problemas pessoais. Os mentores espirituais

raciocinam de outro modo, justamente porque têm outra visão das coisas e da vida: cuidam das causas, antes de tudo, procuram a raiz das dificuldades, que se revelam através de doenças, obsessões ou angústias, e aconselham a diretriz que se deve tomar. Tanto na ordem física, quanto na ordem espiritual, nenhuma receita produz efeito definitivo, quando não se ataca a verdadeira causa, próxima ou remota. É inútil esperar fórmulas mágicas dos Espíritos. Eles dão ensino através de suas mensagens, e cada qual coloque a *carapuça*.

Desde que se eliminem ou neutralizem os fatores determinantes das inquietações ou perturbações, o quadro espiritual começa a modificar-se sensivelmente. É a vivência espírita que o demonstra. Nem todos, entretanto, têm preparo doutrinário para entender uma prova ou aceitar conscientemente a carga do passado na consideração de seus problemas. Justamente por isso, na maioria das vezes, os Espíritos explanam questões oportunas, inteiramente ajustadas ao momento, apontando rumos ou infundindo coragem, mas não se imiscuem nas redes dos negócios, muito menos nas tramas das rivalidades e pretensões *intramuros*! O objetivo dos guias é ensinar, orientar, sem a pretensão de torcer o livre-arbítrio. Os interessados que procurem captar a lição, à luz de um exame ou reexame de consciência, e façam as aplicações às circunstâncias em que se encontram.

•

Conheço um caso, por exemplo, em que a obsessão de uma jovem chegou a tal ponto que ela não pôde sequer comparecer à reunião, pois ninguém conseguia levá-la. Fez-se então, a muito custo, uma reunião na própria casa, com médiuns muito compenetrados de seus deveres. Pois bem, após a prece, uma entidade comunitária tomou a palavra, espontaneamente, como quem aguardava a oportunidade, e fez uma dissertação doutrinária, sem se dirigir pessoalmente a ninguém, mas falou muito sobre a vaidade e o egoísmo. Bateu muito nesta tecla. Por quê?... Os componentes na reunião devem ter ficado, naturalmente, intrigados, pois estavam diante de um problema de obsessão ostensiva, um problema que deveria provocar comentários diretos ou esperar uma solução urgente, e o Espírito, no entanto, como se estivesse completamente fora do assunto, desenvolveu considerações gerais, não fez a mínima referência ao caso da obsidiada. Parece estranho...

Mas a comunicação tinha recado, sim, e nem o médium nem os outros componentes do grupo conheciam a situação. A entidade sabia que, dentro de casa, havia dois fatores negativos, da parte de alguém: muita vaidade, muita preocupação com a vida exterior e às vezes com futilidades, e muito egoísmo, muito apego às coisas materiais. Não se cogitava das coisas espirituais. Havia, naturalmente, a prática religiosa puramente convencional, o comparecimento ao templo, a oração formal, a participação nos atos públicos para efeito social, nisto consistindo a religião. Quer dizer, muita rotina religiosa e pouca espiritualidade. O ambiente, portanto, já era de certo modo favorável à presença de Espíritos

perturbadores, pois onde não há trabalho edificante as portas espirituais estão abertas a vibrações tumultuárias ou maléficas.

O ambiente por si só não pode resolver o problema de uma prova, como não pode destruir resíduos espirituais de vingança ou compromissos de existências anteriores, como se observa em muitas formas de obsessão. Se, no entanto, o ambiente está purificado por sentimentos elevados e por um padrão de procedimento equilibrado, se o teor de moralidade é sadio, naturalmente há melhores condições para o tratamento espiritual. Por isso mesmo, muitas vezes os Espíritos orientadores preferem chamar atenção para o foco, isto é, o meio, o local em que a pessoa vive e onde recebe vibrações *pesadas*, como se diz popularmente. Isto não quer dizer que não possa ocorrer obsessões entre pessoas de bom nível moral. Já muitos casos houve, e não podemos estranhar, desde que levemos em conta os vínculos da vítima com um passado devedor. Entretanto, no ambiente onde há trabalho desinteressado, onde não falta a prece sincera, onde se cultiva o amor, com suficiente dose de humildade e espírito de serviço, a ação das obsessões geralmente encontra alguma barreira e, por isso mesmo, o trabalho de assistência, pelo passe ou pela mensagem verbal, penetra mais a fundo, não fica na superfície, vai ao centro de receptividade, que é justamente o Espírito.

•

Voltando às ideias iniciais, há mensagens mediúnicas de caráter muito pessoal sem que, por isso, deixem de ter significado como ensino ou advertência. Grande, porém, é a gama de mensagens impessoais, de lições profundas. Algumas delas não têm propriamente a pretensão de profecias, mas a previsão de acontecimentos relevantes, como aquela em que um dos Espíritos instrutores de Allan Kardec falou sobre o futuro do Espiritismo e começou assim: "O Espiritismo é chamado a desempenhar imenso papel na Terra." De outra vez, em reunião de **16** de agosto de **1867**, o Espírito fez uma explanação de ordem moral, mas encarou seriamente a situação da sociedade em geral. Muitas pessoas, na realidade, gostam muito das comunicações que se dirigem a indagações pessoais, mas talvez não saibam ou ainda não tenham aprendido bem o sentido das comunicações impessoais — convém repetir — pois elas falam à coletividade e deixam ensinamentos capazes de mudar a própria direção de nossa vida para melhor, pois nos mostram o mundo através de uma visão mais clara e mais segura.

É preciso, no entanto, que haja predisposição para absorver o pensamento das comunicações gerais. Se cada qual estiver pensando apenas em seu problema ou esperando resposta exclusiva a suas perguntas ou a seus desejos particulares, evidentemente não terá condições de colher o ensino ou incorporar o conteúdo de certas mensagens ao processo dinâmico de sua renovação íntima. Há muito pedido justo, assim nos parece, mas • também há muita ingenuidade e muito egoísmo naqueles que pretendem particularizar as comunicações, esquecendo-se de que a grande mensagem, a Boa Nova, espalhada pelos Espíritos orientadores, não vem

apenas para uma pessoa, para um grupo, para uma escola. Não. Ela vem para todos quantos tenham *olhos de ver e ouvidos de ouvir*— como já nos lembra o Evangelho.

("Obreiros do Bem" — Rio de Janeiro — RJ — outubro de 1978.)

28 ASPECTOS DA EVOLUÇÃO

A evolução está na própria Natureza. Tudo está sujeito à lei geral da evolução que, segundo o entendimento geral, é modificação para melhor, é a superação de um estágio por outro. Realmente, quando um estágio do processo evolutivo encerra o seu ciclo ou já chegou ao ponto a que devia chegar, logo se inicia outro estágio, que o supera na ordem natural das coisas.

No caso do ser humano, entretanto, convém notar que a evolução não é tão natural, tão mecânica como às vezes parece. Até certo ponto, tanto quanto ocorre com outros seres, a evolução se opera naturalmente, independentemente das opções dos homens, pois a lei não pede licença a ninguém com o diz um adágio muito antigo; mas de certo ponto em diante, a evolução depende muito da vontade humana.

Na ordem biológica, por exemplo, ocorrem fenômenos naturais de crescimento e desenvolvimento, sem que o homem tenha opinião a respeito. Mesmo neste terreno, mas em casos específicos, a evolução pode sofrer a ação de fatores negativos, por causa de certas deficiências de alimentação, clima desfavorável, anomalias congênitas, etc. São fatores capazes de retardar o desenvolvimento. Na ordem social, muito mais complexa do que a ordem biológica, justamente porque as forças sociais jogam com elementos culturais e emocionais, a evolução apresenta aspectos diversificados, segundo o caráter dos casos, não obedece a uma planificação uniforme ou indiscriminada. Se há pessoas com vontade de melhorar-se realmente, também há outras que não têm disposição ou não aceitam as transformações sociais... A lei é uma só, e é para todos, no tempo e no espaço, não há dúvida. Mas nem todas as pessoas absorvem o processo evolutivo ao mesmo tempo ou aderem às mudanças do mesmo modo.

O estudo da evolução, por isso mesmo, diante da vida prática sugere dois ângulos de observação, fora das discussões que a pura especulação filosófica tantas e tantas vezes vem suscitando.

Em primeiro lugar, podemos notar que uma parte da evolução se realiza naturalmente, a bem dizer de um modo compulsório pela própria força das coisas.

Em segundo lugar, o próprio homem tem uma parte de interferência em seu quadro evolutivo, já pela necessidade, já pela tomada de consciência de sua posição perante a vida. Três elementos concorrem para a evolução humana: o meio físico, o meio social e a cultura. Vejamos:

No plano biológico, a luta pela subsistência obriga o homem a movimentar-se, compelido pelo meio físico (clima, topografia, recursos de alimentação) no estágio

ainda rudimentar da evolução. No plano social, o homem é muito condicionado pelos costumes e, ao mesmo tempo, provocado pelas exigências que o obrigam a enfrontar a competição e, a esta altura, ou evolui mesmo, ainda que forçado pelas circunstâncias, ou fica anulado pelo próprio meio social. No plano intelectual, à medida que adquire conhecimentos e enriquece a sua cultura, torna-se mais compenetrado de seu papel e aprende a descobrir novos meios de ação. São aspectos da evolução, cada qual em seu campo de influência; mas evolução no sentido comum de modificação exterior, ainda sem reflexo no mundo íntimo da criatura humana.

Vejamos o que se passa aos olhos de todos.

(...) O tipo desajeitado de ontem (...) pode apresentar evolução física à custa do atletismo, melhorando a forma do corpo. O tipo grosseiro ou insociável, sem hábitos de urbanidade, desde que colocado em ambiente melhor, e tendo necessidade de lutar pela vida, naturalmente se adapta aos novos padrões e pode tornar-se, com o tempo, um homem de boas maneiras, até muito sociável, ainda que apenas para efeito exterior. (...) o homem rude e ignorante, que vivia ontem no estágio mais obscuro possível, se tiver condições de estudar, e se tiver vontade firme de sair das limitações em que se encontra, adquire conhecimentos, ilustra-se, forma boa cultura, ultrapassando o estágio de ignorância em que vivia. (...) Resta saber, agora, se a evolução visível, do ponto de vista físico, social e intelectual, também se fez sentir no sentimento ou se produziu realmente uma transformação profunda na criatura humana. É aí justamente que o assunto assume uma expressão mais delicada e sutil.

Na perspectiva espírita, que nos permite considerar a evolução através de uma lente maior, o Espírito terá de progredir em conhecimento e em moral. Ciência e Moral, caminhando lado a lado, necessariamente — é o pensamento da Doutrina. Se o indivíduo se modifica por injunções e necessidades da vida social (...) é claro que evoluiu de um estágio para o outro, mas a evolução foi superficial, se não operou mudanças no EU real, no EU profundo.

(...) Se o indivíduo continua com os mesmos sentimentos mesquinhos, se permanece com a mesma falta de escrúpulos morais, se ainda está escravizado a uns tantos vícios, obviamente não está progredindo, embora apresente evolução pelo lado social, intelectual, etc. A noção real de progresso (entendida pelo pensamento espírita) é transformação no sentido da elevação da criatura humana. Nem sempre a evolução, nesta ou naquela faixa, representa progresso no que diz respeito ao lado espiritual da vida.

(...) a evolução é genérica, é abrangente, mas pode acontecer aqui e ali. O progresso é uma operação individual, inerente ao livre-arbítrio e, por isso, depende muito da vontade, do desejo sincero de tornar-se melhor. Os mentores espirituais podem ajudar e ajudam muito com as suas lições. Os companheiros também auxiliam como podem. Mas se o indivíduo não quiser, se não estiver

disposto a modificar o seu estado íntimo, preferindo cuidar mais da parte exterior de sua vida, naturalmente o progresso espiritual será retardado, ficará na dependência de outra existência reencarnatória.

Daí, finalmente, a necessidade, às vezes, de se fazer a distinção entre evolução e progresso. Evolução *é por si mesma*, estende-se a todas as latitudes. Progresso é um ideal de melhoramento, o que *deve ser*, mais cedo ou mais tarde, pois é o alvo maior da vida humana.

("Mundo Espírita" — Curitiba — PR — outubro de 1981.)

29 REENCARNAÇÃO E AMBIENTE

Quem poderia imaginar que um homem da roça, completamente desconhecido, tendo frequentado a escola primária apenas durante alguns dias, ainda viesse a ser procurado e *sabatinado* por um grupo de estudantes universitários, a respeito de questões muito variadas, inclusive sobre alguns filósofos?... Pois bem, aconteceu há pouco, e foi no Rio Grande do Norte. Apolinário é um lavrador, vive do trabalho duro, deve ter de 40 a 42 anos, levanta cedo diariamente, ganha o pão com o *suor de seu rosto*. Trabalha na terra três dias por semana e deixa o resto do tempo para leituras. Vivia e vive lá no recanto nordestino, e ninguém sabia de sua existência, fora da redondeza. De uma hora para outra, sem que esperasse ou reclamasse coisa alguma, *descobriram Apolinário*, e ele virou *notícia de jornais*. Está em evidência, inesperadamente. "O Jornal do Brasil" dedicou-lhe duas colunas de informações e comentários, na edição de 27 de junho do ano passado (1973).

E por que tudo isso? Que há, realmente, de extraordinário nesse curioso sertanejo, nordestino? Algum prodígio do *outro mundo*? Algum traço fora do comum? Alguma virtude excepcional? Nada disto. E por que então um homem tão simples, vivendo de um modo tão obscuro, lavrando a terra, começa a provocar tanto interesse, principalmente no meio universitário de Natal?

Justamente por dois motivos muito especiais: em primeiro lugar, porque Apolinário teve apenas 10 dias de escola, aprendeu a *juntar as letras* e, daí por diante, passou a ler de tudo, formando uma bagagem de conhecimentos até agora *inexplicável* para muita gente; em segundo lugar, e este aspecto é ainda mais curioso, *senão singular*, gosta de ler, e lê muito, penetra nos assuntos com muita facilidade, mas não escreve nem o próprio nome!... Aprendeu a ler por si mesmo e ainda não aprendeu a escrever! É ou não é espantoso?! Vejamos o que diz o JB na expressão do correspondente de Natal:

"Como tinha facilidade para os números, descobriu os livros de matemática mesmo antes da cartilha e, aos seis anos, segundo afirma, já fazia cálculos

aritméticos. Do livro elementar de Sousa Lobo, foi evoluindo até os estudos e tratados que falam da Teoria da Relatividade."Apesar disto, Apolinário é modesto, não se julga nenhum gênio. Conversando com o jornalista, falou assim, com toda a naturalidade: "Eu sou um homem comum, igual a todo o mundo. Tudo o que sei é porque leio muito."

Como ele, é verdade, muitos e muitos outros homens por aí afora também se instruíram sem mestres, sem iniciação regular, e acumularam muito conhecimento. Seria bem grande a lista de verdadeiros autodidatas, que se notabilizaram nas letras, na filosofia, nas artes, por exemplo, e deixaram trabalhos realmente meritórios. Desnecessário citá-los aqui... Convém notar, entretanto, que o caso de Apolinário não é apenas de muita leitura: é de aptidão especial para certos estudos. O simples fato de ler muita coisa pode tornar o indivíduo erudito, mas não dá certos instrumentos se ele não tiver pelo menos uma organização psíquica suficiente ou não trazer, como se diz, a necessária *armação*. Isto quer dizer, por outras palavras, que o Espírito já vem com disposições e aptidões para uns tantos assuntos. Quando toma contacto com os livros, apenas se recorda como se estivesse em seu próprio terreno, pois nada lhe parece estranho ou ignorado. Pelo que diz o JB, ele fala sobre filosofia comentando acerca de filósofos como Descartes e outros; conversou com estudantes de nível superior de Natal sobre a teoria de Einstein, assim como sobre poetas e escritores. Até certo ponto quem lê muito tem elementos para falar sobre diversos assuntos, tem naturalmente muita versatilidade. Mas é preciso ver — segundo os comentários do jornal citado — que Apolinário tem uma aptidão impressionante para matemática e facilmente se familiarizou com Descartes, o filósofo racionalista por excelência, famoso principalmente pelo discurso sobre o Método. Quem se afeiçoa a problemas de matemática, naturalmente se habitua ao raciocínio dedutivo. E foi justamente o que revelou Apolinário na conversa ou *sabatina* com os estudantes da Universidade do R. G. do Norte. Como poderia ele fazer incursões pelo pensamento cartesiano, se não tivesse pelo menos alguma afinidade ou familiaridade com esse tipo de raciocínio? Não aprendeu na escola, não teve explicador de matemática, não foi iniciado em estudos filosóficos e, no entanto, versa matérias muito transcendentais para a inteligência comum.

Donde vem essa aptidão, essa facilidade que ele tem, de aprender tantos assuntos, sendo um homem afeito ao *trabalho pesado*, sem escola de espécie alguma? Poder-se-ia dizer que ele já nasceu com a *bossa* da matemática e da filosofia, por exemplo. Sim, nasceu com essa capacidade ou abertura para determinados assuntos. Mas — por quê? Donde trouxe ele a *bossa* do saber? O saber acumulado não está gravado no cérebro. Está no Espírito. Então, é mais admissível e lógico dizer que o Espírito, ao voltar à Terra, trouxe conhecimentos do passado, já reencarnou com disposições ou ainda com uma estrutura adequada a determinados ramos do conhecimento humano. Por isso, sem dispor de muitos

livros, sem qualquer assistência de mestres, absorveu noções básicas de matemática, filosofia, etc., sem dificuldade, como se tudo lhe *entrasse logo na cabeça!* O que, realmente não deixa de ser espantoso! Este Espírito já veio preparado neste sentido, faltando-lhe apenas os meios necessários.

Dizem que certos casos considerados excepcionais podem ser muito bem explicados pelo ambiente. O caso de Apolinário, desde que nos louvemos nas informações do JB, pois é a única pista por enquanto à nossa disposição, nada tem que ver com o ambiente. Este caso foge inteiramente à costumeira hipótese da influência do meio. Segundo a opinião dos *ambientalistas*, contrários à reencarnação, as pessoas que convivem com escritores, com matemáticos, com poetas e filósofos, por exemplo, guardam muitas ideias no inconsciente, como se fosse um *depósito* ou *segunda memória* e, mais tarde, na idade adulta, *despejam* todos os conhecimentos acumulados ou ocultos. Admitamos que seja assim, como querem muitos defensores da teoria do ambiente. Mas acontece que esta hipótese não se aplica de forma alguma à situação que estamos examinando pelas seguintes razões:

a) em primeiro lugar, Apolinário nunca conviveu com literatos, nem matemáticos nem filósofos, pois é um homem da roça, e o ambiente em que vive é muito primário;

b) em segundo lugar, ele próprio declara que tem poucos livros, ganha ordenado bem baixo, não pode sair do meio rural em que nasceu e se criou, e, além de tudo, esteve apenas **10** dias na escola em toda a sua existência até agora.

O ambiente não teve, portanto, a mínima influência. Se o ambiente não lhe deu coisa alguma, porque não tem o que dar; se tudo o que sabe é de si mesmo, às custas de um aprendizado de autodidata, juntando as letras, e se o Espírito não perde os conhecimentos adquiridos (como ensina a Doutrina Espírita), teremos de chegar logicamente à tese reencarnacionista. O Espírito vem com sua bagagem de conhecimentos e experiência do passado. Qual a outra explicação? Dizem alguns: A reencarnação é discutível! Então, que expliquem o fenômeno Apolinário fora da reencarnação. Se puderem explicar...

("Mundo Espírita" — Curitiba — PR — setembro de **1974**.)

30 ÉTICA E PROGRESSO

Assim como o organismo humano e o organismo animal estão sujeitos a doenças — muitas vezes incuráveis e dolorosas —, também o organismo social adocece em pequena ou grande escala. Por isso mesmo, há uma disciplina que se ocupa justamente das doenças da sociedade: é a Patologia Social. É matéria principalmente do interesse dos sociólogos, antropólogos, especialistas em Psicologia Social. Mas não se deve estabelecer analogia entre as doenças da sociedade e as doenças do ser humano, individualmente, como já se fez noutros tempos. Sim, noutros tempos, porque havia em determinados círculos intelectuais,

a bem dizer no apogeu da concepção positivista, a ideia de que os fenômenos sociais têm correspondência com os fenômenos biológicos, de modo que as doenças do indivíduo e as da sociedade poderiam ser analisadas analogicamente. Por influência desse pensamento, a Psicologia ficou *enquadrada* na Biologia por muito tempo, tendo-se tornado ciência autônoma à custa de muita discussão e, assim, pela força mesma das coisas.

É certo que a sociedade, com os seus desequilíbrios, concorre muito para que os indivíduos e grupos adoçam. Vive-se, hoje, por exemplo, em constante estado de tensão, porque a maioria está ficando cada vez mais preocupada com a poluição nos grandes centros urbanos, a disparada do custo de vida, a insegurança nas ruas, nos ônibus, no trabalho e até mesmo dentro de casa, onde cada qual deveria ter o seu refúgio tranquilo, depois da luta cotidiana do ganha-pão. Alguém já disse que estamos sob uma *civilização do medo*. Realmente! Tem-se medo de tudo, hoje em dia, porque os perigos acompanham os passos de todos, homens e mulheres, velhos e crianças. É inevitável, pois, a repercussão da própria inquietação provocando abalos emocionais muito profundos na vida pessoal, abrindo caminho para neuroses, distúrbios cardíacos, formação de úlceras, etc. E se o elemento humano já está um pouco predisposto, obviamente ainda será mais rápido o efeito da conjuntura social, cujos atritos afetam o sistema nervoso de muita gente.

Todavia, pelo que se pode colher através de estudos divulgados atualmente, até certo ponto há uma relação entre a patologia social e a patologia individual. As *doenças da sociedade*, como dizem alguns observadores, não podem ser equiparadas indiscriminadamente às doenças do homem em si mesmo, uma vez que os mecanismos biológicos são de natureza diferente da natureza dos mecanismos que acionam os processos sociais. Já se cometeu esse engano anteriormente (convém dizer de novo) — porém hoje os estudos sociais têm uma visão muito mais lúcida e desenvolvida a respeito das relações do ser humano com o meio social. O que existe, entretanto, e é justamente isto que nos interessa, é a influência das tensões sociais no psiquismo individual, por causa dos traumas e dos abalos emocionais de cada hora. As notícias de tragédias, roubos, assaltos, suicídios, desfalques vultosos, assim como de perseguições e pressões políticas, muitas vezes exploradas com ênfase na TV ou nas *manchetes*, sensibilizam imediatamente e causam transtornos profundos em muita gente. É o ônus que se paga ao desenvolvimento tecnológico da comunicação. Tanto que há pessoas que resolveram desligar-se de tudo e não tomar conhecimento de notícias, justamente para que não sejam emocionalmente envolvidas.

Ainda que seja discutível a designação de Patologia Social, para os que não vêem propriedade nessa expressão, verdade é que a sociedade tem aspectos negativos ou doentios. Ora, uma sociedade cujas crônicas se enchem diariamente de crimes, violências e degradação moral não é realmente uma sociedade doente? O fenômeno, infelizmente, não está configurado entre as fronteiras de um país, pois

é de ordem geral. Se existe, de fato, um aspecto doentio na sociedade, e não seria possível fechar os olhos à evidência dos fatos, pois os tumores e as chagas sociais são ostensivas e deprimentes, precisamos alargar a nossa ótica e observar também o aspecto sadio, isto é, o que vemos de grande e de humanitário em todas as latitudes da paisagem social. Ao lado da miséria material e da miséria moral, tanto quanto do egoísmo e da velhacaria ou de desumanidade, do vício que corrompe e degrada — estão belos e edificantes exemplos de amor e de renúncia, dedicação e dignidade, contrabalançando a onda de ódio e decadência moral. Há muita gente trabalhando de corpo e alma em benefício do próximo, desinteressadamente. Muita gente, afinal, que está curando as feridas da alma nos organismos individuais para curar as feridas do organismo social.

Neste particular, a ação espírita está desempenhando um papel dos mais positivos. Estão aí, à vista de todos, as obras de assistência à infância e à velhice, obra criada e sustentada com amor, acima dos próprios interesses pessoais em muitos casos. O trabalho de reerguimento espiritual e de socorro material realizado por equipes espíritas nos ambientes mais obscuros da sociedade, assim como nas prisões e nos pontos mais afastados dos centros asfaltados — é um esforço persistente e desprendido em benefício da própria coletividade. Não se trata de apenas dar o pão para o corpo ou vestir os maltrapilhos, que inspiram piedade, pois é preciso, indispensavelmente, esclarecer e educar a criatura humana, ajudá-la a reerguer-se conscientemente pelo conhecimento e pelo amor. Pois é exatamente o que faz o elemento espírita.

Sempre que se consegue retirar o homem do antro do crime e do vício, reintegrando-o na convivência pacífica e honesta, naturalmente se dá um passo a mais na eliminação das feridas que sangram na sociedade. Neste grande trabalho, muitas vezes anônimo, se encontram engajados obreiros de diversos credos, como também pessoas vinculadas a vários movimentos, religiosos ou não. Tem aí o movimento espírita uma posição relevante, justamente porque vem realizando cada vez mais um trabalho constante de educação, de assistência, de reerguimento espiritual, sem o que não haverá melhoramento do homem em termos profundos.

Seria difícil firmar um diagnóstico exato dos males sociais. Cada qual encara os problemas por um prisma, de acordo com a sua formação e suas inclinações. Há um ponto, entretanto, em que inteligências mais argutas e desapaixonadas pensam de um modo convergente: a sociedade ressent-se profundamente de valores éticos. Daí resulta o acentuado e espantoso descompasso entre o desenvolvimento material e o adiantamento espiritual. O mundo dos negócios, em grande parte, está mais voltado para o êxito imediato sem a preocupação de saber o que deve e o que não deve ser lícito. A ética fica inteiramente fora de cogitações em muitos casos. É natural que haja o aceleração econômico, como é natural e necessário que se enriqueça o aparelhamento tecnológico. Mas também é necessário, senão indispensável que não se despreze o lado ético das transações. Deve haver um

ponto de limite moral nas ambições humanas. Por isso mesmo, é que alguns pensadores notam a flagrante falta de ética e acham, com razão, que a sociedade está sofrendo graves consequências por causa do contraste entre as realizações materiais, inegavelmente impressionantes, os padrões de moralidade na vida particular e na vida social.

Albert Schweitzer, o homem que, deixando as comodidades da chamada *grande civilização*, foi para a África longínqua, onde realizou verdadeiro apostolado entre populações pobres e atrasadas, desconfiava muito da cultura exterior, justamente porque, como pensador e humanista, médico e homem de grande coração, sentia que a falta de ética estava ameaçando o destino da civilização.

Seria um visionário? Ou seria Schweitzer muito mais realista do que certos homens práticos para os quais somente os valores utilitários e o poder das técnicas têm significação na vida humana? As doenças da sociedade, em grande parte, não são decorrentes exatamente da ausência de moralidade e de respeito ao escrúpulo e ao foro da consciência, sede da Lei Moral, como ensina a Doutrina Espírita?

Claro que Schweitzer não era um sonhador, mas um observador da realidade humana. Pois bem, há mais de um século — é bom que muita gente saiba disto — o Espiritismo já se pronunciava sobre este problema, como que antevendo a situação de hoje. Recorramos apenas à Questão **785** de "O Livro dos Espíritos": "Há duas espécies de progresso, que se apoiam mutuamente e que, entretanto, não marcham em paralelo: o progresso intelectual e o progresso moral." O equilíbrio entre as duas ordens de progresso é questão de tempo, ainda segundo o ensino espírita.

Já houve inegavelmente muito progresso nas instituições, nas ciências e assim por diante, o que, aliás, está previsto no mesmo texto espírita, porém os acontecimentos deste meio século se sucedem de tal forma e com tanta agressividade que exigem mais reflexão a respeito dos padrões de ética para evitar, tanto quanto possível, maior descalabro social. Todos os movimentos preocupados com os problemas espirituais, embora não se descuidem dos problemas terrenos, devem empregar a inteligência, a criatividade e o verdadeiro espírito de serviço na cruzada de educação do homem, mas uma forma de educação capaz de penetrar-lhe o mundo íntimo e despertá-lo ainda em tempo! Neste campo, sem a menor dúvida, muito mais ainda será pedido do movimento espírita, pois uma Doutrina que explica a sobrevivência após a morte com o testemunho dos fatos; uma Doutrina que nos fala da Justiça Divina sem castigos eternos, mas à luz de uma filosofia que infunde esperança e coragem, com apoio da reencarnação; uma Doutrina, enfim, que nos mostra o próprio Evangelho aplicado à vida em todas as circunstâncias — tem esta Doutrina muito o que oferecer à sociedade como remédio para as feridas que observam de alto a baixo, em todos os níveis sociais.

(Revista "Aurora" — Duque de Caxias — RJ — agosto de **1982**.)

31 ENRIQUECIMENTOS E ADAPTAÇÕES

(...) a Doutrina Espírita, justamente pela sua natureza, é muito flexível, muito mais aberta do que se possa imaginar; por isso mesmo, é uma Doutrina que aceita pacificamente os enriquecimentos válidos que lhe sejam oferecidos. E se assim não fosse, naturalmente não teria condições de acompanhar as mudanças que se operam a cada passo, nem poderia contribuir, com suas luzes, para o esclarecimento de problemas inquietantes na vida atual. Seria, em última análise, uma Doutrina marginalizada. Convém lembrar sempre o que disse o próprio Allan Kardec: O Espiritismo não teme as descobertas da ciência. Se aparecer uma verdade nova, e se for comprovada, o Espiritismo aceita essa verdade. Mas não pode aceitar como verdade qualquer inovação que apareça, qualquer hipótese ou teoria lançada a *priori*.

Apesar de toda a clareza da Doutrina, que não quer a precipitação nem o dogmatismo, algumas pessoas, certamente mal informadas a respeito do verdadeiro caráter do Espiritismo, estão incorrendo no equívoco de pensar, logo de saída, que a conceituação espírita deve ser adaptada, sem mais nem menos, a certos termos, de criação recente, a bem dizer. O equívoco ainda não tomou corpo, é verdade, mas já existe, e pode criar um falso problema de interpretação. Uma coisa, por exemplo, é o fato de o Espiritismo aceitar os enriquecimentos das novas experiências, tanto faz no campo da Parapsicologia como das pesquisas já iniciadas na União Soviética, e assim por diante; outra coisa, bem diferente, é a substituição de conceitos, que já têm a necessária maturidade histórica, por termos adotados noutros campos de estudos. É o caso de perispírito e de corpo bioplasmático. Os russos, em suas pesquisas, -aliás importantes, mas ainda na fase inicial, conseguiram fotografar o *espectro* do *ectossoma* (expressão de Hernani Guimarães Andrade), equivalente ao corpo bioplasmático, por meio moderníssimo, que é a câmara de Kirlian. É o que nós chamamos de perispírito. Trata-se de um acontecimento relevante, inegavelmente, e de muito interesse para nós, sobretudo porque vem comprovar, mais uma vez, e agora em câmara fotográfica, a existência desse elemento intermediário ou corpo fluídico a que o Espiritismo, já o dissemos, dá o nome de perispírito, nome aliás que se tornou clássico na literatura espírita. (...) o Espiritismo não pode fechar-se a isso.

Não há motivo, entretanto, para que se introduza a denominação de corpo biopjasmico no vocabulário espírita em substituição a perispírito, que é um termo espírita. Por quê? Somente pelo gosto da novidade?... Além do mais, ainda não se pode prever seguramente a conclusão a que vão chegar os experimentadores russos. Verdade é que eles já deram um passo bem avançado no estudo global do ser humano, mas ainda falta muito para chegar à essência: o *Espírito*. Dentro da

conceituação espírita, o perispírito não é apenas a formação plástica, que se exterioriza e pode ser fotografada com nitidez, como no caso da câmara de Kirlian, mas um elemento que participa de toda a economia interna e tem muito que ver com a unidade substancial do ser humano. O perispírito reflete, até certo ponto, a situação de atraso e de adiantamento do Espírito. A consideração do assunto, dentro dos contextos espíritas, envolve questões doutrinárias e filosóficas.

Já se vê, por aí, que a Doutrina tem sua conceituação e sua tábua de valores. Justamente por isso, não pode adaptar-se a sistemas ou classificações estranhas aos valores que ela incorpora e defende, embora tenha elasticidade para receber novos enriquecimentos... (...) É bom lembrar que, há muito tempo, aliás, já se pensou em substituir a palavra Espiritismo por *Espiritologia*, naturalmente por influência da terminologia usada em determinadas escolas científicas. Seria apenas um neologismo a mais. Há termos e fórmulas que são válidas ou inteiramente cabíveis dentro de seus quadros de conceitos, mas não se adaptam à estrutura doutrinária do Espiritismo. (...)

Devemos considerar as coisas com todo o sentido de realidade: não é o Espiritismo que se deve adaptar a qualquer forma ou conceito pelo simples fato de trazer um enunciado novo, mas as novas contribuições científicas atinentes à seara espírita, direta ou indiretamente, é que devem ser consideradas com os conceitos espíritas e, por fim, adaptadas aos problemas do Espírito. Em lugar de se pretender tomar um enriquecimento científico como superação do Espiritismo, o que se deve fazer, justamente por ser mais lógico, é examinar os fatos e verificar até que ponto eles trazem realmente uma contribuição procedente à compreensão dos problemas que já estão no corpo da Doutrina dos Espíritos.

Se quiséssemos, por exemplo, adaptar os conceitos espíritas à obra de Pietro Ubaldi, iríamos esbarrar diante de uma dificuldade insuperável, justamente porque o Professor Ubaldi, um dos mais profundos pensadores dos últimos anos, tem um linha própria de pensamento, uma técnica de formulação de suas ideias e, além de tudo, emprega outros termos, que não os espíritas, para tratar do problema mediúnico e outros problemas. Seria uma adaptação impraticável como tantas outras.

("Mundo Espírita" — Curitiba — PR — fevereiro de 1976.)

32 PROBLEMAS INEVITÁVEIS

O Espiritismo não exige profissão de fé. Ninguém é obrigado a fazer declaração pública, prestar juramento, assinar termo de compromisso ou submeter-se a qualquer cerimônia de iniciação. Tudo é espontâneo, natural. A profissão de fé, se assim podemos chamar, consiste apenas na atitude que cada qual assume quando sente que já está identificado com os ensinamentos da Doutrina e

quer segui-los conscientemente. É uma atitude que tanto pode ser tomada na vida particular como em público. Não há, porém, uma prescrição formal, uma regra fixa.

Nem todos, porém, chegam ao Espiritismo pela Doutrina, através da reflexão e da análise. Muitos, por exemplo, fizeram leituras diversas, antes de conhecerem as obras espíritas, procuram o Espiritismo ainda com dúvidas e dificuldades decorrentes da falta de uma orientação segura. Quando chegam a tomar contato com a literatura espírita, querem conferir certas ideias com a Doutrina, mas são ideias bebidas noutras fontes e, por isso, às vezes criam problemas desse tipo: ou ficam confusas, porque não sabem que opção possam fazer, ou acham que as ideias espíritas é que são obscuras. Mas não têm um rumo claro, justamente porque se ressentem da falta de elucidação doutrinária. E muita gente fica nessa situação, sem saber, conscientemente, se é espírita ou se ainda está navegando noutras águas, como se diz.

Outro problema que ocorre frequentemente é o das ideias religiosas.

Há pessoas que, embora queiram integrar-se na Doutrina sinceramente, ainda sentem certa dificuldade, porque não se desligaram de suas crenças, a não ser superficialmente. Trazem naturalmente um lastro de ideias, oriundas da fé em que se educaram, cultivam uns tantos hábitos religiosos e, por isso mesmo, não absorvem logo o verdadeiro pensamento da Doutrina em sua simplicidade e sua racionalidade. Ainda esperam *milagres*, ainda têm medo de *castigos do céu*, ainda pensam em termos de *graças dos anjos*, e assim por diante. São cristalizações de ideias, que se formam no espírito, por força da educação de origem, e não se desfazem de uma hora para outra. Não é apenas problema de tempo, conquanto o tempo seja um fator inestimável. Mas é um problema de orientação, acima de tudo, pois se essas pessoas não são bem orientadas nos centros que frequentam, e onde aprendem Espiritismo, continuam com as mesmas ideias pela vida inteira, pedindo favores a Deus, rezando por devoção, sem saber o que representa o esforço próprio como elemento de transformação da criatura humana. Desconhecem a lei do merecimento, ensinada pelo Cristo. Justamente por isso, os centros espíritas devem transmitir as informações doutrinárias com a necessária clareza, pois eles são, em última análise, as escolas de orientação.

Há outra categoria, talvez mais exigente. É a daqueles que, tendo lido um pouco de tudo, ou de quase tudo, e não tendo encontrado um ponto de apoio nem um elemento de convicção, querem que a Doutrina Espírita dê, imediatamente, todas as respostas, já prontas e acabadas. Andam certamente à procura de uma fórmula nova ou de alguma coisa diferente! Julgam-se frustrados algumas vezes, quando não descobrem logo uma solução imediata, uma espécie de chave mágica no Espiritismo.

É uma noção falsa, não há dúvida. Mas o certo é que essas pessoas trazem problemas que não podem ser postos de lado. Temos que dialogar a fim de que se esclareça o verdadeiro caráter da Doutrina.

Não nos esqueçamos de que a Doutrina Espírita fala em maturidade ou *madureza do senso moral*. Muita gente quer dominar certa ordem de conhecimentos sem a necessária maturidade de espírito. O fato de alguém possuir instrumentos e cultura que permitem penetrar a fundo no campo da Psicologia, como da Psicanálise, ou de outras disciplinas científicas, não quer dizer que esteja bem aparelhado para devassar o mundo espiritual. O domínio do espírito constitui uma esfera de conhecimento que depende de outros instrumentos e, além de tudo, exige disposição especial e ainda certas qualidades, que precisam ser aprimoradas. Por isso mesmo, o Espiritismo não pode atender a todas as exigências, nem tampouco modificar os seus pensamentos fundamentais para ir ao encontro das conveniências transitórias.

Em verdade, nem todos podem captar o ensino da Doutrina ao mesmo tempo e do mesmo modo, pois cada qual vive sua própria existência em relação ao passado e ao presente. O Espiritismo não tem o *segredo da felicidade*, mas fornece elementos com os quais a criatura humana aprende a sentir-se feliz. Não faz promessas, mas aponta a mensagem do Cristo como fonte de esperança. Mas é necessário que o diálogo se realize em linguagem condizente com a realidade atual, mostrando que a mensagem do Cristo não está distante, pois se aplica aos fatos da vida presente também.

("Mundo Espírita" — Curitiba — PR — março de 1976.)

33 CONDICIONAMENTOS E HÁBITOS

Os hábitos condicionam muito as pessoas em todos os níveis, sociais ou intelectuais, muitas vezes impondo procedimentos nem sempre razoáveis. Existem hábitos pessoais ou domésticos, como levantar cedo, caminhar pela manhã, dormir depois do almoço, etc., como também existem hábitos culturais como parar diante de livrarias, frequentar reuniões de conferências, visitar exposições ou museus, ler muito (quando se tem tempo), e assim por diante. Mas os hábitos que condicionam mais e chegam, às vezes, a restringir a liberdade do indivíduo ou do grupo são os de natureza social. Sim, os hábitos sociais, em determinados casos, parecem uma espécie de escravidão, pois muita gente vive em função desses hábitos, obedece como que cegamente a certos padrões convencionais e a bem dizer não tem vontade própria. A força do hábito chega a um ponto em que o indivíduo se torna um autômato, em último caso. E quantas pessoas há, neste mundo, que se habitua a participar de reuniões sociais ou conviver em determinadas *rodas elegantes*, embora não tenham condições materiais para acompanhar *um trem de vida* acima de suas possibilidades? Por fim, tomam dinheiro emprestado, deixam de pagar aos credores ou sacrificam umas tantas

necessidades de casa, porém fazem questão de manter o hábito para efeito de pura aparência! São ilusões dominadoras, revelando, em suma, falta de maturidade espiritual.

Temos os hábitos realmente bons, salutarés e que, por isso mesmo, devem ser cultivados, porque nos fazem o bem. O hábito da boa leitura, o da meditação, o da higiene mental, o da boa conversação, exercem influência profundamente benéfica em nossa vida. Mas, voltemos aos hábitos sociais. Há pessoas que se prendem mais aos estilos e preconceitos de certos ambientes; aos poucos esse modo de viver se transforma num hábito e constitui um campo fechado. Tem-se a impressão de que a personalidade já se diluiu, pois certas criaturas humanas não conseguem abrir mão dos compromissos habituais, embora saibam que tais imposições, na maioria dos casos, não passam de mera superficialidade! Mas condicionam muito, não há dúvida.

Há pessoas, por exemplo, que revelam o desejo ou a intenção de comparecer a reuniões fora de seu ambiente e gostariam de travar relações com elementos de outra condição social ou econômica, mas vivem dentro de círculos sociais muito impregnados de prevenções e restrições convencionais e, por isso, não podem fazer o que o foro íntimo aconselha. Chegam a certos lugares, *olham de fora*, como se diz, tentam entrar, mas não entram porque têm medo (?) de comprometer o *status* e perder o prestígio, digamos assim... É o que se passa, algumas vezes, no meio espírita. Há pessoas que se aproximam, pedem auxílio espiritual, principalmente quando já esgotaram os recursos humanos, porém se sentem um pouco sem jeito ou constrangidas por causa da simplicidade das casas espíritas, onde não deve haver, realmente, qualquer tipo de formalismo nem tampouco discriminação social, o que seria perigoso desvio dos rumos indicados pela própria Doutrina. Gostam do ambiente, apreciam a mensagem espírita, mas não *esquentam lugar*. Não ficam porque ainda não têm hábitos de convivência simples ou destituída de presunções.

Há, no entanto, aqueles que, caindo em si, como diz Emmanuel, rompem com velhos hábitos, que são logo superados, e formam novos hábitos, porque nova luz se faz pelo conhecimento e pela disposição espiritual. Lembro-me de que Manuel Quintão, já desencarnado há muito tempo, contou a dificuldade em que ficara quando, pela primeira vez, teve de recorrer a um centro espírita num subúrbio do Rio de Janeiro, creio que no Engenho de Dentro. Ele, todo elegante, bem engravatado, vestindo o seu fraque (que era da moda da época), sentado ao lado de gente de categoria social muito modesta, no mesmo banco incômodo! Foi um *drama*! Mas, com o tempo, uma vez integrado no Espiritismo, lá se lhe foram as conveniências sociais...

Enquanto não muda a perspectiva espiritual, os hábitos dominantes continuam a ser como que uma camisa-de-força para muita gente. É difícil, muito difícil mesmo *motivar* um indivíduo para a naturalidade e a beleza da mensagem espírita se este

indivíduo ainda está preso aos hábitos de noitadas com jogo, bebidas, etc., e faz de tudo isso a sua felicidade! Quem, ainda mais, tem o hábito de participar de reuniões sofisticadas, com exibição de elegância, e acha que esse ambiente é o seu mundo, a razão de ser de sua vida, não aceita facilmente o ensino espírita, que aconselha a vida simples, o desprendimento em relação às grandezas do mundo, a não ser que sobrevenha uma ocorrência imprevista, uma situação irremovível e penosa. Então, a esta altura, o desespero ou a desorientação leva a qualquer caminho, a qualquer porta aberta...

Claro que a vida social é uma necessidade, como nos diz a Doutrina, e não podemos muitas vezes fugir a determinadas exigências da sociedade nem devemos ser criaturas anti-sociais. Tudo, porém, com prudência. A lição que extraímos da Doutrina, a cada passo, é muito simples e sensata: somos da sociedade, pois não podemos viver à parte, devemos viver com naturalidade, participando das satisfações que o mundo nos oferece sem que tenhamos de chegar ao exagero de ficar escravizados aos hábitos sociais que nos confinam dentro de um círculo sem horizonte espiritual.

Não cabe, finalmente, ao meio espírita modificar os seus hábitos de simplicidade e fraternidade, com as portas abertas a todos, sem quaisquer distinções. Cada qual que procure libertar-se de seus condicionamentos sociais, voltando-se cada vez mais para o lado espiritual da vida. Não é o meio espírita que deve adaptar-se aos hábitos de quem quer que seja, venha de onde vier, mas cada qual é que deve ajustar-se aos hábitos espíritas.

O ideal da vida normal não está no puritanismo dos que desprezam o mundo, nem está no imediatismo dos que só vivem para as coisas do mundo. O ideal da vida normal está no equilíbrio consciente entre os dois planos, porque ambos são necessários: o material e o espiritual. Enfim, cedo ou tarde, por este ou por aquele motivo, será encontrada por cada qual a estrada de Damasco nos clarões do Espiritismo.

("O Clarim" — Matão — SP — setembro de 1982.)

Nota do compilador: Impossível deixar sem nota a citação do saudoso Manuel Quintão. Foi um dos trabalhadores da Federação Espírita Brasileira durante longos anos deixando larga folha de serviços. Até hoje a FEB divulga o seu livro "O Cristo de Deus". Nascido em Valença (Estado do Rio de Janeiro) em 1874, sonhou ser aluno da Escola Naval, porém não concretizou seu sonho. Católico em rapazola a ponto de cooperar com os padres na realização de missas, numa quadra de sua vida, lendo autores como Voltaire, Renan, Haeckel, quase se tornou empedernido materialista. Uma doença curada graças ao concurso mediúnico de Domingos Filgueiras torna-o espírita numa ocasião em que, a convite de Artur Azevedo, já aparecia escrevendo em órgãos da época como "O Malho", "Rio Nu", "O Município", "Revista da Semana", e era amigo de Quintino Bocaiuva (do famoso jornal "O Paiz") e de Nilo Peçanha.

Quintão ingressa na Federação Espírita Brasileira em 1903 e durante 28 anos foi diretor do Grupo Ismael, da Livraria da FEB e do REFORMADOR, trabalhando ao lado

de Guillon Ribeiro. Foi conferencista muito requisitado e, além disto, tradutor do espanhol, do francês e do italiano, passando para o vernáculo textos de Geley, de Flammarion, de Rochester e de Amália Domingo Soler. São livros de sua tradução "Memórias do Padre Germano" e "Abadia dos Beneditinos". Além da obra já citada ("O Cristo de Deus"), a FEB lhe editou "Fenômenos de Materialização" e pela Federação Espírita do Paraná saiu seu livro de crônica de título "Cinzas do meu Cinzeiro". Desencarnou em 1954. Dados colhidos numa biografia elaborada por Antonio de Souza Lucena, estampada em "O Semeador" (Órgão da Federação Espírita do Estado de São Paulo), de 1972. Mais detalhes, o leitor encontrará também em REFORMADOR de 1955.

34 CONHECIMENTO E PROGRESSO

Embora a Doutrina Espírita não tenha formulado propriamente uma *teoria do conhecimento*, faz duas colocações inerentes ao problema. Em primeiro lugar, afirma que Deus não permite que tudo seja revelado ao homem neste mundo; em segundo lugar, acrescenta que o véu do conhecimento se levanta à medida que o homem se depura. "O Livro dos Espíritos" — Questão 17 a 20.

Na primeira questão, como se vê, enquanto estivermos encarnados na Terra, não teremos condições de chegar ao princípio das coisas. Apesar de ser um tanto categórica, a resposta é condicional, não fecha a questão. Na situação de Espírito encarnado, o ser humano é muito limitado e, por isso mesmo, não pode conhecer o princípio das coisas, mas o Espírito tem muitas etapas pela-frente, através de outros planos de conhecimento. E, por isso, um dia o princípio das coisas já não será mistério.

Na segunda questão, o esclarecimento é mais explícito: de acordo com a depuração espiritual, isto é, a transformação interior, a visão do homem se toma mais ampla e penetrante, justamente à medida que o véu se levanta. Isto significa que o conhecimento é progressivo. Como, porém, a criatura humana tem as suas limitações e não está preparada para desvendar certas sutilezas da verdade, nem saberia o que fazer se estivesse de posse de descobertas mais profundas, não poderá ultrapassar os limites que a Sabedoria Divina fixou, adverte a Doutrina.

Poderia parecer contradição. Ao mesmo tempo em que a Doutrina diz que o véu se levanta, à medida que o homem se depura, deixando bem claro que a ignorância não é definitiva, também diz, na mesma ordem de ideias, que o homem não poderá ultrapassar os limites fixados por Deus. Não há proposições contraditórias, não, conquanto a ideia de fixação de limites do conhecimento possa dar a impressão de uma barreira intransponível, em desacordo com a assertiva anterior.

Tudo é relativo, como se sabe. Sendo assim, enquanto neste mundo, sujeito a todos os condicionamentos do meio em que vive e não dispendo, ainda mais, de

meios mais refinados, o ser humano jamais poderá ir além dos limites da condição terrena. Noutras dimensões progressivas, entretanto, são muito maiores as perspectivas do conhecimento, ainda segundo a Doutrina. Enquanto os Espíritos em processo de melhoramento não podem conhecer a natureza íntima das coisas, porque lhes falta um sentido especial para tanto, os Espíritos superiores se identificam com Deus nos planos mais altos da sabedoria. "O Livro dos Espíritos" — Questão 244. Tais Espíritos já ultrapassaram as limitações da nossa faixa evolutiva.

A procura da verdade, de acordo com a situação de cada Espírito, quer do ponto de vista intelectual, quer do ponto de vista moral, é um processo de aquisições demoradas e gradativas. Temos de levar em conta, indispensavelmente, as condições de desigualdade entre os Espíritos encarnados. Há criaturas, por exemplo, que são muito mais afeitas à meditação e é por essa via, exatamente, que procuram a verdade, pois já trazem muita experiência mística de outras existências, ao passo que muitas outras, certamente porque tiveram formação científica, perseguem mais o terreno experimental, com o mesmo propósito de chegar à verdade. Os racionalistas puros confiam mais na especulação e no raciocínio analítico. Temos de considerar a estrutura psíquica de cada pessoa e as suas predisposições naturais. Enfim, no domínio dos conceitos abstratos sempre houve e há muito o que discutir.

O pensamento espírita, neste ponto, não deixa margem para muita divagação. O conhecimento há de ser limitado, porque somos naturalmente limitados. Mas o Espírito progride em conhecimento e em moralidade, cedo ou tarde, como aprendemos em "O Livro dos Espíritos" — Questão 192. Então, à medida que o Espírito desenvolve todo o seu potencial, não apenas intelectual, mas também moralmente, tem mais possibilidades de avançar no conhecimento. Se não pode chegar à essência absoluta das coisas porque não tem instrumentos adequados a este tipo de inquirição, pelo menos adquire uma visão mais lúcida e cada vez mais profunda e ampliada.

O velho problema do conhecimento da *coisa em si mesma* dividiu muito os círculos filosóficos. Para uns, o conhecimento humano é todo exterior, pois ninguém chega à essência. Para outros há possibilidades de ir além do aspecto formal. E onde a Doutrina Espírita nos deixa, a este respeito? **Ela nos deixa exatamente neste ponto: embora reconhecendo a nossa incapacidade para chegar às últimas causas, temos meios de progredir no conhecimento e ultrapassar as restrições pela matéria. É questão de maturidade e perseverança, pois a verdade não está nos objetos nem tampouco nas fórmulas e nos conceitos: a verdade é luz interior!**

("Mundo Espírita" — Curitiba — PR — dezembro de 1981.)

35 LIVROS E HÁBITOS

(...) Os livros são como as amizades. Sempre é bom fazer novas amizades, mas não se deve desprezar o patrimônio das velhas amizades. Os amigos, isto é, os verdadeiros amigos não se trocam como se fossem roupas ou objetos materiais. Lembremo-nos do que nos ensina o poeta: Nem todo irmão é amigo, mas todo amigo é irmão. Quanta beleza e verdade em poucas palavras! Quando a amizade é interesseira ou calculada, muita gente muda de amigos de uma hora para outra, segundo as conveniências ou o jogo das circunstâncias, por uma questão apenas de *status* ou posição social. As velhas amizades, no entanto; perduram em todas as situações, quando são realmente desinteressadas, quando não têm segundas intenções.

Os livros, em muitos casos, fazem lembrar os amigos. Há livros antigos, por exemplo, que continuam a ser fontes valiosas, apesar do aparecimento de livros novos. O valor de uma obra não se afere pelo tempo, mas pela exatidão das ideias. Nem tudo, portanto, é velharia... Se assim fosse, a própria mensagem do Cristo e o ensino dos instrutores espirituais da Humanidade já estariam, a esta hora, sobrepujados ou obsoletos. Mas não estão, não! (...) Há livros que precisam ser substituídos depois de algum tempo, desde que haja fatos novos ou quando se reconhece que uns tantos conceitos já não têm mais razão de ser. Os livros escolares, por exemplo, exigem renovações e enriquecimentos constantes, de acordo com as experiências científicas e as mudanças históricas. (...) Entretanto, há livros que resistem ao tempo e às mudanças.

Se é certo que não podemos desprezar determinadas fontes de consulta, embora sejam antigas, também é certo que não devemos ficar somente nas leituras passadas, ignorando completamente o que se diz, o que se pensa, o que se escreve no momento. (...) a experiência demonstra a necessidade, tanto quanto possível, da atualização de conhecimentos.

Neste particular, distinguem-se muito bem dois hábitos de leituras:

Em primeiro lugar, o hábito daqueles que fazem questão até de desconhecer o que aparece no mercado de livros, porque se apóiam exclusivamente nas obras que possuem.

Em segundo lugar, na preferência, às vezes exagerada, somente pelo que é novo, como que fazendo *tábula rasa* de tudo quanto já existia antes.

Não é assim que se desenvolve e solidifica o lastro cultural. Quem se habitua a ler apenas novidades, por ser mais impressionantes, está sujeito a ser levado a enganos e decepções desconcertantes. Como? Justamente assim: *passando recibo* em verdades apresentadas como novas, quando já estão contidas há muito tempo no contexto das obras antigas.

(...) é sempre bom que tenhamos uma visão mais ampla: nem a fixação definitiva ou inarredável nas obras antigas, como se fossem tabus, nem tampouco a

valorização excessiva das novidades, como se fossem uma luz nunca vista. O conhecimento é progressivo, o que significa, em última análise, que se enriquece de experiências do passado e aquisições do presente. Os fatos são os mesmos, como são as mesmas as leis e a matéria-prima da experiência científica. Mas em cada época se aplicam reflexões novas ou se aduzem elementos renovadores. É o enriquecimento, de etapa em etapa.

Com essa visão do conhecimento, portanto, é natural que nos situemos à vontade perante a literatura espírita. O fato, por exemplo, de estar aparecendo muitos livros novos, tanto pela via mediúnica quanto pelo esforço da capacidade humana, o que prova o sentido progressivo dos estudos sérios, não nos induz a colocar as obras básicas em segundo plano.

A Codificação de Allan Kardec continua a ser fonte principal. As obras dos chamados autores clássicos de literatura espírita, como Delanne, Denis, Aksakof, Bozza- no, Imbassahy, não perderam a consistência e ainda têm respostas convincentes.

Quanta coisa se ouve e lê, por aí, como inteiramente nova ou como se fosse a última palavra, mas já foi dita por autores que representam, de fato, a cultura espírita no tempo e no espaço.

Então, é preciso ler também os mais antigos, sem espírito dogmático mas com a preocupação lúcida de formar boa base de informações e acompanhar a sequência do pensamento espírita.

(“Mundo Espírita” —Curitiba — PR — Janeiro de 1981.)

Nota do compilador: Oportuníssima esta análise de Deolindo Amorim. Sempre válidas estas palavras oriundas da madureza de um estudioso do Espiritismo. E a Federação Espírita Brasileira, por isso mesmo, faz questão de editar obras dos autores clássicos supracitados a fim de que se forme e se consolide uma sólida cultura espírita; será então o esclarecimento do porquê da Vida consolando sofridos corações.

36 A DOCTRINA ESPÍRITA E AS MUDANÇAS HISTÓRICAS

I — PROPOSIÇÕES INICIAIS

Diferentemente das sociedades desenvolvidas, ou em desenvolvimento, as sociedades rudimentares são mais simples e, por isso, naturalmente mais propensas à conservação de seus padrões, hábitos, etc. Além das necessidades elementares, comuns a todos os grupos humanos, as sociedades ainda em nível primário a bem dizer não têm outras necessidades mais complexas, influenciadas pela industrialização e pela tecnologia, pois a cada passo estão surgindo necessidades novas, algumas reais, outras artificiais. A mudança, porém, é

inevitável, fenômeno aliás previsto na Doutrina Espírita: A Sociedade tem as suas exigências, pelo que são necessárias leis particulares. As exigências aumentam na medida em que a sociedade se desenvolve. Diz então Kardec, e neste ponto com uma visão que poderíamos dizer de sociólogo: A civilização criou para o homem novas necessidades, e estas relativas à posição social que ele conquistou. Veja-se "O Livro dos Espíritos", Questões **794** e **795**.

Claro que o homem que vive na sociedade moderna, sujeito a estilos de vida até sofisticados, ocupa uma posição mais exigente por força das solicitações sociais. A posição do homem que vive insulado ou dentro de uma aldeia, onde há menos competição e onde a noção de bem-estar se limita ao atendimento das necessidades primárias, não pode ser tão exigente. Os costumes e conceitos são suscetíveis de substituição e superação em virtude das mudanças que se operam na sociedade.

Partimos daí para a seguinte questão: Teriam as mudanças, no decorrer dos tempos, invalidado as afirmações básicas do Espiritismo? É o que teremos a examinar.

Notemos, antes de tudo, que as sociedades complexas, de que é exemplo a nossa sociedade, se caracterizam principalmente por dois fenômenos consequentes: a interdependência e a competição. Vejamos. Ninguém se basta a si mesmo. A interdependência abrange todos os níveis profissionais, intelectuais, tecnológicos, e assim por diante. Não há indivíduo, nem grupo, nem comunidade, nem povo que não esteja entrosado com interesses diversos, dependendo uns dos outros. Os interesses, por sua vez, em muitos casos tomando a feição de necessidade suprema ou de vida e morte, provocam a luta competitiva, cada vez mais premente. É dentro deste quadro social que se projetam as ideias espíritas, sob a atmosfera de uma sociedade em mudança.

Se o Espiritismo é realmente a nossa filosofia, claro que os seus princípios nos devem orientar com equilíbrio, a despeito de todas as mudanças. Quer dizer, nem perder o rumo por causa das transformações, que são inegavelmente muito sensíveis, nem muito menos fechar os olhos à evidência perante a nova ordem das coisas. Não percamos de vista que a Doutrina Espírita não teme as mudanças, como ensina Kardec: "O Espiritismo assimilará todas as doutrinas progressivas. Se uma verdade nova se revelar, o Espiritismo aceitará essa verdade." Veja-se "A Gênese", Cap. I, nº **55**.

A Doutrina previu algumas mudanças e conquistas com muita antecendência. No decorrer de um século, como se sabe, houve substituição de muitos conceitos tradicionais, no campo das ciências, da filosofia, da religião, da família, etc. A Doutrina Espírita não se esvaziou por causa disto, uma vez que os seus conceitos nucleares, como por exemplo a sobrevivência, a comunicação dos Espíritos, a reencarnação, a supremacia dos valores espirituais, a Justiça Divina, etc., continuam inalteráveis a despeito das grandes transformações.

II — ANTECIPAÇÕES DA DOCTRINA

As ideias espíritas estão no Brasil desde a segunda metade do século XIX. Vejamos então a posição da Doutrina perante o panorama histórico da sociedade brasileira.

Podemos dizer, e as expressões textuais da Codificação bem o confirmam, que as principais transformações ocorridas em nosso país já estavam previstas na Doutrina Espírita, em consonância com ideias e movimentos que já vinham de outros ciclos históricos. A abolição da escravatura, por exemplo. Foi a lei de **13** de maio de **1888** que acabou definitivamente com o regime do trabalho escravo entre nós. É verdade que antes, com a lei Eusébio de Queiroz, em **1850**, já se havia proibido o tráfico de escravos, lei que, aliás, não foi bem cumprida. O caso é que somente em **1888** desapareceu essa vergonhosa mancha de nossa sociedade. No entanto, muito antes, já em **1857** a Doutrina Espírita reprovava a escravidão. Leiam-se as Questões de **829** a **831** de "O Livro dos Espíritos" onde encontramos este ensinamento claro e objetivo: 'Toda sujeição absoluta de um homem a outro é contrária à lei de Deus. A escravidão é um abuso de força: desaparecerá com o progresso, como, pouco a pouco, desaparecerão todos os abusos.'

Quanto à liberdade de cultos, outra notável conquista da sociedade brasileira, a Doutrina com muita antecedência já lançava ideias que a História veio confirmar. A liberdade religiosa foi estabelecida pela constituição de **1891**, a primeira constituição republicana do Brasil. Pois bem, a Doutrina dos Espíritos também se pronunciou sobre o assunto, e com muita antecedência com relação ao caso brasileiro. Questões **835** a **840** de "O Livro dos Espíritos".

Os estudiosos do Espiritismo já conhecem muito bem o pensamento doutrinário a respeito do trabalho, que constituiu em **1919** matéria das mais delicadas na preparação do Tratado de Versalhes. O conceito da Doutrina é a de que o trabalho é toda ocupação útil. Não é apenas um conceito profissional. O trabalho espiritual, que se sobrepõe aos interesses imediatos, não pode ser avaliado segundo os conceitos pragmáticos. Mas é bom recordar que, em decorrência do Tratado de Versalhes, consequência da Guerra Mundial, surgiu, inegavelmente, uma nova concepção a respeito do trabalho. Foi para aquele tempo o que poderia haver de mais avançado como conquista social, declaram os entendidos. Mas muito antes já a Doutrina Espírita consignava a dignidade do trabalho e a necessidade do repouso, preconizando princípios morais da moderna legislação trabalhista quando ensina textualmente: "O repouso serve para reparar as forças do corpo, e é também necessário a fim de deixar um pouco mais de liberdade à inteligência, para que se eleve acima da matéria." Diz mais ainda: "A ociosidade seria um suplício em vez de ser um benefício." Vejamos que é bem claro o pensamento espírita: além de ser

uma necessidade, o trabalho é um dever social e espiritual. Ideia muito avançada para outros tempos, mas incorporada, hoje, à verdadeira filosofia do trabalho. Consulte-se "O Livro dos Espíritos" — Questões 675 a 684.

Nesta ordem de antecipações, não seria fora de propósito lembrar que o movimento de emancipação feminina, no Brasil, por exemplo, não é muito antigo, não. A instituição da igualdade de direitos entre o homem e a mulher figura entre as mais adiantadas conquistas sociais, sejam quais forem, à parte das desfigurações que se observam neste ou naquele ponto. É outro ângulo em que se configura claramente a previsão social da Doutrina. Há mais de um século proclama o ensino espírita: "a emancipação da mulher segue o progresso da civilização". Consideremos bem a colocação filosófica do problema no corpo da nossa Doutrina: (...) os sexos só existem quanto à organização física; os Espíritos podem tomar um ou outro corpo; entre eles não há nenhuma diferença neste particular e, conseqüentemente, devem gozar os mesmos direitos. "O Livro dos Espíritos", Questões de 817 a 822 trata claramente desta matéria.

Finalmente, fala-se, hoje, e muito, em *ecumenismo*. É uma visão muito ampla e simpática do problema religioso. Aqui mesmo, no Instituto de Cultura Espírita do Brasil, já se debateu o assunto em mesa-redonda, com a participação de ilustre pastor evangélico. Discutiu-se o ecumenismo, sob o ponto de vista cristão, e sob o ponto de vista sociológico. Por fim, como sempre, esclareceu-se a posição espírita. Para muita gente a ideia é nova. Porém, convém acentuar que a Doutrina Espírita se preocupou muito antes com o ecumenismo. Sem empregar especificamente esta palavra, a Doutrina colocou os problemas em termos claros quando afirmou que o ensino moral do Cristo, independentemente de questões históricas, linguísticas, etc., "é o terreno onde todos os cultos podem reunir-se, estandarte sob o qual podem todos colocar-se, quaisquer que sejam suas crenças, porquanto jamais ele constituiu matéria das disputas religiosas, que sempre e por toda a parte se originaram das questões dogmáticas". É o que lemos na introdução de "O Evangelho segundo o Espiritismo". Que é isto senão ecumenismo?

Não se deve entender ecumenismo no sentido vulgar de simbiose de crenças, rituais e preceitos diversos, como se fosse uma gaveta capaz de receber todos os objetos que nela sejam colocados. Não. É uma noção defeituosa ou falsa de ecumenismo. Devemos caminhar, sim, para o entendimento, dentro do respeito às crenças alheias, até que encontremos um denominador comum, um terreno pacífico. E esse denominador é a moral do Cristo, como prevê a Doutrina dos Espíritos. Vê-se, assim, que o Espiritismo tem lucidez e flexibilidade para acompanhar as mudanças históricas. E há quem diga, apesar disto, que a Doutrina já está superada...

III— MOVIMENTOS DE OPINIÃO

Analisemos, agora, a posição doutrinária perante alguns movimentos de opinião, no Brasil.

A escola metapsíquica, no começo do século XX, teve repercussões inevitáveis no movimento espírita, já pelo prestígio do nome de Richet nos meios científicos, já pelas atividades do Instituto Metapsíquico, da França. Alguns metapsiquistas terminaram aderindo ao Espiritismo; outros, porém, preferiram ficar no campo da Metapsíquica, sem compromisso doutrinário. A Metapsíquica, de fato, formou uma escola com bastante projeção internacional. Mas o fato de haver a Metapsíquica se imposto ao respeito pela sua preocupação científica, não abalou as posições espíritas, não trouxe nenhum elemento capaz de modificar os conceitos fundamentais do Espiritismo.

A Psicanálise deu lugar a outro movimento de opinião, principalmente em consequência das depressões, dos desencantos e destroços da Guerra Mundial. Com a divulgação da literatura psicanalítica no Brasil, em grande parte de segunda mão, certas pessoas se empolgaram demais e, por isso, chegaram a dizer que a Psicanálise explicaria tudo, resolveria todos os problemas e, por isso mesmo, o Espiritismo não tinha mais sua razão de ser... Foi uma fase de empolgação. A Psicanálise continua, é um campo científico bem profundo (com ressalva de alguns exageros dos que pretendiam ser mais psicanalistas do que o próprio Freud) e o Espiritismo — convém ressaltar — sempre se manteve em sua integridade. Ambos têm pontos comuns, aqui e ali, porém são dois campos distintos. Nenhuma teoria psicanalítica provou o contrário do que, até hoje, o Espiritismo afirma. Logo...

De 1930 para cá começou a ser divulgada a literatura parapsicológica. A Parapsicologia ocupa, hoje, indiscutivelmente, uma categoria de relevância no mundo científico. Não se confunda a Parapsicologia, como escola realmente científica, com os procedimentos pessoais deste ou daquele parapsicólogo. Há muito interesse do Espiritismo na Parapsicologia, e vice-versa. Mas alguns aderentes, que abraçaram logo a Parapsicologia, também dizem agora que o Espiritismo não tem razão de ser porque a ciência criada por Rhine abrange tudo... E é justamente o contrário o que se dá: é o Espiritismo que abrange a Parapsicologia no campo experimental. Todavia, como espíritas, devemos acompanhar bem as experiências que se realizam nas áreas da Parapsicologia. Embora tenham contactos, são duas áreas diferentes. Pode haver, e há, de fato, posições diversas neste ou naquele aspecto,;— mas, superação, não!

(...) O surto de literatura mediúnica também provocou uns tantos arrebatamentos no meio espírita, chegando-se a falar até em *nova doutrina*, como também se disse que André Luiz teria dado a *quarta* revelação, e assim por diante.

Claro que a literatura mediúnica, fonte de conhecimento e consolo, trouxe luminosos enriquecimentos à nossa experiência, mas a base da cultura espírita continua a ser a Codificação de Kardec, pois é através dela que se adquire o lastro de noções que nos permitem chegar ao pensamento de André Luiz, de Emmanuel e outros Espíritos Missionários...

IV— INTEGRAÇÃO NA DOCTRINA

Vamos tratar finalmente de nossa integração na Doutrina, como arremate de tudo quanto dissemos.

Nem todos se integram prontamente na Doutrina. Há pessoas, por exemplo, que aderem ao movimento espírita por entusiasmo, por simpatia, por sentimento de gratidão, que é muito nobre, mas nem todos por isso estão identificados com o verdadeiro pensamento espírita. Aderir ao movimento espírita não significa aderir à Doutrina em todos os casos. As situações variam muito, de pessoa para pessoa, de acordo com a formação, as disposições, as opções de cada um.

As relações com o movimento espírita se distinguem através de processos diferentes. Vivemos em interação, que é o processo social mais comum, isto é, convivemos no meio espírita, fazemos boas relações, porém o fato de nos relacionarmos não quer dizer que sempre já estejamos integrados. Há pessoas que se acomodam, mas não aderem ao movimento propriamente. Há entre nós muitos casos de *acomodação*, sem a mínima identificação com a Doutrina. Acomodação é uma forma habilidosa de conviver ou ajustar-se temporariamente a qualquer ambiente, embora sem aceitar as ideias do grupo. É o caso dos elementos que, por necessidade ou por certas conveniências, se acomodam entre nós, fazem que concordam com as nossas ideias, dão a impressão de que estão aceitando tudo, mas a verdade é que, no fundo, não aceitam nada do que dizemos. Estão em nosso meio enquanto precisam resolver determinado problema. Acomodação, portanto, não é integração.

Outro processo, igualmente corrente em todos os movimentos, é a *adaptação*. Há pessoas que têm uma capacidade especial de adaptação. Adaptam-se a qualquer ambiente, qualquer estilo de convivência. É uma arte, afinal de contas. Pois bem, no meio espírita às vezes podem ocorrer casos de pura adaptação aos nossos hábitos e padrões, sem a verdadeira integração. Pessoas que se sentem bem no meio espírita, apreciam nossos modos de conviver, colaboram conosco, aceitam tarefas, fazem amizades, mas ainda não se sentem seguras intimamente. Estão apenas adaptadas ao ambiente espírita mas não se integram ao espírito da Doutrina.

O processo mais positivo é justamente o da *integração*, que só se dá quando a criatura humana, pelo estudo, pela observação, pela reflexão demorada, chega à conclusão de que as suas ideias e os seus valores de outrora já não lhe servem

mais, pois agora já tem outra visão da vida e das coisas. Quando se sente, afinal, apoiada nos princípios espíritas, quando aceita conscientemente esses princípios, quando já está em condições de dispensar naturalmente a bagagem das crenças antigas, aí sim, está integrada no Espiritismo. É pela integração na Doutrina que nos preparamos, em suma, para compreender as mudanças e assumir posições de equilíbrio.

V — CONCLUSÕES

Permitimo-nos oferecer aos companheiros, para meditação e crítica, as seguintes conclusões:

1^a) — O ensino espírita deve preparar seus adeptos para conviver com as mudanças, sem desvios do roteiro básico;

2^a) — os conceitos fundamentais do Espiritismo não são superados nem pelo advento de conceitos novos, nem pelas experiências até agora realizadas no campo do psiquismo em geral e no campo específico da mediunidade;

3^a) — os valores éticos preconizados pela Doutrina Espírita não perderam a consistência, apesar da existência de novos conceitos de moral, pois a afirmação de que a Lei Moral está na consciência persiste até hoje, e nenhuma inovação conceitual conseguiu desfazê-la; e finalmente

4²) — as mudanças sociais, culturais e religiosas não substituíram nem abalaram a estrutura doutrinária do Espiritismo.

(Fonte: Resumo das explicações de 1979 no Instituto de Cultura Espírita do Brasil, publicado na Revista "Aurora", sem que nos fosse possível determinar a data da publicação.)

37 ENTRE OS CONCEITOS E A VIVÊNCIA

Aprende-se em Espiritismo, como ensino fundamental, que o homem tem composição tríplice: corpo-perispírito-alma. Dentro desta concepção trinária, também encontrada nos contextos de outras doutrinas, não expressa da mesma forma, porém com o mesmo sentido, ensina a Doutrina Espírita que, pelo corpo, o homem participa da natureza dos animais, cujos instintos possui; e pela alma, participa da natureza dos Espíritos. O homem tem, portanto, simultaneamente alguma coisa da animalidade, inerente ao reino a que pertence, e alguma coisa de espiritualidade, em razão de sua origem e da essência mesma de sua natureza. Enquanto ser humano, porém, sujeito às imposições biológicas e fisiológicas, como ainda condicionado pelo meio natural e pelo meio social, não pode o homem fugir às leis e necessidades primárias do mundo animal e da sociedade em que vive. Justamente por isso, é ainda a Doutrina Espírita que nos ensina: A vida social é uma necessidade, pois Deus fez o homem para viver em sociedade; não lhe deu

inutilmente a palavra e todas as outras faculdades necessárias à vida de relação. "O Livro dos Espíritos", da Questão 766 em diante trata bem deste assunto.

Se nenhuma criatura humana possui faculdades completas, obviamente ninguém poderia viver e progredir sem contato com o próximo, em completo insulamento. Queiramos ou não, há uma ordem de dependência em todos os planos da vida, em todos os graus da escala social e profissional. Nos primeiros estágios evolutivos, o homem recebe o que a Natureza lhe oferece e sofre as influências imediatas do meio circundante. De certo ponto em diante, assim que começa a ultrapassar as técnicas elementares, porque toma consciência de sua racionalidade, o homem logo se torna menos passivo ou contemplativo, pois agora já interfere conscientemente em seu próprio meio, usando instrumentos adequados. É o despontar da criatividade. Abre-se, assim, ao homem um mundo diferente do mundo natural que, antes, lhe parecia completo e dominador. É o mundo da cultura, ativo e surpreendente, que agora lhe aguça a capacidade e lhe propõe opções impressionantes.

Envolvido nas tramas do mundo cultural, sentindo-se cada vez mais interrelacionado com seu semelhante, vivendo as emoções e experiências que se renovam constantemente, a essa altura já o homem reconhece que não é mais um brinquedo das forças naturais, sua vida não consiste em apenas alimentar-se, procriar, repousar fisicamente. A cultura é o conjunto de valores, técnicas, hábitos, crenças, traços de ação do homem. Quando ele começa a modificar o ambiente, principia a intervir e a criar, aí se esboça a *cultura*. O estágio de animalidade logo se segue ao estágio da racionalidade, sem que, todavia, o homem deixe de ter seus vínculos com a natureza animal, conforme preceitua a Doutrina Espírita.

Depois desta introdução, podemos situar com mais segurança o ensino espírita nos quadros da realidade humana. O fato de participar da natureza animal não quer dizer que o homem deva ser animalizado. Claro que não. O pensamento espírita mostra justamente a concomitância de suas forças — o Espírito e a matéria — correspondendo a duas ordens de necessidade: materiais e espirituais. Nesta ordem de ideias, que nos parece de uma lógica meridiana, a satisfação apenas da matéria prejudica o desenvolvimento espiritual. Mas daí não se segue que se deva viver somente para o Espírito. A Doutrina ainda nos chama a atenção para o exagero dos que cultivam demais a matéria — como se ela fosse toda a razão da vida — e as pretensões de santidade dos ascetas, que, com a preocupação de purificar o Espírito, chegam até ao desprezo do corpo. Nenhum dos dois sistemas de vida — adverte a Doutrina — conduz à harmonia, ao equilíbrio.

De posse da *cultura*, que é um bem humano, um patrimônio válido, deve o homem sobrepujar naturalmente certos resquícios de animalidade. Mas não poderá fazê-lo conscientemente enquanto não estiver compenetrado de sua natureza espiritual. Como poderia alguém valorizar o Espírito ou cultivar o lado espiritual da

vida sem ter noção de sua verdadeira destinação, sem uma filosofia capaz de lhe abrir uma perspectiva muito mais ampla do que a limitada perspectiva do mundo que o cerca, apesar de todos os refinamentos sociais?

Nos termos em que o Espiritismo põe a questão, somos impelidos, necessariamente, à compreensão do entrosamento da ciência com a filosofia. O mundo é domínio da investigação científica, mas a espiritualidade do ser humano é transcendente, não se configura na metodologia experimental, porque não é objeto de classificações esquemáticas. Não basta, portanto, explicar o mecanismo da vida sob o ponto de vista estritamente biológico ou sob a ação do meio cósmico, pois o homem físico, limitado, determinado, circunscrito às estruturas anatomo-fisiológicas, é muito mais do que a mera organização somática. O homem físico, considerado à luz da Doutrina Espírita, projeta-se incalculavelmente na visão do homem ontológico. Entra aí, forçosamente, a filosofia. É a perquirição filosófica e é a lucidez do raciocínio, indispensavelmente com as luzes da humildade consciente, sem pretensões de arrogância intelectual, que nos encaminham para o outro lado da reflexão, isto é, a realidade espiritual, que não é contingente, não é acessória, não existe em função de necessidades transitórias, porque é permanente no tempo e no espaço, como a essência do próprio homem.

Nosso raciocínio nos traz, agora, a outro ponto, aliás complementar, que é o conhecimento científico por si só não atendendo às necessidades humanas! Não padece dúvida de que é um meio indispensável e positivo, enquanto a inteligência se defronta com a realidade material. Mas os seus instrumentos de sondagem não têm a mesma eficiência quando pretendem explorar o campo do Espírito, justamente porque se ressentem da falta de visão filosófica.

Se o homem participa dos dois planos da Natureza — o material e o espiritual — como declara o Espiritismo, evidentemente abrange a ciência e a filosofia. Assim, O QUE É e COMO É o homem físico são dados atinentes ao trabalho científico. Mas o DE ONDE VEM e PARA ONDE VAI são elementos de profunda acuidade filosófica. E o domínio exclusivo da faixa física será sempre parcial ou incompleto sem as luzes da outra faixa porque é esta precisamente a que corresponde ao finalismo superior da Sabedoria Divina.

Quando encarecemos o papel da filosofia na formação básica, qualquer que seja a área cultural, profissional ou religiosa, não nos referimos, especificamente à sistematização de uma doutrina filosófica, não!... Não é neste sentido que encaramos a filosofia. Há diversas *filosofias*, como se sabe, cada qual com os seus termos, os seus esquemas, a sua linha de pensamento, geralmente em conflito. Há, entretanto, fora e acima das escolas e correntes, a filosofia em si mesma, a filosofia em caráter permanente, como explicação da vida e do próprio mecanismo universal. Afinal de contas, não podemos viver sem preocupação filosófica. Há, no entanto, uma filosofia de conceitos e uma filosofia vivencial. E a diferença é muito grande. Há pessoas que têm, realmente, boa formação filosófica, mas que consiste

apenas na acumulação de conceitos. A inteligência fica como que bitolada entre conceitos e fórmulas. É um tipo de filosofia que representa, na realidade, uma espécie de *camisa-de-força* para o espírito, pois os conceitos rigidamente formalizados são muito limitativos. Muito diferente em tudo por tudo é a filosofia que se vive principalmente nas horas dos grandes desafios. Filosofia, enfim, que se traduz em atividade, é uma filosofia vivencial, não é uma série de conceitos pré-estabelecidos. Justamente por isso é a filosofia que nos sustenta e esclarece nas circunstâncias mais difíceis, nas situações mais prementes.

Nem sempre a cultura filosófica muito padronizada ou puramente conceitual resolve certos problemas ou dissipa umas tantas dúvidas. Sem luz interior, sem maturidade espiritual, cultura filosófica é apenas conhecimento formal. Vejamos o que aconteceu com aquele professor universitário a que se refere C. du Prel justamente quando vivia o drama do desenlace de sua filha:

"Um amigo meu, professor da Universidade, passou pela dor de perder a filha, o que lhe avivou o problema da imortalidade. Dirigiu-se aos colegas, professores de filosofia, esperando achar consolações em suas respostas. Amarga decepção: pedira um pão, ofereceram-lhe uma pedra. Procurava uma afirmação, responderam-lhe com um talvez." Trata-se de uma citação de Léon Denis no livro "O Problema do Ser, do Destino e da Dor", logo na Introdução.

Como estamos vendo, era um homem de cultura superior, formação universitária, conhecia bem os conceitos filosóficos, mas o mundo espiritual parecia-lhe uma incógnita verdadeiramente aterradora. Recorreu a colegas, professores de filosofia — convém repetir — e nenhum deles deu sequer um lampejo de esperança...

De que vale a erudição? Que significa, finalmente, a cultura filosófica, se não se tem uma explicação tranquilizadora e convincente do fenômeno da *morte*, se não pode oferecer uma resposta lógica e esperançosa a uma alma desesperada; se não consegue chegar ao conhecimento da vida espiritual fora da matéria? É neste ponto exatamente que estão as respostas do Espiritismo como filosofia de vivência, e não filosofia teórica.

Diante desta lição — para que mais?

("Obreiros do Bem" — Rio de Janeiro — RJ — março de 1978.)

38 FRUSTRAÇÃO E REENCARNAÇÃO

O problema vocacional é de todos os tempos. Existe em todos os campos da atividade humana. A falta de vocação para certos tipos de trabalho responde na realidade por muitas frustrações, justamente porque nem todos conseguem superar o problema, de modo que muitos elementos contrariados em suas vocações

se sentem como que inferiorizados ou marginalizados quando não podem seguir a carreira de seus ideais.

Há frustrações que chegam a causar um desencanto profundo e de conseqüências imprevisíveis, com repercussão muito séria na própria organização psíquica. Há muitas pessoas, no entanto, e felizmente, que contornam logo a situação, adaptando-se a novos campos de atividades e *tocam a vida para a frente*, como se diz na linguagem do dia-a-dia. Em suma, não se deixam vencer pela frustração.

As contingências da vida e o meio em que cada qual enfrenta as suas dificuldades nem sempre favorecem a realização de uns tantos objetivos. Vemos médicos que gostariam de ser engenheiros; negociantes de secos e molhados com vocação para a Medicina ou para a Literatura, porém as injunções de família, de época e de ambiente não lhes abrem perspectivas satisfatórias. Padres que aceitaram a batina sem vocação sacerdotal, mas por pressão da família e por força de uma tradição que vinha de muito longe. Um deles me disse, certa vez, *que tinha mais queda* para o comércio ou para a indústria, mas teve de ceder a motivos maiores e mais fortes... Conheci um homem público, titular de um cargo de grande responsabilidade na administração do país, mas um pouco deslocado, porque desejava realizar-se na vida como professor. Era, para ele, a mais bela carreira do mundo e, por isso, desabafou assim: "Estou aqui neste cargo, mas nasci para professor." A necessidade, porém, de ganhar o suficiente para manter a família com dignidade e ainda um conjunto de razões políticas e afetivas fizeram-no deixar a cadeira de professor, cadeira que ele tanto amava, para assumir posição relevante, mas inteiramente alheia à vocação que sempre alimentara.

Se é razoável que muitos casos de frustrações sejam levados à conta de fatores circunstanciais, principalmente por causa das próprias mudanças sociais, outros casos, entretanto, certamente mais específicos, nos fazem pensar na reencarnação como explicação plausível. Não seria uma regra geral. Já se sabe que a falta de oportunidades, provocada pela concorrência, cada vez maior nos grandes centros urbanos, e ainda pela redução do mercado de trabalho, incapaz de absorver adequadamente todas as categorias de profissionais especializados, produz desencontros e frustrações bem acentuadas. Por isso mesmo, muita gente se vê obrigada, por necessidade, a desviar-se para uma profissão com a qual não tem a mínima afinidade. E quantas e quantas pessoas, hoje em dia, trabalham porque precisam viver, mas não sentem propriamente o que estão fazendo! Por quê? Exatamente porque estão fora de seu campo de produção, não estão no seu elemento. Nenhum profissional se sente realizado quando não está situado na faixa de trabalho para a qual se preparou cuidadosamente e com muito esforço para alcançar um ideal. Não havendo outra opção, quem precisa trabalhar aceita o que aparece, mas não deixa de ficar frustrado, ainda que não o demonstre. O desvio das aptidões é um fenômeno social dos mais característicos de nossa época.

Mas é a evidência de uma situação, havendo também os casos de pessoas que somente mais tarde, quando já não podem mudar o rumo da vida, descobrem que não têm vocação para a carreira que abraçaram e da qual não podem mais sair.

Não podemos deixar, todavia, de considerar certos casos à luz da reencarnação, sem chegar a termos absolutos de generalização pura e simples. E não haverá porventura frustrações configuradas em *provas*, no caso de Espíritos que reencarnam já comprometidos? É uma formulação logicamente admissível no quadro reencarnatório. Há frustrações profissionais, sentimentais, intelectuais, políticas, empresariais, etc. São tantas, por exemplo, as pessoas que se confessam frustradas, e sofrem muito com a frustração, porque não puderam ter filhos... Não nos esqueçamos da Questão 258, de "O Livro dos Espíritos", segundo a qual ao traçar o plano de sua nova existência, na Ter- .1 a, o Espírito escolhe o gênero de vida apropriado à experiência que terá de viver. Por sua vez, os conhecimentos adquiridos não mais se perdem. Isso está na Questão 218. Ao reencarnar, o Espírito vem com a bagagem de conhecimentos, dentro de uma *armação* que lhe permite familiarizar-se facilmente com trabalhos e gestões que anteriormente lhe eram habituais. Reencarnar, portanto, com algumas habilidades, mas luta muito, quebra lanças e nunca chega ao ponto definido a que gostaria de chegar. Azar? Má estrela? Capricho do destino? Ora, tais expressões não entram no vocabulário espírita.

Um indivíduo inescrupuloso na administração dos bens dos outros, suponhamos, tendo-se prevaletido de sua inteligência e perspicácia para despistar e "enrolar", naturalmente não perde a experiência que trouxe do passado, não deixa de ser inteligente ou "vivo", como se diz, mas está na faixa natural de uma prova dura: apesar de ter jeito e habilidade, ser muito diligente na luta pela vida, não encontra um caminho, uma chance para a sua vocação de homem de negócios, apesar de revelar muita aptidão para as operações financeiras. Poderia ser um diretor de um banco, um homem de empresa, um auditor financeiro, porque tem muita *bossa* para o ramo, mas o certo é que não consegue vencer nesse terreno e termina trabalhando em atividade completamente incompatível com a sua vocação. Tudo, afinal, lhe é contrário ou negativo. Não teria ele feito mau uso dos talentos noutra existência, por ter sido *esperto* demais? Agora, amarga a frustração, decorrência da lei de causa e efeito.

Um médico que cometeu delitos no exercício da profissão, não se sabe quando nem onde, mas no decorrer de outra existência, não poderá voltar a este mundo com a prova da frustração? Estuda, empenha-se de todos os modos, mas não realiza o ideal de ser médico, pois a maré está sempre contra, como fala o dito popular. É um raciocínio admissível na lógica da reencarnação. Afinal, ele corre atrás das oportunidades, porém... elas fogem...

O mecanismo, porém, da reencarnação, não é unilateral pois os casos individuais são também muito variados. A reencarnação também pode abrir uma perspectiva

reabilitadora, proporcionando ao indivíduo condições de ser médico novamente, desta vez para fazer o que pôde e não fez na outra existência. É quando então a criatura aproveita a oportunidade e se torna humanitária, devota-se ao bem do próximo, ainda que venha ou não a ser famoso ou consagrado em seu meio profissional. São considerações perfeitamente cabíveis na interpretação reencarnacionista.

Embora saibamos, finalmente, que a frustração profissional tem muito o que ver com os problemas conjunturais de ordem econômica, política, cultural, etc., não devemos desprezar determinados aspectos nos quais se pode admitir a manifestação da Justiça Divina, seja através de uma prova, em forma de frustração, quer na profissão, quer na vida intelectual, quer na vida familiar, seja através de oportunidades para que o Espírito devedor encontre meios de reparação, tanto faz na condição de técnico, negociante, comerciário, mecânico ou literato. O bom uso dos talentos deve ser uma preocupação constante em nossa vida, o que infelizmente não levamos em conta quando estamos no apogeu da glória ou do êxito. Por isso, muitas frustrações deprimentes nos levam a reflexões muito sérias neste ponto. A Lei de Deus é sábia.

("Jornal Espírita" — São Paulo — SP — fevereiro de 1982.)

Nota do compilador: Permitido me seja acrescentar aqui um adendo a esta análise muito bem elaborada por Deolindo Amorim no sentido seguinte: Há pais que forçam os filhos a seguirem uma carreira profissional porque seja mais rendosa, porque lhe venha a dar mais *Status* (!), em detrimento das vocações, das tendências, das inclinações dos rapazes ou das moças, com isto criando situações realmente lamentáveis — aquela em que alguém exerce uma atividade quando se sentiria muito melhor noutra de sua eleição. Como pais devemos pensar muito sobre isto... Não padece dúvida de que os pais querem, via de regra, o melhor para seus filhos queridos. No entanto, precisamos respeitar o seu livre-arbítrio e, antes de fazê-los homens de *bens*, importa fazê-los homens de Bem!

39 VISÃO ESPÍRITA DO HOMEM

Já se sabe que o perispírito não é uma invenção do Espiritismo, como não é um conceito abstrato. É um elemento real, que tem propriedades e toma formas visíveis. Com o Espiritismo, entretanto, em virtude das experiências mediúnicas que já se acumularam até hoje, o estudo deste corpo intermediário necessariamente se tomou mais específico, permitindo que se lhe reconheçam propriedades relevantes no mecanismo psicofisiológico. Além de outros autores, considerados clássicos na literatura espírita, Gabriel Delanne dedicou boa parte de seus trabalhos ao perispírito, e trouxe, por isso mesmo, uma contribuição significativa e ainda válida em toda a plenitude. Estudou ele, por exemplo, as provas da existência do perispírito — sua utilidade — seu papel, no alentado livro "O Espiritismo perante a Ciência". E, assim, em toda a obra de Delanne, realmente

portentosa, há o que se estudar e pensar a respeito do perispírito. Não se precisaria fazer referência a outros, aliás bastante conhecidos no meio espírita, porque não temos objetivo de erudição neste breve comentário. Queremos acentuar, sim, que o perispírito ou mediador fluidico tem funções próprias no composto humano, não é uma criação imaginária, não...

Na antiguidade oriental, como na grega, como entre doutores da Igreja, admitiu-se claramente a existência de uma *substância*, de um corpo, um elemento equivalente, afinal de contas, entre as duas realidades fundamentais: a matéria e o Espírito. Os nomes são diversos e, por isso, há uma infinidade de expressões para traduzir a significação do perispírito, da terminologia espírita, no conjunto psicossomático. Existem até uns tantos preciosismos de linguagem, verdadeiras sutilezas verbais para dizer o que seja, no fundo, esse corpo *bioplásmico*, segundo a moderníssima denominação resultante de experiências realizadas na União Soviética. Há contextos espiritualistas em que se encontra o perispírito dividido ou apresentado sob outras rubricas, com as especificações que lhe são atribuídas. Mas o que é fundamental no caso é a existência, necessária, de um elemento que se interpõe no binômio corpo-Espírito. A Doutrina Espírita prefere chamá-lo simplesmente de perispírito, com explicações acessíveis a todos os níveis de instrução.

Sob o ponto de vista histórico, entretanto, além do que já se encontra em velhas fontes orientais, como noutros ramos da literatura antiga, convém considerar que a Escolástica primitiva, muito influenciada por Platão e Agostinho, também admitia a constituição trinária do ser humano. Assim é que, na obra 'Teologia Dogmática', da lavra de Bernardo Bartmann, volume, Edições Paulinas, encontramos este trecho:

1) A alma habita numa casa que lhe é essencialmente estranha; o corpo é o albergue, o hábito, o recipiente, o invólucro da alma; além de semelhante imagem, é também usada a do matrimônio;

2) o corpo e a alma estão unidos por um "spiritus physicus", que serve de intermediário;

3) corpo e alma estão unidos pela personalidade como em uma espécie de união hipostática.

Este o trecho desta obra católica. Tão forte lhe parece a união da alma com o corpo, com a intercalação deste "spiritus physicus", que funciona como intermediário, que o autor chega a compará-lo a uma espécie de união hipostática, isto é, a união do Verbo divino com a natureza humana. A ideia de um *invólucro ou intermediário*, uma vez que o Espírito precisa de um revestimento para que possa conviver com o corpo, faz parte dos contextos espíritas, sejam quais forem os nomes que se lhes dêem. É o perispírito, sem tirar nem pôr.

Como o perispírito, a reencarnação, por sua vez, também já teve adeptos na Igreja, embora contra ela se tenha pronunciado e firmado sentença o Concílio de

Constantinopla. Mas o certo é que Orígenes, teólogo e exegeta, defendeu a tese da preexistência, o que, aliás, é fato muito citado. Outros teólogos, como se sabe, adotaram a tese *criacionista*, isto é, a criação da alma com o corpo ou para o corpo. Justamente nesse ponto um dos maiores doutores de sua época — Sto. Agostinho — se defrontou com dificuldades para conciliar a criação da alma com o *pecado original*. Quem o diz é ainda Bartmann, na obra já citada ("Teologia Dogmática"). Vejamos:

"Se incompreensível que a alma derive do ato corpóreo da geração, todavia também o criacionismo apresenta não pequenas dificuldades. Já Sto. Agostinho não sabia explicar como a alma, criada por Deus, podia nascer com o pecado original. A dificuldade conserva o seu valor também para nós... Outra dificuldade pode surgir da consideração de uma criação contínua até o fim do mundo, de um número incalculável de atos diretos de Deus."

São palavras do autor católico, mas a chave do problema, como denuncia o referido autor está justamente nesta decorrência da tese criacionista:

"Pareceria, por fim, necessário admitir uma cooperação imediata de Deus, nas numerosas gerações manchadas pela culpa. Não se pode responder à primeira dificuldade senão recorrendo ao mistério do pecado original."

Ora, acrescentamos nós, no mistério esbarra tudo. Não há mais saída para o raciocínio... Contrapondo-se à ideia da criação do Espírito juntamente com o corpo, a Doutrina Espírita propõe outra análise do problema nos termos expostos em "O Livro dos Espíritos", Questão 222:

"Donde vem a aptidão extranormal que muitas crianças em tenra idade revelam, para esta ou aquela arte, para esta ou aquela ciência, enquanto outras se conservam inferiores ou medíocres a vida toda? Donde, em certas crianças, o instinto precoce que revelam os vícios ou para as virtudes, os sentimentos inatos de dignidade ou de baixaza, contrastando com o meio em que elas nasceram?"

Se, então, realmente, o Espírito fosse criado por Deus no ato do nascimento, seria o caso de admitir, ainda que por absurdo, criação de indivíduos que nascem com tendências para a perversão ou para a delinquência. Seria obra de Deus?! A tese da preexistência da alma explica as inclinações inatas para o Bem ou para o Mal, embora a Doutrina Espírita não negue a influência fortíssima da educação, do meio social, da cultura e de outros fatores contingentes. Mas o Espírito, ao voltar à Terra, pela reencarnação, traz certa bagagem de conhecimentos, virtudes ou vícios, responsáveis pelo curso de sua existência, com todos os altos e baixos deste mundo.

Deus não iria criar para a vida um Espírito que já estivesse *marcado* com as paixões inferiores. Todos começamos simples e ignorantes — ensina a Doutrina — mas o próprio arbítrio, que é indispensável à experiência individual, pode desviar o Espírito da rota mais justa e levá-lo aos despenhadeiros morais. Simples e ignorantes — eis a expressão textual de "O Livro dos Espíritos", Questões 115,

121, 133 e 634. É o ponto de partida. Daí por diante, cada qual adquire sua experiência através das vidas sucessivas. É um princípio que nos faz compreender a responsabilidade individual, ao passo que, se admitíssemos a criação juntamente com o corpo, chegaríamos a esta conclusão fatal: se a criatura é má, se abusa de suas faculdades ou de seus recursos para dar expansão a tendências viciosas, não é responsável por seu procedimento, uma vez que nasceu assim, foi criada por Deus, colocada no corpo, ao nascer, com todas as suas mazelas morais. No entanto, o princípio da responsabilidade individual é válido no tempo e no espaço, segundo o ensino do Espiritismo.

Outra é, portanto, a perspectiva da reencarnação, que já teve adeptos no seio da Igreja, embora condenada mais tarde como heresia. O desenvolvimento do Espírito modifica o perispírito, e este, pela ação plasmadora, tem influência sobre o corpo. Como já vimos, não apenas Platão, luminar da constelação grega da antiguidade, esposou a concepção trinária do homem, mas entre os escolásticos também houve partidários desta concepção. O homem tríplice não desagrega a unidade básica do EU. Com esta visão antropológica, a Doutrina Espírita situa o homem na Terra em relação ao presente e ao passado, apontando-lhe o caminho do futuro, sem ilusões nem quimeras.

("Obreiros do Bem" — Rio de Janeiro — RJ — agosto de **1976**.)

40 REFLEXÕES SOBRE A PRECE

"Há tanta ciência na prece, como na máquina loco- motora; há tanta ciência na inspiração, como no microscópio e no fio telegráfico." Frase do pregador e médium hindu Chand Mitra, conforme lemos no livro "Bases Científicas do Espiritismo", de Epes Sargent, numa edição da Federação Espírita Brasileira.

Estão aí as palavras de um homem voltado para as coisas do Espírito e, não, de um homem de laboratório. Talvez por isso mesmo, as palavras de Chand Mitra não tenham, como se diz, muito *peso*, para as pessoas que não admitem correlação entre os conceitos científicos e as especulações acerca do mundo espiritual. Para tais pessoas, porque encaram a ciência somente pelo prisma objetivo, dentro de uma conceituação muito formal, seria até um despropósito falar sobre problemas subjetivos em termos de ciência. Sob este ponto de vista, portanto, a prece nada teria que ver, com a ciência. Então, a assertiva de Chand Mitra de que "há tanta ciência na prece, como na máquina locomotora" poderia muito bem ser afastada de qualquer contexto científico e ficar apenas no domínio da fé. Poderia ser também uma frase literária, sem conteúdo substancial. Mas a prece tem um mecanismo e exerce ação sobre o nosso psiquismo. Não é, pois, um ato inteiramente destituído de interesse científico.

Se a prece, quando firme e ardente, como já o demonstrou a experiência, aciona forças psíquicas que são capazes de influírem em determinados fenômenos fisiológicos ou de exteriorizar seus efeitos no ambiente, modificando reações por força de seu teor vibratório, naturalmente é uma expressão de energia espiritual, embora ainda não estudada em todos os aspectos. É certo que há muita prece sem vibração, sem vida, mas daí não se deve concluir que a prece não tenha significação como objeto de estudo especial, fora do campo exclusivo da fé, principalmente quando considerada em seus efeitos, não apenas morais ou espirituais, mas em relação à estrutura psíquica e ao organismo, em muitos casos. Muita gente confunde a verdadeira prece com a simples *reza*, que consiste apenas na recitação trivial de palavras decoradas e, por isso, não traduz propriamente o estado d'alma, porém simplesmente a rotina das práticas devocionais.

A prece fervorosa movimentava forças latentes e opera fenômenos que tanto podem criar o bem-estar íntimo como levar o Espírito a um desses "transportes" em que o ser humano se sente fora de si, momentaneamente, como se não mais estivesse sob a ação da matéria. Há prece que chega a neutralizar uma dor física, tal sua força. Que é a prece, senão a projeção do pensamento? Muitos videntes já viram e descreveram a auréola fluídica que se forma em volta das pessoas que oram com elevação e desprendimento. Há, portanto, alguma coisa concreta no mecanismo da oração. As formas do pensamento fora do corpo já foram estudadas por homens da categoria científica de Bozzano e outros.

Não há despropósito na frase de Chand Mitra quando afirma (permitam a repetição) que "há tanta ciência na prece, como na máquina locomotora" pois os efeitos da oração, já observados em diversos aspectos, não são destituídos de interesse científico, desde que não coloquemos o conceito de ciência dentro do ângulo restrito das verificações materiais. Claro que não seria admissível estudar a dinâmica da prece como se estuda uma força física ou como se capta a vibração de um corpo. Em sua maneira de dizer, naturalmente para dar mais ênfase à sua ideia, Chand Mitra faz sentir que há tanta exatidão na prece quanto na comprovação de um fato objetivo, que é o movimento da máquina. E a experiência porventura não o demonstra à luz de inúmeros testemunhos?

Flammarion relata o caso de um seminarista, que, tendo tomado, por engano, um trem que não era o de seu percurso, no interior da Itália, ficou desorientado e exaltado quando deu pelo engano, durante a viagem. Chegou mesmo a atirar-se pela janela, pois teria que chegar à sua cidade, sem falta, naquela noite, mas havia entrado noutro comboio.

A certa altura, porém, resolveu fazer uma oração, a seu modo, e pediu auxílio à Virgem, de acordo com a sua fé, ou talvez ao santo de sua devoção. De certo ponto em diante, o comboio começou a diminuir a marcha e, por fim, parou exatamente na estação onde deveria desembarcar o seminarista. Foi uma parada imprevista. E por que parou o trem?... Porque o maquinista viu uma religiosa, vestida de branco, com

duas outras senhoras na linha do trem. E não saíam da frente.

O rapaz saltou na plataforma com explosões de alegria, dizendo que recebera um *milagre* de São Francisco. Para ele, um *milagre*-, para nós, um caso de aparição de Espíritos que, pela ação da prece, não importa o culto religioso, tomaram a forma humana e se postaram diante do maquinista, até que ele parasse na estação, pois era justa a súplica do seminarista. Imediatamente desapareceram e, com espanto dos passageiros, ninguém viu para que lado seguiram. Isto aparece relatado no livro "A Morte e seu Mistério", de Camille Flammarion, edição da FEB.

E quantos fatos desta ordem poderiam ser extraídos da literatura espírita, como das crônicas das religiões! Mas a Doutrina Espírita adverte: "O essencial não é orar, mas orar bem." ("O Livro dos Espíritos", Questão 660.) Nem toda prece é justa, ainda que seja fervorosa. Nem todas, portanto, podem ser atendidas, como ensinam os mentores espirituais, a cada passo. Orar bem significa orar com humildade e de consciência aberta, pois se é certo que a prece não pode modificar as leis supremas nem o curso da Natureza, também é certo que pode dar mais força e mais lucidez ao Espírito, a fim de que compreenda e enfrente a situação, por mais desesperadora que seja. Os fatos aí estão. Embora seja um ato muito íntimo, muitas vezes em silêncio, a prece, em determinados casos, provoca reações impressionantes no estado geral da criatura humana, com incidência na sensibilidade física.

São fenômenos de interesse também no estudo científico da prece, pois a ação magnética oferece um campo de observações. Não é o caso, porém, das preces formais, que não conseguem *sacudir* a alma ou não chegam a tocar o *eu* em suas profundezas.

("Desobsessão" — Porto Alegre — RS — setembro de 1976.)